JULIO CESAR MACHADO

QUADROS DO CAMPO E DA CIDADE

C J

A. A. C. Monteiro

LISBOA
LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR — EDITOR
77—Rua Augusta—81

QUADROS DO CAMPO E DA CIDADE

JULIO CESAR MACHADO

QUADROS DO CAMPO

E

DA CIDADE

LISBOA
LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR — EDITOR
77 — Rua Augusta — 81

Fazia gosto n'aquella noite estar no eirado da quinta das Olaias.

Estremecia o trigo com a brisa tépida do cair da tarde. Já vinham recolhendo os rebanhos, por entre as exhalações das médas de feno nos celleiros e dos vapôres dos vinhos nas adegas.

Os fidalgos, como por aquelles sitios lhes chamavam, estavam no eirado a tomar o fresco no centro de toda aquella abundancia e promettimentos da fortuna.

O *fidalgo*, Alipio Nonnato de Arboes Gentil e Manço, tinha quarenta annos. A *fidalga* vinte e oito. A saude do cavalheiro era satisfatoria, apesar d'elle disfructar a gordura esverdeada e luzidia que não

serve de indicio de bem estar do corpo... nem do espirito; cara triste, de certa tristeza tolla que não accorda sympathias; não fazendo bulha no mundo, excepto quando trepava alguma ladeira, porque respirava muito forte e alto, e gosando creditos de valente, por haver sido, ao que se dizia, mui desembaraçado nos tempos da Maria da Fonte como patente grande de um *bataréo* qualquer.

A *fidalga*, D. Isabel Margarida era senhora pallida, fria, concentrada, reflectindo muito, e com mais ares de bonita que de boa; cabello castanho, olhos esverdeados—côr do mar quando vae ser perfido, semblante pensativo, figura esbelta, e ao de cima de tudo isto um não sei que de desejos reprimidos, de paixões adormecidas mas que não estavam mortas. Scismava a gente ao vêl-a no que não haveria podido ser creatura tal: arrastava comsigo a fadiga como que á espera de uma luz, a luz do dia ou a do amor; parecia avarenta: não no trajo que era elegante, mas nos olhos invejosos com que via os haveres dos mais. Era interessante, apesar d'isso; dava que pensar a quem fazia reparo n'ella, e mulheres assim dispõem dos corações, espelhos em que as illusões se reflectem. Diga-se todavia, e diga-se já, que eram austeros os creditos que corriam a seu respeito; os *fidalgos* não eram muito queridos no sitio, mas grandemente acatados pela boa propriedade que alli tinham, e pelas virtudes

e prendas da senhora; D. Isabel ia muito e muito á egreja, não tanto pelo Deus que lá estava, como pela protecção que lhe resultava do clero; e a saloiada dos arrabaldes, a trabalhar nas terras ou ao passar na estrada, dizia sempre quando a avistava: —Lá está a santa no mirante!

Passeiavam os fidalgos, a tal noite, no miradouro, que ficava no topo da quinta e deixava vêr os campos virentes da sua fazenda vastissima. O filhinho, de onze annos, tinha vindo pedir-lhe a benção e dar as boas noites. O olhar da mãe ao fixar-se n'elle brilhara n'um relampago de paixão verdadeira.

Continuaram a passeiar calados por mais alguns instantes, quando o fidalgo deixou, como sem querer, escapar estas palavras:

—E para onde havemos de ir em estando vendido tudo isto?

—Vendido! redarguiu a esposa.

—Que remedio?! Estou em presença de necessidades absolutas, e é melhor dizer-te já a verdade do que deixal-a estalar depois por um sequestro dos bens!

—Não póde ser; é uma catastrophe imaginaria; não é possivel que estejas n'essa extremidade!

—Não t'o tenho dito ha mais tempo porque é penoso fallar de coisas d'estas; devo muito, e se o Joaquim Bruno puzer em pratica a ameaça que me fez, não me chega o que tenho—só para lhe pagar a elle!

—Com que, assim dissipaste no jogo e nas extravagancias o dote de tua mulher e o pão de teus filhos! Quanto deves?

—Trinta contos.

..—Está feito! Julguei-o mais largo assim mesmo nos desvarios da sua estroinice infame! Escuta.... Ahi temos visitas, se não me engano. Que ninguem possa ler-nos no rosto o que se passa dentro de nós. O respeito é o credito!

E os dois fidalgos compozeram o semblante com sorriso tranquillo e jovial, para reconhecer a visita que chegava.

A estrada passava por baixo do mirante. Parava n'esse instante á porta um d'aquelles carros que figuram de sege na maior parte das nossas estradas, coberto apenas de um toldo de oleado e puchado por um machinho. Alipio e D. Isabel debruçaram-se para vêr quem vinha. Um olhar de relance da fidalga permittiu-lhe conhecer um vulto indeciso no fusque-fusque do cair da tarde.

—A Luiza!—exclamou. Que audacia!

O *fidalgo*, supponho que para saborear a resposta, perguntou simplesmente a sua mulher:

—Ella ainda vem a ser tua prima, não é assim?

—Vá depressa, veja se apanha algum dos creados ou o caseiro para que digam que não estamos em casa.

Mas n'essa occasião já ia descendo do carro uma senhora que deu um beijo n'uma creancinha, que

ficou dormindo ao collo da criada; o caseiro indicou-lhe o miradouro e offereceu-se para a acompanhar, mas Luiza que parecia saber bem o caminho despensou-o d'isso e embrulhando-se no chaile foi andando, até encontrar o fidalgo.

Ficou o cavalheiro sem saber de si, tanto mais que um resto de claridade do crepusculo deu de chapa n'uma physionomia encantadora. Luiza era trigueira, cabello e olhos pretos, e aquelle tom de tristeza que dão as saudades; baixinha, graciosa, da mesma edade da prima Isabel, mas mais sympathica do que ella. Alipio Nonnato dava tratos á imaginação para resolver como havia de modificar as ordens inflexiveis de sua esposa, quando esta appareceu em pessoa, dispensando-o dos embaraços de uma combinação, com a qual não atinava por mais que fizesse. Vinha cheia de ira, e foram logo estas as palavras que soltou:

—Que significa esta visita?

N'uma palavra vae ás vezes a alma de uma pessoa; a alma da fidalga das Olaias foi por esta maneira dura e glacial como que empurrar Luiza pela escada abaixo. Esperava ella por outro acolhimento, mas percebeu logo que tinha diante de si quem lhe queria mal. Não teve animo todavia de esquecer o passado, e respondeu á fidalga, depois de haver feito a diligencia de lhe apertar a mão:

—Vim procurar-te, minha Isabel, porque preci-

sava de quem me consolasse, e porque me lembrei que....

—Não se lembre de coisa alguma. A culpa não é minha se quando eu fallava com uma menina de quinze annos, que era minha prima, tratava com uma infeliz que estava reservada para tão má sorte. Deixei de ser sua parenta, e menos ainda amiga sua. É diverso o sangue que nos corre nas veias; é puro o meu; o seu, febril. Deveria ter-se lembrado d'isso, antes de bater á minha porta; sou mãe, e o mundo respeita-me.

—Tambem eu sou mãe, redarguiu Luiza, caindo n'um banco, quebrantada antes pela magoa que pela humilhação, e foi por amor de meu filho unicamente que tive forças para vir aqui!

Escurecera de todo, e principiou a entroviscar-se o tempo. O fidalgo disse:

—Temos trovoada! Ó Isabel, tenho immensa pena que tenhas explicações d'essa natureza com tua prima, mas, assim como assim, valia mais irmos para a sala. Está a mudar o tempo, e tua prima provavelmente quer pedir-te alguma coisa... Vamos para dentro.

—De maneira alguma. Já não é pouco que haja entrado aqui.

—Ah! exclamou Luiza. Não merecia ser assim tratada! Vou dizer a verdade toda, para que não me julguem mais culpada do que sou...

—Deixe, deixe! interrompeu a fidalga; não ha mais ou menos em situações d'essa ordem; ou a gente se perde, ou não. A minha casa é que nunca veio até hoje gente perdida!

D. Isabel ia affastar-se, quando Luiza lhe gritou:

—Oiça. Deu-se comigo esta desgraça, como se dá com as mais. Gostei de um homem. Não sabia o que me esperava, nem o que era a vida. Quando saí do convento, onde cheguei a suppor que seria para mim uma irmã, não encontrei, como a prima, familia que me protegesse. Deixara-me entregue uma parente velha, cuja pobresa eu sobrecarregava, ás tentações da occiosidade e do desleixo. Quiz Deus que encontrasse então no meu caminho um moço sympathico e distincto. Era doente e triste: interessei-me por elle, e pareceu-me ser menor o meu erro por não poder esperar sequer que o seu nome m'o resgatasse: o dó é o peor dos seductores; elle ia morrer á Madeira; fui com elle. Expirou-me nos braços. Fiquei com um filhinho, que o testamento do pae fizera rico, e, como desejava vêl-o honrado e que o mundo intendesse que merecia perdão o seu nascimento, lembrei-me da prima Isabel, que, acolhendo-me no sanctuario da sua familia e dando-me a mão em publico—podia salvar-me. Custa-me bem haver-me enganado; a justiça chama-se assim porque castiga; póde ser, apesar de tudo, que não fosse a prima quem me devesse castigar. Embora! Talvez

Deus me perdôe as culpas que tenho, depois de m'as ter feito expiar...

Abafaram-se-lhe as ultimas palavras na bulha que fazia o cair da chuva.

Luiza foi descendo a escada a chorar, entrou para o carro, e disse ao cocheiro que parasse na estalagem que alli ficava proxima. O fidalgo disse ainda não sei o quê a sua mulher a proposito do mau tempo, mas D. Isabel respondeu-lhe que convinha ser cruel para poder ser respeitada.

Quando o carro ia a sair da quinta, chegava um portador com uma carta, que fez empallidecer Alipio Nonnato; tivera tempo de a ler á claridade das lanternas do carro, que partia.

—O que é? perguntou D. Isabel.

—O Joaquim Bruno avisa-me que manda cá o filho para a decisão do negocio.

—Quando?

—Ámanhã.

—Pois ámanhã verás se não tive rasão agora! disse a fidalga recolhendo para casa.

A estalagem onde Luiza pernoitou era no centro de um logarejo que ficava proximo da quinta das Olaias.

Chegar um carro, já de volta da quinta por um tempo d'aquelles, o chale da senhora a escorrer agua se Deus a dava, a aia e a creancinha a dormirem, foi objecto de grandes commentarios na locanda.

Era indigna å estalagem para tal hospede; os quartos deitavam para uma galeria aberta d'onde se descia para o pateo. Deu-se-lhe a melhor alcova, mas era tão fria que preferiu ir para a cosinha, sentar-se um instante junto dos almocreves para seccar da chuva o fato á brazeira.

O dono da estalagem espalhava por alli uma pergunta ou outra, a ver se lograva saber que significação tinha aquella retirada subita da quinta, mas não foi senhor de obter resposta que o satisfizesse.

Depois, como Luiza não conseguisse espalhar de todo o véo de tristeza que lhe annuviava a fronte, o locandeiro deixou-se adivinhar que ella fôra mal recebida, e principiou a tratal-a com maiores attenções do que até então, do que se conclue que o homem era inimigo dos fidalgos das Olaias.

D'alli a nada Luiza foi para o quarto, deitou o filhinho, e, depois de rezar a Nossa Senhora para que olhasse sempre pela tenue creaturinha que não tinha n'este mundo senão ella, adormeceu quasi contente ao som do cair da chuva.

No dia immediato, levantou-se de manhãsinha, seriam cinco horas; estava-se na primavera e havia já muito que resplandecia o sol como a prometter um dia formosissimo para ir de jornada.

Não havia no logar senão carros de matto; deu ordem para que lhe mandassem buscar uma sege a

tres legoas d'alli. Depois, á janella, ao vêr aquelles sitios que lhe acordavam lembrança dos primeiros annos da sua infancia e para onde appelára como unica esperança no futuro, apertou-se-lhe o coração de pena. Que remedio, já que a haviam repelido, que remedio tinha senão partir e ir fosse onde fosse, com tanto que não soubessem que aquelle filhinho não tinha direito a ser seu. Vestiu-o, poz-se a conversar com elle na graciosissima lingua de trapos, que só as crianças de tres annos e as mães entendem; desceu em seguida com elle ao collo e foi apanhar umas flôres silvestres a um vallado, em lembrança dos sitios que ia deixar.

Chegou n'essa occasião á estalagem um moço de vinte e cinco annos, trajo meio do campo e meio da cidade, montado n'um machinho; um selim formidavel, com uma manta em cima, e um capote por cima da manta, erguiam o cavalleiro. As pernas do cavallo iam tão enlameadas que bem se via logo que vinham de longe e por maus caminhos.

O cavalleiro parecia absorto n'uma idéa fixa e ia quebrar a cabeça no portal, se não fôra gritar-lhe um recoveiro que estava prendendo a arriata de uns burros a uma argola:

—Eia! Ó home, você é cego?

Depois, conhecendo-o:

—Olhem! Olhem! É o *sôr Fed'rico!* Cá *sôr Fed'rico,* para que passasse você muito bonito, mais o

sôr seu pae que Deus lhe conserve! Ora o *sôr* Fe-d'rico! Isto é que está mesmo uma flôr!...

Frederico deu-lhe os bons dias, apeou-se, e não deixou proseguir a simphonia de conversa com que o saudou o sujeito.

—O Balthasar onde está? perguntou sem demora.

Balthasar era o dono do albergue.

—O Balthasar anda lá para a horta a vêr se a amanha, por que a tem pelos modos que parece um charco; caiu agua basta esta noite!

—Ó de casa? Dêem de comer á besta e arrecadem-a. Já agora não me ponho outra vez a caminho senão lá para a noite, e, isso mesmo, veremos! continuou Frederico com ar triste, dirigindo-se para a horta.

Lá estavam Luiza—e Balthasar, que, entregue todo ao seu trabalho, não déra por ella que andava n'um passinho de pisa flôres, que a humidade das terras tornava ainda mais imperceptivel. De mais a mais ficava escondida por umas arvores onde estava roupa pendurada.

Frederico foi direito a Balthasar sem haver reparado em Luiza. Deixem-me dizer-lhes rapidamente duas palavras a respeito d'elle: era um moço trigueiro, que tinha um olhar agradavel quando se atrevia a fixal-o, e certa expressão energica que dava virilidade á doçura de feições do seu semblante. Fallava regularmente, porque andara estudando com

um padre que havia alli perto, senhor d'uma livraria pulverulenta e respeitavel. Arranhava o rapaz um boccado de medicina, porque convivia muito com o cirurgião do sitio, estava sempre mettido na pharmacia do logar, e o caso é que tanto o boticario como o cirurgião lá tiveram artes de lhe dar certas noções de que o rapaz por vezes tirava bom resultado, accudindo a algum doente que encontrava caido na estrada. O moço tinha boas esperanças de ser rico: o pae era o tal Bruno de quem já se fallou, o ultimo credor do fidalgo das Olaias e o que maiores inquietações lhe suscitava. Diga-se ainda, e com isto largo de mão o retrato, que Frederico não havia ainda tido sequer um namoro nem levara beijos se não nos jogos de prendas da aldeia.

Chegou-se o moço ao locandeiro:

—Ó Balthasar, disse-lhe, você é homem de juizo e quero pedir-lhe um conselho. A que hora póde uma pessoa apresentar-se mais regularmente na casa das Olaias?

—Olé! Então tu que vaes lá fazer? É cantiga alegre ou modinha triste, que lhe vaes cantar?

—É uma especie de os pôr na rua, se o meu coração me não mente. Mais valia que meu pae me désse uma sova do que incumbir-me d'isto. Levo aqui na algibeira uma obrigação de divida para elles me trocarem a dinheiro, e no caso do fidalgo não estar por isto vae lá a justiça ámanhã ou depois!

—Que me dizes? interrompeu Balthasar jovialmente. E é maquia grossa?

—Trinta contos de réis, Balthasar!

—Eia, co'a breca! Trinta contos de réis, redarguiu Balthasar a esbogalhar os olhos. Então o teu pae esteve para alli a enterrar o seu *remedio* na quinta d'aquelles reis pequenos? Gabo-lhe a pachorra. Essa gente não póde pagar isso. E o mais é que estão alli e estão na estrada, e ainda aqui os heide ver a pedir-me um quarto e não m'o pagarem, e tu é que vens a ficar senhor das Olaias em vez d'aquelles impostores. Vae lá quanto antes, homem; a toda a hora é hora de cada um pedir o que é seu!

—Isso é bom de dizer! Sei muito bem que vou pedir o que é nosso, mas sempre custa ir uma pessoa a casa de figurões sem estar costumado a andar por salas, e de mais a mais para uma coisa d'estas!

—Não te faças creança, ó Frederico! Olha que teu pae não se ensaia para te desherdar se faltar uma moeda d'oiro na conta! Nunca me eu enganei com aquelles meninos, que se gosam da fama de abastados e estão com a corda na garganta. Agora é que se vae vêr! Toma tu cautella, não te deixes embrulhar pela mulher, nem te assustes com o marido!

—Não tenho medo de nenhum homem, respondeu Frederico com altivez, e não tenho nada que tratar com a mulher. Adeus, Balthasar; até depois!

Vou despachar isto, e tomara já vêr-me livre de semelhante meada!

Chegou n'essa occasião um almocreve, que chamou o dono da pousada. Frederico e elle foram andando para a porta, e quando o moço passou pelas arvores ouviu uma voz chamar pelo seu nome. Parou pasmado. Balthasar saiu sem vêr que o outro ficava atraz.

Era a voz de Luiza que chamava Frederico, saindo detraz das arvores, e da roupa que estava pendurada nos troncos, e surprehendendo ainda mais o moço com o acrescentar:

—Dá-me uma palavra, faz favor!

Elle estacou.

—Desculpe incommodal-o, sr. Frederico, disse-lhe Luiza.... sorrindo. Devo dizer-lhe antes de tudo que não me compete merecimento algum em saber-lhe o nome; ouvi tudo quanto esteve dizendo agora ao Balthasar.

—Vossa excellencia é a sr.ª D. Isabel?.... pergunguntou Frederico, fazendo-se corado.

—Não sou, proseguiu Luiza, nem nos parecemos. Por que se lembrou d'isso?

—É que me disseram que ella é muito bonita, respondeu o rapaz com a melhor ingenuidade.

—Não sou d'aqui, vou de jornada, mas conheço muito bem essa familia. Fez o accaso com que soubesse o que lá vae fazer, e a esse respeito é que eu

lhe pedia para conversar comigo. De mais a mais ainda agora são seis horas; é cedo de mais, para o fim que alli o leva. Vamos a conversar.

Sentou-se Luiza n'um banco que havia na horta, e insistiu para que o moço se lhe sentasse ao lado, no que elle poz vagar primeiro que consentisse e ainda se encolheu depois o mais que poude.

—Ainda agora ao Balthasar não lhe disse tudo!

—Como, não disse tudo!?

—Não disse tal. Fallou-lhe unicamente de quanto lhe custa ir a casa de uma gente que não conhece; a verdade, porém, é que tem bom coração e que o está ralando a idéa de ser portador de uma desgraça.

—Mas, minha senhora, meu pae não tem culpa d'isso; o fidalgo das Olaias devia saber o que ajustava, e o ajuste faz lei.

—Ora! As dividas tem isso de mau, vão indo, vão indo, e de repente cáem em cima de uma pessoa e esmagam-a. Veja: a esta hora nem sonham n'aquella casa o golpe que lhe vae dar; fiam-se provavelmente em que o tempo dá remedio a tudo, e bastará uma palavra sua para verem fugir-lhes o tecto do seu lar como as vistas de theatro nas magicas. Tem de dizer ao marido, que chegou ao marco da vida em que principia a velhice e não sabe em que ganhar o pão,—que trabalhe se quizer viver: á mulher hade dizer-lhe que foi alli que noivou, e lhe cumpre agora deixar para sempre a quin-

ta em que passeava e a alcova em que dormia, por que já não é lá senhora de coisa alguma, e a põe na rua. Não ha pranto nem supplicas, ha meia folha de papel sellado e uma assignatura reconhecida pelo tabellião, que supprime os remorsos... Diga lá, sr. Frederico, tem animo de ser tão mau?

O moço commovera-se. Acordava-lhe o coração aquella voz, e Luiza apparecia-lhe na vida como uma luz subita...

—Vossa excellencia diz muito bem, minha senhora, e se eu podesse...

—Pois não póde nada para com seu pae?

—Nada!

—Então seja bom por si só.

—Tenho ordem de ser implacavel.

—Quando hade a justiça principiar a perseguil-os se não pagarem?

—Ámanhã.

—Quem me déra a mim que nos conhecessemos ha mais tempo, para vêr se o levava a conseguirmos que seu pae, mesmo sem querer, fizesse uma boa acção. A Isabel é minha prima, foi sempre boa para mim, e desejava que este nosso encontro lhe servisse de alguma coisa. Custa-me agora ter de partir!

—Vae continuar jornada?

—Mandei buscar uma sege d'aqui duas leguas e deve vir no caminho. Ver-nos-hiamos ainda, e es-

tou que havia de pensar como eu, que é agradavel ser generoso e que tem agora occasião excellente de o ser!

—Porque fórma?

—Conceder espera.

—Era para meu pae me matar, minha senhora. Mas em fim, se bastasse isso, ainda eu poderia ver se....

Luiza fixou-o então mais profundamente do que até alli, ao erguer-se elle n'um impeto de enthusiasmo, e achou-o interessante e simpathico em a coragem e a ternura lhe subindo ao rosto.

—Que mais temos?

—Temos que a minha palavra não valerá de nada, que quanto mais fraco eu houver sido mais cruel será depois meu pae, e que não vejo remedio senão dizer-lhe que não, minha senhora, á unica coisa que provavelmente me pedirá na sua vida!

E sentou-se de novo, mas já então foi Luiza que recuou um quasi nada, assustada talvez pelo tom saudoso das palavras d'elle.

—Não me queira mal por isto. Entremetti-me no que não me diz respeito. Passe muito bem, e vá cumprir as ordens de seu pae; uma coisa só lhe peço—é não dizer a minha prima que me viu.

Foi pela horta adeante com o filhinho pela mão. Ao cabo de uma das ruas avistava-se para lá da egreja a quinta das Olaias n'um outeirinho. A pobre

Luiza.... que tão generosa fôra nos esforços que fizera para que Frederico a attendesse e tão nobremente esquecera a aspereza com que D. Isabel a tractara, colhia por assim dizer n'aquella vista as flores já murchas, mas odoriferas ainda, das recordações da infancia.

Pareceu-lhe estar a ver a prima, quando eram ambas pequenas, dormindo com ella na mesma cama, brincando juntas na quinta, bebendo leite todas as manhãs pelo mesmo copo. Como que lhe renascia a amizade de outr'ora a cada passo que dava. Lembrou-lhe até que talvez fosse de utilidade demorar-se ainda n'aquelle logarejo. Por acaso, ao voltar-se para fechar o portão da horta, viu Frederico encostado melancholicamente no mesmo sitio em que o deixára. Pensaria por ventura que tambem com o ausentar-se ia dar pena áquelle moço, em quem apenas tivera tempo de adivinhar a innocencia e o bom coração? O que sei dizer-lhes é que pareceu ter necessidade de lançar mão de um pretexto:

—Gostavas de ficar por aqui mais uns dias, a brincar e a apanhar das arvores estas perinhas de Santo Antonio? perguntou á creança.

—Gostava, mamã!

—Não queres antes que nos vamos embora?

—Gosto mais de estar aqui a brincar! replicou o pequenito.

—Ó sr. Frederico, disse Luiza.... quer-me fazer o favor de procurar por mim quando voltar da quinta grande? Ainda me demoro por estes sitios.

—Com muito gosto, minha senhora! respondeu o rapaz contentissimo, pondo-se logo a caminho para as Olaias, como quem diz: É ir depressa para voltar quanto antes!

Eram nove horas quando Frederico chegou ás Olaias.

—O senhor não está em casa, disse um creado; mas se quer vou dar parte á senhora.

—Com a senhora não tenho nada que tratar, redarguiu Frederico. A que hora virá o senhor?

—Saiu a cavallo, hade vir jantar; no caso de poder esperar....

—Pois espero.

Foi para uma saleta em baixo, que dava para a sala de visitas. Pegou de um livro que estava em cima da mesa, mas ia-lhe o pensamento para outras coisas. Poz-se a olhar ao acaso, e viu uma senhora sentada n'um caramanchel que ficava á entrada da quinta. Era a primeira vez que via uma mulher que não tivesse ares de saloia, com as mãos vermelhas como pimentos, a saltar á bruta nas contradanças, e sem se lhe dar de que a agarrassem *á mesm'alma* pela cintura. Creatura delicada, de vestido de seda e olhar timido. Frederico não estava namorado de Luiza, mas revelara-lhe ella simplesmente pela

sua presença as seducções da elegancia e do bom gosto.

Estava como que preparado de coração para sentimentos novos; dir-se-hia que lhe havia ensinado de repente uma linguagem que elle não conhecia, embora viesse a empregal-a em fallar a outra; e tanto era assim que principiou a reparar em coisas que lhe haviam escapado na vespera. A saleta para onde o haviam levado ainda não tinha sido varrida nem arrumada n'esse dia; estava para alli, no chão, como que esquecido um sapato. Não era de pé de creança, mas porque artes mettia a dona o pé n'um sapatinho assim? Ao lado da almofada estava um lenço tão perfumado que ia entontecendo a cabeça ao moço; era o lenço d'ella talvez, lenço em que poizara os labios — e que elle não poude conter-se sem levar aos seus.

E pulsou-lhe mais o coração n'esse instante, apesar de ninguem o ver; e haveria ficado menos envergonhado se o surprehendessem a furtar alguma coisa, do que a beijar aquelle lenço....

E ora olhava para o sapato, ora para o lenço, como que a tomar posse d'um mundo novo....

Já não lhe era estranha a dona da casa: penetrára n'um dos pequeninos nadas de sua vida intima; estava com vergonha do fato que tinha no corpo e do pouco que sabia do mundo diante d'aquellas amostras de elegancia....

E, bem que entretido com o que dizia respeito á fidalga, haveria ficado desesperado se visse abrir-se a porta e a fidalga apparecer....

A porta abriu-se, e appareceu a fidalga.

Vinha, com um roupão branco, que não lhe desenhava as formas, mas as deixava adivinhar no ondejar das pregas. Trazia um chaile debaixo do braço e um chapéo de campo, revelando n'isto que lhe era indifferente ir passeiar para a quinta ou ficar alli sentada a conversar. Todo esse arranjo calculado retratava a mulher; traje que lhe ficava bem sem inculcar proposito de agradar: chapeu debaixo do braço, para não impôr ficar nem sair. Bem sabia ella, e mais que sabia, que não teriam de sair d'alli—, e mesmo convinha que Frederico não se tirasse da saleta nem tivesse olhos senão para a ver a ella e não á quinta.

Frederico ergueu-se. O lenço, por divina graça, já estava outra vez posto onde o achára.

—Venho pedir-lhe que queira desculpar meu marido, disse D. Isabel. Tinha sido prevenido da sua visita, e provavelmente não saiu senão para poder dar-lhe resposta mais satisfatoria,—porque, creio eu, vem procural-o por causa de algum negocio, não?

Ia elle a dizer que sim:

—Conheço que não estou no caso de fazer as vezes d'elle, e receio vivamente que se enfade; ge-

ralmente as senhoras não entendem nada de negocios, e eu, confesso o meu peccado, ainda entendo menos d'isso que as outras; todavia se quizesse dar-se ao encommodo de me explicar....

—Esperarei por seu marido, minha senhora.

Bem sabia D. Isabel que não se havia de entrar em explicações; por esse lado estava affastado o perigo, e as idéas do moço poderiam ir para onde ella muito bem quizesse.

—Não veio a pé, vossa excellencia? continuou a fidalga.

O moço por um instante ficou embuchado com a excellencia, como se comesse um marmelo: compoz-se o melhor que poude e respondeu:

—Deixei o cavallo na estalagem, minha senhora.

D. Isabel estava a pensar:

—O credor não me tem ares de perigoso.

Depois:

—Queira sentar-se. Cinco leguas de jornada a cavallo! Por força ha de vir moido! Este lenço é seu?

—Não é, minha senhora, respondeu o rapaz fazendo-se córado com o lembrar-se se ella haveria visto o que elle tinha feito.

—Ai! tem razão! é meu. Esqueceu-me hontem com a trovoada. É que cheira a charuto e eu não fumo! accrescentou, sorrindo.

O moço não sabia quasi de si; a fidalga não ti-

rava os olhos d'elle, percebendo que o lenço servira de accessorio, e que o rapaz estava já namorado.... do lenço.

—Não faça reparo na minha attitude, disse ella encostando a cabeça á almofada e reclinando-se toda. A trovoada d'esta noite perdeu-me de dôres de cabeça; nem pude ir esta manhã á missa. O que vale é que o sr. prior de certo me perdoará em sabendo que estive a fazer-lhe companhia, porque conhece muito o senhor seu pae e já me tem fallado da boa educação que sua familia lhe tem dado. Sei que é muito serio e muito digno, e por isso estou tendo comsigo estes ares de familiaridade, que não teria com qualquer outro.

O moço balbuciou não sei que, que nem se ouviu.

—Tambem sei que foi o padre Anacleto quem o creou nas praticas da religião e o fez muito temente a Deus. É tão bom fallar com quem seja irmão nosso em crenças e saber que é incapaz de dar mau sentido a qualquer coisa que a gente diga!

Frederico não era tão irmão d'ella em crenças como D. Isabel dizia; o padre havia-o feito bom christão, mas o espirito d'elle era um pouco raciocinador: entretanto pareceu-lhe melhor não se privar d'aquelle uniforme de sacristia que tanto o recommendava no conceito de D. Isabel, e deixou-se ficar calado — a olhar-lhe para o pé.

—O seu nome é Frederico?

—Frederico, minha senhora.

—É bonito nome. Eu queria que o meu filho se chamasse Candido, mas o pae quiz que fosse Ernesto. Tenho pena; ha não sei que de poesia no nome de Candido, não ha? Olhe, não se ria de mim por estas coisas que lhe eu digo; não ri, bem sei; se houvesse sido educado n'algum collegio de Lisboa com as idéas d'este tempo, veria com que frieza o tratava: mas é bom catholico, e vae n'isso o que nos torna eguaes.

—Conheço muito bem a distancia que nos separa, minha senhora, sou filho de um lavrador e....

—E eu tenho costella de fidalga? Que grande coisa! Olhe, ha muito tempo que desejava conhecel-o. As Olaias é um sitio bonito, mas é um ermo! O sr. prior, coitado, não póde cá vir todos os dias. Vivemos isolados. Agora que se quebrou o encanto, espero que alguma vez nos fará o favor de galgar a cavallo as cinco leguas que nos separam? Ha de gostar muito de meu filho, e é bem natural que venham a ser amigos visto serem visinhos. Tem doze annos. Que é isso, admira-se? Então, por ventura não pareço ter trinta e tantos? Não diga que não. Verá como lhe agrada meu marido: tem máu genio, mas é um excellente coração, tudo está em o não fazer zangar. Quero que venha a nossa casa muito a miudo. Leremos juntos, estou mais que

certa que hade gostar dos meus livros predilectos; verá como ser feliz é facil, a quem é bom; a paz da consciencia espalha-se no lar. Toda a minha ventura é viver entre a minha familia na tranquillidade d'esta vivenda isolada.

Frederico não foi senhor de responder uma palavra, sem animo de magoar D. Isabel.

—Vamos esperando! disse comsigo. O marido poderá supportar melhor similhante golpe!

—Morro por esta casa, mas tem para mim um grande inconveniente, que é dar-lhe sempre o sol em chapa; ora veja isto! Elle ahi está comnosco. Quer ter a bondade de abaixar o transparente?

O moço estimou ser prestavel, mas sentiu-se logo enleado porque nem sabia o que vinha a ser um transparente—e a combinação dos cordões punha-o em ancias; em vez de o descer fazia-o subir, e, quanto mais pressa queria ter n'aquelle labyrintho de movimentos, menor resultado obtinha. D. Isabel pareceu de repente compadecer-se d'elle, trepou-se n'uma cadeira, e abaixou o transparente; mas tremeu a cadeira, a fidalga teve de se encostar ao hombro de Frederico, e para não cair foi preciso pegar-lhe elle ao collo; então, n'esse movimento rapido, roçaram-lhe pela fronte os cabellos d'ella; passou tudo como um relampago... mas caiu-lhe o raio em cima.

—Feriu-se? perguntou o moço entre a alegria e o susto.

—Não.

Tornou a sentar-se a *fidalga,* mas aquelle instante pôl-os mais familiares do que se passassem o anno todo em civilidades quotidianas. Chegou n'essa occasião o sr. Alipio Nonnato d'Arbues Gentil e Manço, e deu entrada.

—Já por cá! exclamou. Devo alguns favores ao senhor seu pae e tenho a maior satisfação em travar conhecimento com o filho. Vem para ultimarmos aquella...

—Tens de agradecer a este senhor haver-me agora salvado a vida! atalhou D. Isabel.

—Deveras?! ponderou o cavalheiro, meio em duvida.

Frederico balbuciou:

—Se vossa excellencia podesse dispor d'um quarto de hora para lhe explicar os motivos que levam meu pae a...

—Meu marido ainda não sabe que o sr. Frederico apanhou a trovoada d'esta noite, aliáz insistiria como eu para não se cançar hoje a tratar de negocios: tanto mais que provavelmente ha de demorar-se aqui alguns dias!

Ia n'estas palavras uma especie de pedido; o rapaz fez uma cortezia, e ficou sem saber definir que demonio era o que o aparvalhava.

Veio um criado prevenir que o almoço estava na mesa.

Para dizermos a verdade, deu-lhe o presentimento de que iam convidal-o, que havia de dar o braço á dona da casa, sentar-se ao pé d'ella, ouvil-a cantar modinhas e irem depois pela fresca passeiar na quinta. Alipio Nonnato ia a abrir a bocca para lhe offerecer que ficasse, quando sua mulher lhe disse de relance:

—É melhor deixal-o ir!

E Frederico, meio triste por não lhe dizerem nada e com raiva a si proprio por se haver illudido, pegou no chapeu para se ir embora.

—Até ámanhã, sr. Frederico! disse-lhe D. Isabel.

—Até ámanhã, minha senhora.

—Venha a cavallo, para irmos dar um passeio por ahi fóra, sim?

O moço fez outra cortezia, depois fez mais outra, não se lembrou sequer de que não dissera palavra a respeito da divida nem da penhora, e foi scismando, pelo caminho, na triste figura que havia de fazer no dia immediato, encarapitado no seu machinho ao lado de D. Isabel!

Dissemos já que Balthazar não via com bons olhos a familia das Olaias; aqui vae a causa: Balthazar era grande personagem no sitio, havia sido regedor por tres vezes, tinha duas fazendas vastissimas, comprava muito para a estalagem, e, conforme a phrase de

então, dispunha de bons pintos; principalmente em chegando epoca de eleições não havia homem mais importante, todos lhe faziam venia, os ministros mandavam-lhe recados, e nas feiras dos arrabaldes ninguem levava mais barretadas e apertos de mão do que elle; mas de uma vez ou d'outra vinha das Olaias alguma corrente d'influencia contraria, que lhe abalava o poderio; e, em assumptos de religião, divergiam completamente; a familia das Olaias era devota, dava de jantar aos padres no dia da festa do logar, emprestava casa aos missionarios, assistia ás novenas: e o Balthazar, em parte por opinião e em parte por teima, para fazer opposição n'alguma coisa— passava por hereje.

Até o prior da freguezia dizia ás vezes:

—O Balthazar não é mau homem, mas pensa mal!

Os laponios, ao passo que lamentavam que o séu grande Balthazar não fosse mais importante do que os fidalgos da quinta grande, receiavam comprometter-se, e o locandeiro principiou a ver diminuir a sua popularidade. Da sr.ª D. Isabel fallava toda a gente como de uma santinha. O Balthazar moia-se com aquillo, e pôz-se a esgravatar n'aquella santidade, para ver o que haveria por baixo de hypocrisia.

A partida de Luiza da quinta accordára desconfianças em Balthazar; o homem não sabia do caso ao certo, mas andava nos ares para apanhar alguma novidade. Deu uns beijos no pequenito, que estava

a brincar no pateo, pegou-lhe ao collo, deu-lhe um pardalito, que fôra apanhar a um ninho com premeditação tentadora, e disse-lhe pela mansinha:

—Pequerruchinho lindo, então diga-me cá, a mamã hontem estava muito contente quando foram de carro até á quinta grande?

—Estava, estava muito contente por ir dar um abraço na prima!

—Na prima! disse o Balthazar com os seus botões. Olé!

E em seguida:

—Mas não quizeram demorar-se lá?!

—Queriamos.

—E então que é feito do papá?

—Morreu, respondeu o pequeno.

E foi outra vez brincar.

Entrou alma nova em Balthazar. O odio tornou-o lucido. Luiza viera a chorar quando voltára da quinta; signal de que a haviam recebido mal. Porque? Talvez por causa do tal marido que morrera, que talvez não fosse marido. Convinha contar isto a Frederico, se elle se houvesse posto com ceremonias em fallar da penhora aos fidalgos. Descobrira quem podia fazer mal á familia das Olaias; que pexincha!

O moço, todavia, de volta para a estalagem e com o ar fresco da estrada, espalhou a atonia moral que o dominara, e envergonhou-se do comportamento que tivera. Trahira de todo o ponto as ordens do

pae, e a catastrophe não podia deixar de estalar d'alli a horas; a amabilidade de D. Isabel era a sua quimera; á proporção que se aproximava do albergue ía-se dissipando a imagem da fidalga e voltava a de Luiza. Veiu-lhe á idéa haver-lhe ella pedido para o tornar a vêr, e alegrou-se com a lembrança de lhe dar gosto ao menos em não haver tido animo de ser cruel.

Ía de uma seducção para a outra, sem poder conter-se; Luiza dava-lhe feitiço ao coração, D. Isabel aos sentidos.

Passava já da uma hora, não tinha comido nada, e, apesar de estar com pressa de tornar a vêr Luiza, não havia remedio senão attender ao estomago. Passou pela cosinha, recommendou que lhe dessem de comer quanto antes, e sentou-se logo á mesa. Um momento depois entrou Luiza, que o vira chegar: não estava alli mais ninguem, e vinha unicamente de vez em quando a criada tirar os pratos.

Frederico, contentissimo, poz-se de pé:

—Viva o sr. Frederico, disse-lhe Luiza jovialmente, pendurando o chapeu e o chaile n'um cabide; venho almoçar para aqui, se não põe duvida n'isso...

—Eu, minha senhora, balbuciou o moço indo para a porta.

—Alto! não quero que me pague o almoço, contento-me com o almoçar na sua companhia.

—Oh! minha senhora, meu pae graças a Deus é rico! redarguiu o rapaz.

Ella olhou para elle. Tinha dito uma semsaboria, mas ao menos tinha-a dito com franquesa.

—Nada de ceremonias, visto isso, escusa de chamar pela criada; de mais a mais estou com muito appetite.

—Mas isto é comida impossivel para vossa excellencia! disse o moço a olhar para uns brocos e para um prato de mão de vacca.

—Qual! O Balthazar, ou quem quer que é cá de casa, que faz os guisados, tempéra tudo com muito talento! Então, conte lá o que se passou na quinta?

Frederico fez-se córado e escondeu a cara com o guardanapo.

—Quasi que não fiz nada!

—Ainda bem! Lembrou-se do que lhe eu pedi?

—Nem foi preciso lembrarme d'isso, minha senhora, o fidalgo não estava em casa e assim que chegou foram para a mesa.

—E a prima Isabel?

—Não tive animo de lhe dizer o que mesmo a a um homem deve custar a ouvir.

—De fórma que não sabem nada ainda das intenções do senhor seu pae?

—Nada.

—Tinha valido mais informal-os com as melhores maneiras que pudesse. Não sei então para que lá

foi! accrescentou com arzinho de despeito, que haveria sido lisonjeiro para o moço se elle se atrevesse a entendel-o.

—Tambem eu não sei!

—E quando volta lá?

—Olhe minha senhora, deixe-me dizer-lhe a verdade; não me fadou Deus para este genero de incumbencias; volto para casa e vou dizer a meu pae que venha cantar-lhes esta modinha. Ha de ralhar comigo, mas dá-se-me menos d'isso do que de fazer mudar a côr do rosto a sua prima, ou ser causa de que os olhos de vossa excellencia se orvalhem de lagrimas!

—Não diga isso; antes ter de tratar com um mandatario como o senhor, do que com um crédor directamente implacavel como seu pae ha de ser. O que seria bem bom, era se o sr. Frederico podesse sem perder os seus interesses, salvar ao mesmo tempo uma familia tão honesta e boa como a das Olaias!

—E como ha de ser?

—Não sei; mas em lhes dizendo tudo, faça o que o seu bom coração lhe inspirar. Eu desde já lhe agradeço. Quer que espere ou que me vá embora?

—Quero que fique. Não sei se isto se deve á sua formosura, mas quanto me aconselha é sempre suavissimo. Sinto accordar ao som da sua voz a generosidade toda de que sou susceptivel; só tenho o

gosto de a conhecer desde esta manhã ao sair do sol, mas diz-me a consiencia que se me fôra dado consultar vossa excellencia em todos os casos serios da minha vida, tudo quanto fizesse seria bem feito. Fique, fique, para que tudo corra bem; obedecer-lhe-hei, e vossa excellencia guiar-me-ha: quer?

Já tinham acabado de almoçar e passeavam pela casa ao lado um do outro.

—Fico, sim, respondeu ella sorrindo, e conseguiremos uma acção meritoria. Mas que isso não leve muito tempo. Quero talvez retirar-me de Lisboa.

—Não é livre?

—Pareço livre, mas tenho uma prisão; aquella creança que viu esta manhã.

—Admira-me uma coisa, minha senhora, disse Frederico, que já não gostava de ouvir Luiza fallar do filho—porque fallar d'elle era o mesmo que pensar n'outro amor—e que desejava dirigir a conversação para outro lado. Perdôe se a minha observação é fóra de proposito, mas fui criado no campo e não sei quaes são as coisas que não devem dizer-se: agora que já fiz o meu juizo a respeito de ambas, da sr.ª D. Isabel e de vossa excellencia...

—Fez o seu juizo a respeito de nós duas?

—Creio que sim; não acho que se pareçam nada uma com a outra, e não posso perceber que vossa excellencia seja amiga d'ella!

—Porque não! respondeu Luiza a scismar.

—E não sendo amiga d'ella, porque motivo lhe quererá valer?

Luiza hesitou por um momento, depois proseguiu:

—Tem coração para apreciar o que lhe vou dizer, por isso lh'o digo: minha prima Isabel fez-me hontem uma desfeita.

—A si? redarguiu elle com indignação.

—A mim, e quero fazer-lhe o bem que puder para ficar mais certa de que lhe perdoei!

O rosto de Luiza illuminou-se ao dizer isso; Frederico exclamou:

—Mas quem vem vossa excellencia a ser? Um anjo, bem sei: mas que mais?

—Uma alma que tem soffrido! respondeu ella com tristesa.

Depois, já com o seu ar alegre do costume:

—Ora! Não fallemos d'essas cousas; soffrer, toda a gente soffre. Conto comsigo para ser portador de boas novas! Faça o que podér.

—Farei! disse elle n'um extasi de esperança vaga.

Luiza saiu. Sentia que se alli ficasse mais tempo poderia aventurar-se a um futuro impossivel. A submissão completa de Frederico, o seu honrado modo de pensar, a ingenuidade de porte, o perfume campestre, tudo a prendia já a elle mais do que desejára. Todavia arrependeu-se de se retirar por aquel-

la fórma e falsear a expressão dos seus sentimentos.

—Acceite esta lembrança do nosso encontro, sr. Frederico! disse-lhe, voltando atraz, e apanhando de um vaso que estava á janella uma rosa de todo o anno. Conte as folhas a essa rosa, que nunca hão de ser tantas como de idéas me ficam da gratidão que lhe devo!

Ainda ia a arrastar pela escada o vestido de Luiza e já a rosa havia sido beijada um milhão de vezes. O Balthazar foi encontral-o n'esse exercicio bucolico.

Balthazar ficou contentissimo com o espectaculo que se lhe proporcionou. Fazia-lhe muita conta que Frederico namorasse Luiza, e logo fez idéa que aquella rosa não viera pelo seu pé parar-lhe aos labios!

A pobresinha flor, nascida á janella de uma estalagem, tinha para o mancebo um perfume de esperança e de primavera...

—E vae d'ahi, ó rapazola, disse-lhe Balthazar, então o que veiu a ser o que se passou na quinta?

A pergunta de Balthazar era a afflicção do moço ia para duas horas; balbuciou uma resposta qualquer, e terminou por confessar que não fallára da divida.

O Balthazar ficou furioso, ameaçou o rapaz de ir contar ao pae que o filho o enganava, mas elle não

se assustava com o estalar das trovoadas paternas; estava o estalajadeiro a fazer-lhas sentir ao longe, e o rapaz cada vez mais sereno a cheirar a rosa. Viu Balthazar que não era por alli que convinha atacar a praça, e poz-se a contar, exagerando, a desfeita que D. Isabel havia feito a Luiza.

—E tu, meu cabeça de abobara, deixaste-te cair no logro, para aquella beata das duzias se ficar a rir de ti! Já se cá sabe tudo; esta senhora, que está agora cá na pousada, é prima d'ella. É uma tal Miranda. Ainda ha quem se lembre no logar de quando ella era do tamanho d'este filho pequeno e que andava a brincar na quinta grande. Tambem é pessoa fina, mas não é hypocrita como a outra! Se tu não tivesses a cachimonia d'uma avelã, bem sei eu quem podias apanhar, que vale muito mais do que aquella presumida das Olaias; mas do dinheiro do teu pae é que se trata agora. Estiveram a mangar comtigo, meu pevide de pepino chôco, e fizeste a figura de um panal de palha em vez de mostrares os dentes. Lá n'isso fez ella muito bem, e não hei de ser eu quem lhe ponha as culpas de ter disfructado um papa-figos como tu me saiste. O que não tem desculpa é haver posto pela porta fóra, a chover agua se Deus a dava, n'uma noite que não havia alma de deixar um cão na rua, esta rapariga que lhe é parente!

Frederico não precisára de tanta arenga para se

envergonhar de si proprio e resolver vingar Luiza. Foi-se á cocheira como um raio, apparelhou o cavallo e largou para as Olaias. Ainda teria tempo de voltar para casa durante a noite, e nunca mais tornaria áquelles sitios, em que tantas inquietações tivera.

—Deixe-os você comigo! dissera elle a Balthazar: agora vão elles ver quem eu sou!

Metteu as esporas ao cavallo e partiu a galope.

Os fidalgos das Olaias andavam a passeiar no mirante em que na vespera, á mesma hora, os encontrámos. D. Isabel estava contando ao marido os episodios da conversa d'essa manhã; o marido approvava.

—Tudo está, dizia D. Isabel, em que appareças o menos possivel. A mim não se atreverá elle a fallar na divida!

—Mas se depois vier por ahi o pae?

—Já ha de vir tarde; não te dê isso cuidado!

Ouviram n'essa occasião o galopar d'um cavallo.

—Elle ahi. O galope em que vem denuncia raiva; já o voltaram contra nós na estalagem. Deixa-me só!

—Entretanto...

—Queres conservar os bens, não queres?

—Sim, mas por fórma alguma que...

—Nunca a tua honra poderia perigar com uma mulher dos meus principios.

E sumiu-se entre as arvores.

Tivera tempo a *fidalga* de se compor, e acalmar a agitação em que tal surpreza nervosa a puzera; abanou-se com o leque para ver se lhe passava com o fresco a côr que lhe subira ao rosto; alisou o cabello e sentou-se. Eram Ave-Marias. O ar tepido banhava os campos e o ceu com uma serenidade suavissima; a noite estava mesmo a querer ser cumplice de uma tentação, porque durante o intervallo, que separou o avistar do moço ao apparecer elle no plantio, combinou D. Isabel todo o seu plano.

Vinha um criado adiante de Frederico em procura do *fidalgo*, e nada de o achar. O rapaz estava como se lá diz de «pé atraz» com tudo e com todos, e para ter mais animo não tirava a idéa de Luiza.

D. Isabel ergueu-se mal o viu e foi-lhe ao encontro.

—Muito boa tarde, sr. Frederico; foi-se tão nosso amigo esta manhã e já me apparece agora com ares de nos querer mal!

—Deus me defenda d'isso, minha senhora, respondeu o moço muito serio; mas ainda agora não me lembrou o que vinha cá fazer, e preciso fallar ao sr. Alipio Nonnato?

— Quantos annos tem, sr. Frederico?

—Fiz vinte e cinco, respondeu o rapaz pasmado.

—Seria cedo de mais, disse a *fidalga* a meia voz.

— Cedo para quê, minha senhora?

—É que meu marido é a probidade em pessoa, e embolsal-o-hia dos seus trinta contos, creio eu que são...

—É isso, minha senhora.

—Antes mesmo do senhor acabar de dar o seu recado; mas, por isso mesmo que é muito honrado, é de umas susceptibilidades que me trazem sempre em sustos. Podiam ter alguma questão, não por causa do dinheiro, mas por causa d'esse modo de o vir buscar; não é para graças, como toda a gente o sabe, e... acho melhor que não lhe falle hoje.

—Não sou dado a medos, minha senhora.

—E se alguem os tiver por amor de si?

—Minha mãe já morreu e não tenho irmãs...

—Então não ha mais ninguem n'este mundo? disse D. Isabel como que pensativa.

Frederico estremeceu, mas fez-se forte.

—Póde lá gostar de mim! scismou. Não sou bonito, nem tenho o fato á moda! O que ella quer é entreter-me e não me deixar fallar na divida; vem para cá, que vens bem!

E, em voz alta:

—Mais ninguem minha senhora! respondeu.

—Assim será. Em todo o caso, meu marido contou-me tudo, e não ralhei pouco com elle; anda com a cabeça cheia de grandes idéas de economia, mas não presta para administrar o que é seu. Dá muito até o sr. prior se vê obrigado ás vezes a dizer-lhe:

isto. Percebe muito bem que exagerei agora quando disse que lhe bastava abrir a gaveta para achar lá trinta contos de réis; os nossos bens talvez valham mais do dobro se forem vendidos, mas antes de chegar a um extremo d'esses seria bom que nos desse tempo para contratarmos um emprestimo com outra pessoa que substituisse o sr. seu pae. Olhe, isso é um favor que por mim propria me atrevo a pedir-lhe. Que acha, que o seu pae nos concederá um mez se lhe pedirmos tempo?

—Parece-me que não.

—Então, quanto? acudiu n'um tom inquieto deveras.

Frederico invocou Santa Luiza para lhe dar forças.

—Deu-me ordem de dizer ao sr. Alipio Nonnato que ia immediatamente fazer penhora aos bens!

—Quer-nos desgraçar, visto isso? Não poderemos nada sem obter demora!

—Minha senhora, póde vossa excellencia crer que tenho immensa pena d'isso.

Sentia-se Frederico por tal fórma heroico, que chegou a dar dois passos para se retirar depois de fazer a sua cortezia.

—Não se vá ainda embora, senhor; não desejo que cuide que por causa d'isto lhe quero mal. Pouco tempo me bastou esta manhã para vêr logo que o contrariava muito o fim que aqui o trouxe; apartámo-nos em boa amizade, e de tudo o que estra-

nho mais é que um espirito tão atilado como o seu se deixasse levar por um figurão como o Balthasar.

—Ó minha senhora...

—Não diga que não; Deus me defenda de fallar mal do proximo, mas o Balthasar, que não crê em Deus, não é muito que tambem não creia em mim. Disse-lhe cobras e lagartos á meu respeito, faço idéa; elle é que foi que o mandou cá esta noite.

—O Balthasar é amigo de meu pae e aconselhou-me que...

—Mas ninguem lhe contesta os seus direitos. Muita moderação acho eu até que tem tido em tudo isto. Trouxe comsigo a obrigação de divida?

—Trouxe, sim, minha senhora.

—Maldito papel! Recebeu meu marido um maço de notas em troca d'isso, gastou-as nem elle sabe em que, e aqui estou eu com a minha vida amargurada por causa d'isso. Emfim! ainda ha um ar de dia para se poder lêr: deixe-me ver se eu tambem assignei; está-me a parecer que sim.

Frederico tirou da algibeira uma carteira formidavel e de dentro da carteira um papel.

Quando elle ia a dar-lh'o, reflectiu D. Isabel que não era ainda noite fechada, e que convinha deixar passar mais cinco minutos.

—Não sei se sabe que me está dando provas de muita confiança em mim? Porque emfim não me conhece e...

—Por quem é, minha senhora, interrompeu Frederico que ficou confuso.

—Tem ouvido dizer que sou temente a Deus, mas isso não é rasão; quantas e quantas ha que passam por devotas por serem hypocritas, e algumas que não acreditam no inferno, e outras que se riem de milagres... Não sou d'essas, mas o senhor não póde adivinhar se o sou ou não. Quem lhe diz que eu não fuja com esse papel, que representa o pão para o meu filho, e leve com um aviltamento, que o tempo desvanece, a fortuna da minha familia? A dizermos a verdade, a prudencia aconselhava que não mostre esse papel senão á justiça!

—Mas, minha senhora, a mim é que vossa excellencia offende julgando-me capaz de ter similhantes idéas!

E estendeu logo a obrigação de divida, apesar de certo tremelicar de braço, que denunciava hesitação involuntaria.

D. Isabel proseguiu com voz tenue:

—Uma coisa ha que o podia socegar de todo... e não me atrevo a dizer-lha...

—Mas socegado estou eu, minha senhora!

—Oiça-a sempre; não posso evitar dizer-lh'a: ainda mesmo que eu não acreditasse em Deus nem na probidade, ser-me impossivel não crer na affeição que me attrahe a si!

Saiu-lhe como um murmurio apenas o fim d'essa

phrase, que o moço recebeu como se fôra um affago por entre a escuridão que os cercava; apertou-lhe ella um instante o braço e retirou-o logo com o sobresalto de quem se assusta. Foram indo na direcção da mais bonita rua da quinta, a rua da murta. O moço ia como tonto; D. Isabel principiava já a involvel-o outra vez no circulo de fogo em que o lançára de manhã; a resposta d'elle ia ser de certo uma declaração completa, e não lh'a consentiu para não se vêr obrigada a repellil-o. Já caira de todo a noite; por entre as folhas das arvores avistava-se de vez em quando a lua. Era a occasião que a *fidalga* escolhera, e por isso parou n'um sitio em que a rama das arvores se abria mais e a claridade era maior; encostou-se a um tronco; scintillava-lhe ao luar o vestido claro que trazia...

—Faz-me doer as costas esta arvore; não se me dava de me sentar, mas está tudo tão escuro que nem sei já para onde estão os bancos!

Sentiu-se elle tentado a dar-lhe o braço e amparal-a, mas era arriscado de mais similhante movimento para quem, como elle, se sentia ainda tão noviço em coisas d'aquellas. Só o que fez foi ir pondo o braço entre as costas de D. Isabel e o tronco da arvore.

—Estou melhor! disse ella, como que sem dar por isso. Deixe-me ver o tal papel; vamos a lêl-o juntos.

—É melhor não lêr! accudiu o moço em extasi. Sinto-me tão feliz n'est'hora!

—Nada, nada; justamente o que é melhor, é lêr; tem muitos perigos, sonhar de olhos abertos!

—Se eu, a sonhar, vejo o céo!

—Estamos tratando de negocios serios!

E travou-lhe da mão em que elle tinha o papel e levantou-lh'a para poder ler.

—Assignei, assignei!

Depois, mudando de tom:

—Acha que tenho bonita letra?

E pegou no papel, que elle deixou ir sem difficuldade, e mostrou-lh'o.

—Deixemos o papel! redarguiu elle irado. Nunca ha de vêr em mim senão um credor? E não sabe que lhe correspondo á affeição que disse ter por mim com uma agitação febril que me desvaira; e que o pobre solitario que tem vivido n'uma chôça cavada entre duas serras, que tem passado as noites a ler livros velhos e os dias a scismar; que não sonhava que coisa era a graça, a seducção, o encanto, que tanto valle dizer vossa excellencia, sente pela primeira vez o sangue a escaldar-lhe as veias? Já respiro, fallo já, já vivo! Deixe, oh! deixe que eu não seja simplesmente para si o portador de uma ruim nova! Quereria vel-a alegre, embora isso me custasse a alegria a mim!

—Passeemos, passeemos! interrompeu D. Isabel, dando-lhe o braço. Estou com frio.

O moço fixou-a como uma expressão de surpresa penosa.

—Estou com frio, estou, proseguiu, de me lembrar que em poucos dias deverei deixar as Olaias, e esta minha rua da murta, de toda a quinta o sitio de que mais gosto! Poderia ser feliz aqui! E, parece-me, que chegava agora o tempo de o ser! Viria visitar-nos a miudo; iriamos passear aos domingos de tarde por esses campos fóra; tem isso a nossa religião de melhor que as outras, compadece-se mais das fraquesas da humanidade. Sempre hão de haver menos peccados na consciencia de uma pessoa do que agua misericordiosa na confissão para os lavar!

E proseguiu logo, em quanto Frederico a escutava em extase:

—Aqui estamos na minha rua da murta; gosta d'ella?

—Que bellesa! exclamou o moço.

—E nunca o heide esperar aqui! Mas, emfim, irá aonde eu estiver. A differença é, que, em vez de passearmos juntos, todos os dias, entre a murta, ver-nos-hemos de annos a annos em Lisboa!

—Mas as Olaias não hão de vender-se! atreveu-se elle a dizer.

—Hão de vender-se, hão de. Que remedio! A obrigação de divida acaba ámanhã o praso. Leia-a outra vez; que é do papel?

—Tinha-o vossa excellencia, respondeu o moço já a mudar de côr.

—Alto! que isso é serio, e graças a Deus tenho boa memoria; tornei-lho a dar.

—Mas...

—É que o deixaria cair emquanto iamos a conversar... Voltemos para traz e procuremol-o.

Frederico teve uma convulsão involuntaria de impaciencia. O que! Pois havia de ter succedido essa desgraça impossivel! Perder-se a declaração de divida! E havia elle de ter sido a causa de seu pae ficar pobre! Pareceu-lhe ver como que um relampago a mostrar-lhe D. Isabel perfida e abjectamente culpada. Tirou-lhe o braço, e voltou para traz com ancia:

—Procuremol-o, sim, disse febrilmente. Se o papel se perdeu, não sei o que será de mim!

D. Isabel correu atraz d'elle:

—Não se afflija, disse-lhe. Suppondo mesmo que não dessemos com elle esta noite, ámanhã de manhã o achariamos; e se ainda ámanhã de manhã o não achassemos, a probidade de meu marido vale por quantas assignaturas possa haver!

O moço respirou. Não podia, quem assim invocava a honra, ter abusado indignamente d'ella.

—Foi por aqui algures que m'o deu para a minha mão... É melhor abaixarmo-nos para procurar.

Ía a lua escondida por uma nuvem, e a noite ti-

nha apenas uma estrella aqui, outra acolá; não bulia uma folha, e o ar tepido embebia-se no perfume das flores. De repente a *fidalga* soltou um leve grito; Frederico sem reparar pegara-lhe no pé; não disse depois mais nada, e elle ía conchegando entre os dedos aquelle pésinho que era uma joia, e affogueavam-n'o as tentações, e dissipavam-se-lhe os sustos...

—Tenha dó de mim, disse-lhe D. Isabel! caindo de joelhos.

N'esse instante ouviram vozes do lado da casa, e viram luzes que se dirigiam para a rua da murta. Cobria os outros rumores uma voz grossa e irada, vinham a aproximar-se as luzes e a gritaria: ouviu-se o nome de Frederico pronunciado com ancia.

—É meu pae! disse elle erguendo-se e fazendo-se branco.

—Agora, deixal-o! murmurou D. Isabel baixinho.

Joaquim Bruno tinha sessenta annos.

Baixote, membrudo, corcovado como quem em tempos deu annos á enxada, e com uns olhinhos muitos espertos a luzirem ainda por baixo das sobrancelhas brancas.

O servir-se d'oculos para ler, e a circumstancia de ser elle sempre quem fazia as contas, pagava as ferias, e escrevia o assentamento das despesas, haviam-lhe feito uma ruga no nariz.

Quando estava a bem, tinha só ares de marralheiro; em se encolerisando, mettia medo.

Usava barrete de algodão, niza de briche, e sapatos grossos de ilhozes.

Tinha muitas terras, e os seus haveres tradicionalmente augmentados pela usura e pela economia, eram de o tornar rico em qualquer parte sem precisar que fosse aldêa.

Frederico era filho unico, e não fazia idéa alguma de quanto o pae poderia ter.

Caira logo em si o Joaquim Bruno e vira que havia feito asneira em dar ao filho uma missão de tanta gravidade. Tinha querido ficar para vigiar a recolta dos trigos, mas estava com seu susto de haver descurado outra recolta que sempre valia mais.

Entrou o medo de volta com elle e o velho largou a fallar sósinho:

—O rapaz é creançola, dizia. Póde deixar-me o caso á boa vida, e nem dinheiro nem penhora. Vou-me até lá para ver em pessoa no que param as modas.

Passara pela estalagem, e o que lhe contara o Balthazar ainda o puzera em maior inquietação.

Logo que chegou ás Olaias apresentaram duvida os criados em o deixar entrar por ser já muito de noite; mas o homem fallou tão alto de penhora, e de justiça, de mandar abrir alli todas as portas, e de a não ser por prudencia largar logo ao murro, que lá os resolveu a levarem-o aonde estava o filho.

Caiu a tal palavra de «penhora» n'aquella casa tão respeitada que nem que fôra um raio; os criados, convencidissimos do bom pé em que estava a riqueza dos amos, esbogalharam os olhos como se o velho lhes estivesse a fallar grego.

Mal lobrigou o filho á luz da lanterna que levava, não tratou de dar o Deus te salve a D. Isabel e gritou logo ao rapaz:

—Que é do titulo?

D. Isabel disse de relance ao moço:

—Olhe que me compromette, se disser como foi que o perdeu.

—Não se assuste, respondeu elle. Fica tudo por minha conta.

Em seguida, em voz alta:

—Caiu-me o papel por aqui algures n'esta rua, pae!

—Bregeiro! gritou o Joaquim Bruno a crescer para Frederico. Ah! reu! que roubaste teu pae! Tu não sabias que eu não era senhor senão d'aquellas linhas, e que esse dinheiro era quasi tudo quanto possuo de meu! exclamou o velho, para não fallar dos trinta contos de réis deante de gente. Eu te ajustarei as contas, deixa! Deixa, que não as perdes! Onde estavas tu?

—Estava aqui, disse o rapaz indicando a rua da murta.

—Sósinho?

—Sósinho! redarguiu, e n'isso se via que não precisara aprender as delicadesas da honra para as saber já.

—Dize a verdade! proseguiu Joaquim Bruno. Se estavas só para que foi que tiraste o papel do bolso?

Cumpria-lhe enredar-se em mentiras para salvar D. Isabel, e o moço respondeu apesar de lhe subir a côr ao rosto:

—Pareceu-me que vinha para este lado o sr. Alipio Nonnato e tirei o papel para lh'o mostrar.

—E depois?

—Levou-m'o o vento...

—Não faz vento! acudiu o velho. Estás a mentir como a folhinha! Fazes-me enconderijos mas hãode custar-te caros! Esta gente é capaz de tudo; monta já a cavallo e vae á villa pedir auxilio para cercar a fazenda quanto antes!

Mas com a bulha das vozes e a novidade de ver luzes na quinta o fidalgo foi até á murta. D. Isabel avistou-o logo. Joaquim Bruno andava a esgravatar, acocorado, com a lanterna na mão. Frederico presentindo que ainda podia ser preciso alli, hesitava em se retirar. D. Isabel foi direita ao marido, e disse-lhe:

—Salvei trinta contos para o nosso filho!

—Que queres dizer com isso? replicou o fidalgo.

—Ahi tens a obrigação de divida! redarguiu ella.

—Mas é uma infamia e eu não consinto que...

accudiu o cavalheiro que tinha de tempos a tempos briosas fumaças de prohidade.

D. Isabel na presença d'essa negativa tomou uma resolução, rasgou o papel, e escondeu-o na murta.

—E agora, retorquiu, vá dizer a essa gente que sua mulher roubou!

Alipio Nonnato teve um estremecimento; mas já não havia remedio senão acceitar o facto e balbuciou apenas:

—Muito fazes por teu filho, Isabel!

O grupo estava transformado em turba. O motim desusado na quinta habitualmente silenciosa attrahira a gente do sitio; viera o regedor e tirara informações, que pouco esclareciam. D. Isabel disse em voz alta ao marido:

—Faze favor de vires cá; está aqui um homem que se atreve a dizer que lhe deves trinta contos de réis!

Frederico cuidou sentir um ferro em brasa a queimar-lhe o peito, quando ouviu dizer isso com um desassombro admiravel. Faltou-lhe a voz; julgou que havia entendido mal.

—Não devo nada a ninguem! disse Alipio Nonnato, alto e bom som, dirigindo-se para Joaquim Bruno.

—Que é?! bradou o velho, já fullo de colera e ameaçando o fidalgo com o gesto. Você atreve-se a negar?

Amontoaram-se todos para o meio d'elles, e D. Isabel disse então:

—Se este homem é crédor de meu marido deve ter com que o prove, não basta dizel-o!

—Isso é que é! Isso é que é! dizia um e outro. Deixe ver o papel, se não quer ser tido por embusteiro!

Joaquim Bruno não dizia nada; emmudeciam-o o pasmo e a raiva.

Frederico não poude conter-se mais; passou por D. Isabel e disse-lhe, abaixando a voz quanto poude:

—É indigno o seu comportamento!

Mas Alipio Nonnato d'Arbues Gentil e Manço apanhou no ar aquelle dito, e replicou logo ao moço:

—Hei-de arrancar-lhe as orelhas!

O rapaz ia a saltar n'elle como um tigre, mas olhou para o pae, conteve-se, e roeu as unhas.

—Já basta d'este negocio! disse o regedor. Dispersar, dispersar, vá!

E foram empurrando Joaquim Bruno pela rua da murta adeante. Teve elle tempo todavia de se voltar para Frederico, que vinha a grande distancia, e gritou-lhe:

—Nunca mais me appareças... Desherdo-te!

O moço voltou para a estalagem.

A noticia do caso chegara lá antes d'elle; Joaquim Bruno tinha fallado a Balthazar: não teve melindres para com Frederico e mostrou-se resolvido a ven-

der quanto possuia, deixar aquelles sitios, e não tornar a ver o filho, que era causa de similhante vergonha e de similhante perda. Balthazar não poude ter mão n'elle, e foi inutil quanto disse a favor do rapaz. Ás dez horas da noite Joaquim Bruno montou a cavallo sem querer dizer aonde ia.

Balthazar desesperado em primeiro logar por lhe escapar occasião tão excellente de tirar desforra da felicidade dos *fidalgos*, e suspeitando que D. Isabel havia commettido indignidade grande, mas sem ver meio de fornecer provas, pôz-se a pensar que era amigo de Frederico e o conhecera pequeno; e ainda mais se lembrou d'isto com o vêl-o chegar amofinado, de olhos inchados e vermelhos, e sem dar palavra.

Não era boa a hora para encetar perguntas e levou-o para um quarto que dava como o de Luiza para a galeria.

Não bastava dar tecto ao moço, cumpria tambem espalhar-lhe as magoas. O Balthazar, que era um lapuz de talento, foi ter com Luiza, que estava sentada na horta, e não precisou recorrer a grandes expedientes para ella lhe perguntar isto e aquillo: — contou tudo; havia visto a obrigação de divida, havia-a visto com os seus proprios olhos, havia tido o papel na mão: e Frederico já não o tinha!

—Não é que eu deite as culpas á fidalga das Olaias de o haver surripiado, disse elle, mas não soffre du-

vida que o rapaz mostrou-lh'o, e talvez por via d'isso é que elle agora esteja perdido. Que está perdido e mais que está! O pae nunca mais lhe perdôa sem ver para alli o seu dinheiro. E como hade vêl-o? Hade vêl-o bem, espere por isso. O démo do rapaz é uma flor, mas tem uma tal aquella de não fazer caso de dinheiro, que lhe virá a dar na cabeça. Nunca hade saber ganhar. E é uma joia! Mal empregado! Já não ha quem tenha mais bom coração, e isto bem o prova. É filho de boa gente, e vinha a ter por morte do pae para cima de cincoenta contos, a contar só o que lhe eu conheço em bens! É desembaraçado e bom moço, e a mulher que viesse a pertencer-lhe havia de ser respeitada por toda a gente. Mas, emfim, ninguem rema contra a sua sorte; hade estoirar para ahi com um febrão desabalado, que estes golpes mettem doenças no corpo a um homem que até ás vezes o levam d'esta! Que lhe havemos nós fazer? É uma desgraça. Nem a sua pessoa nem eu podemos dar remedio a isto. Entretanto se ámanhã passar por elle, ahi na horta ou em casa, veja sempre se lhe dá assim uma palavra ou outra que o faça espairecer. Ia apostar que a éstas horas está elle a chorar como um chafariz. Coitado!

Luiza não respondeu, e foi para o quarto. Na janella ao lado da sua viu apagar-se a luz quando ia passando. Ia mais pensativa que de costume. Foi a primeira vez que deixou de ir dar um beijo ao filho,

como fazia sempre antes de se deitar. Sentou-se á bordinha da cama, sem pensar siquer em se despir.

Frederico, no quarto do lado, estava tambem sentado assim. Diria Balthazar na sua lingua pittoresca que quem se tira da agua fica a escorrer: ao sair de um desgosto grande é que vem as lagrimas: o rapaz chorava.

O que mais o desesperava não era assim mesmo haver feito perder o dinheiro ao pae e ter ficado sem a sua amisade, amisade tão bruta como expressiva; o que o enraivecia era a fidalga haver zombado d'elle. Não podia perdoar a si proprio ter-se subtraido, n'uma surpresa em que unicamente os sentidos se haviam alucinado, aos efluvios do affecto casto que Luiza lhe inspirava. Queria vingar-se de D. Isabel menos pelo haver enganado, que por ter conseguido que elle fosse inconstante; mas a creatura caira em tal abysmo de perversidade que elle chegou a ter asco á idéa de a ir castigar na lama. Não queria procural-a, mas se a encontrasse esmagal-a-ia. Tão fraco e indigno se considerava de merecer uma affeição séria, que se condemnava a si proprio a não tornar a ver Luiza.

A egreja do logar dava para a estrada da quinta. Quando Frederico uma hora antes tinha voltado, sem força e sem animo, entrou-lhe n'alma um perfume de misericordia e de paz que se exhalava da egrejinha, e quiz entrar um instante para pedir a Deus

que o não torturasse tanto. Havia acabado a novena e já tinha saido o povo. A egreja estava deserta, e apenas uma lampada pequena dava uma claridade tenue e debil. Viu elle entrar uma mulher que estava de joelhos entregue toda ao mysterio da resa. Era Luiza. Frederico recuou quasi que assustado; não por ter medo da apparição, mas por ter medo de si, e por já não merecer a ventura de respirar o mesmo ar que ella. Fôra-lhe ingrato, porque apesar de não se haver explicado tinha havido entre elles o sonho, a luz, o não sei quê por onde principia o amor. E por haver trahido a impressão que ella lhe deixara, não teve animo de levantar os olhos para a ver... Fugiu; mas ficava-lhe o coração alli e ia metter-se debaixo dos joelhos d'elle...

Que seria então se houvera adivinhado que era por elle que estava pedindo a Deus!

Havia sido ao voltar da egreja que Balthazar a encontrara á porta da horta.

Duas horas depois scismava Frederico, mettido no quarto, nas penas d'essa tarde; e, por julgar-se só e o gemer alliviar quem soffre, largou a chorar e a soluçar.

No quarto de Luiza, que era mesmo ao lado do de Frederico, ouviam-se os soluços e suspiros d'elle como se ella o tivera alli a chorar-lhe aos pés; cortavam-lhe o coração e interrompiam a todo o momento o fio de idéas a que se prendia; era como

se estivessem a abrir-lhe o seio a um amor que ella suspeitara apenas. Revoltava-a aquelle gemer continuo contra a fatalidade que perseguia o pobre rapaz tão cruelmente. Parecia estar a vêl-o, como Balthazar lh'o pintara, perdido n'um mar de angustias e de impossivel e indo bater de escolho em escolho; seguia com os olhos d'alma aquella existencia juvenil, ainda cheia de luz na vespora, e agora a mergulhar-se em sombras.

Não! Ficassem-se muito embora com a sua rigidez cruel as praticas ceremoniosas da vida; não queria, não podia retardar mais animal-o, consolal-o, salval-o!...

Havia uma janella antes da porta do quarto de Frederico; Luiza saiu, de castiçal na mão, pôz o castiçal na janella, e allumiou de subito o quarto que estava ás escuras.

Não queria entrar, e esperou.

Pouco tempo esperou, porque a luz deu de chapa na cara do moço e elle levantou a cabeça; Luiza resplandeceu como n'uma aureola; Frederico correu á janella, abriu-a, e ajoelhou mesmo sem querer.

—Sou eu, disse ella, sou!

—Então não me deixou Deus ainda? retorquiu o moço.

—Sempre vem a esperança por mandado d'elle a quem tem fé! Estou informada do que se passou nas Olaias...

—Pois sabe?... redarguiu elle aterrado.

—Tudo! disse Luiza. Olhe, sr. Frederico, as mães são admiraveis, até quando erram por amor dos filhos! Preciso conversar comsigo; está quebrantado por este desgosto, é melhor sentar-se. Oiça...

Sentou-se ella no parapeito da janella. Havia um tal véu de pudor a envolver Luiza, que o rapaz não teve siquer a lembrança de lhe pedir que entrasse. Ficou a olhar para ella, encostado.

—Estão todos a dormir na estalagem, disse ella; não temos visinhança a espreitar-nos, os almocreves levantam-se ás quatro horas, ninguem nos póde ouvir. O que tenho a dizer-lhe é só para si; entretanto se apparecer por ahi alguem, diga que chamou, que se sentiu incommodado e que por isso eu vim—entende?

—Bem sei, respondeu elle, principiando a agradecer á Providencia a desgraça que lhe succedera.

—Tenho um filho, sr. Frederico, disse ella, como que a custar-lhe dizer isso; o pae morreu, e não sou viuva!

—É santa! interrompeu o moço.

—Cumpria-me explicar-lhe isto, por ser necessario para o mais que vae ouvir. Fizeram-me rica os acasos da minha vida; meu filho ficaria com fortuna, ainda que eu fosse prodiga; dê-me licença para fazer uma coisa d'utilidade com o dinheiro que possuo e que de pouco me serve. Disseram-se que o

seu pae nunca mais tornará a ser seu amigo se não lhe der os meios de o embolsar da quantia que perdeu. Offereço-lh'a já e ponho-a á sua disposição, para m'a pagar quando poder. Que é isso? Enganar-me-ia a seu respeito? continuou, vendo Frederico mudar de côr. Não adivinha por ventura que seu pae fará um motim diabolico, e que devo salvar minha prima Isabel?

—Não é a sua prima a quem vossa excellencia quer salvar, respondeu elle commovido, sou eu! eu, que não mereço que me salve... Se soubesse!...

—Com o recusar, interrompeu ella, faz-me crer que não me estima. Será agreste tambem, como os mais, para mim?

E tremia-lhe a voz.

—Não acceito do favor que me faz, senão a ventura de haver merecido a sua sympathia. Aproveital-o-ía de bom grado, inteiro, completo, e teria orgulho n'isso, se não devesse castigar-me de lhe haver sido ingrato ainda agora, esta noite. Esqueci-me de si; é impossivel, mas deu-se!

—E de que tinha que se lembrar? redarguiu ella, principiando a impacientar-se. Quer dizer n'isso que recusa?

Viu-lhe ella então nos olhos brilhar o amor atravez da ternura e da gratidão. Succumbira outr'ora aos devaneios ardentes da mocidade, mais do que aos impulsos da paixão; e Frederico, desde aquellas

horas rapidas em que as circumstancias os haviam tornado intimos, mostrára-se-lhe o que ella propria era d'antes, de boa fé.

Por baixo d'aquella capa de laponio, modesto e affavel, havia uma alma parecida com a que ella tivera em tempos. Se não era de todo o ponto bonito moço para attrahir á primeira vista a attenção das mulheres, tinha todavia uma physionomia melancholica que fazia impressão á medida que se olhava para elle. Muitas vezes queimára as pestanas, como se lá diz, a ler e a ler quanto livro apanhava na solidão dos campos, e tinham-lhe ficado na idéa aquellas visões todas; a voz d'ella era d'um timbre musical e sonoro que vem do coração. Haver-se-ía interessado por elle, mesmo se o tivesse visto furtivamente apenas; mas quando principiaram a fazer confidencias um ao outro, quando adivinhou a impressão que havia despertado, quando o viu infeliz e perdido, chegou a ter-lhe amor.

—Não me percebeu ainda bem, talvez? Eu é que peço, eu é que espero! disse ella. Não me obrigue a dizer-lhe o mais, se o adivinhou!? O que lhe contei do meu passado deixou-lhe ainda um poucochinho de estima para mim?

—Não brinque com a minha desgraça, interrompeu elle. Se eu não houvesse sido tão vilão e tão desleal esta noite nas Olaias, teria animo de lhe dar a minha alma e lá veria se a adoração não importa

a estima... Mas não me queixo, nem eu valho a pena de me dar ouvidos!

—Sabe o que me trouxe a esta terra? perguntou Luiza.

—Não sei, respondeu elle.

—Vim cá por causa de meu filho, a vêr se alcançava uma pouca de consideração com a amisade de minha prima...

—De sua prima! repetiu o rapaz com indignação.

—Fecharam-me a porta. Mas olhe, Frederico, está ao seu alcance dar-me mais consideração do que ella...

—Eu?... acudiu elle como que assustado pela suspeita que teve.

—Não quererá acceitar de sua mulher o que recusou a uma estranha? continuou, escondendo primeiro a cara entre as mãos por causa do passado, e dando depois a Frederico um olhar limpido e affectuoso por amor do presente.

—Vossa excellencia—minha mulher! balbuciou com a commoção da surpreza e da gratidão.

—E quer, proseguiu ella, sem me conhecer senão pelo que lhe digo?

—Se a sua alma está no que me diz! respondeu o moço, pegando-lhe pela primeira vez na mão e beijando-lh'a.

—Partiremos ás seis horas; iremos juntos ver seu pae, embolsal-o da divida, e pedir-lhe o seu consentimento.

—Anjo de misericordia! exclamou elle.

Depois, com a alegria febril das venturas que não se esperam, fizeram perguntas um ao outro, confidencias e promessas. De repente disse Frederico:

—Só o que lhe peço é que antes de partirmos me deixe ir ás Olaias para eu dar com um chicote no *fidalgo*, que me ameaçou ao ouvido, na quinta, esta noite...

—Tambem a mim e queria dizer-lhe uma coisa.

—O que é?

—Uma condição.

—Diga lá.

—Uma condição para tudo quanto eu lhe disse, uma condição para a nossa felicidade.

—Estou por tudo.

—Não ha de ir ás Olaias...

—Mas se aquelle miseravel ainda em cima me ameaçou...

—Não se lembre mais d'elle e esteja prompto ás seis horas. É a unica condição, mas veja lá que é ás seis horas em ponto. Se não estiver cá, ir-me-hei embora e nunca mais me tornará a ver! Não esperarei por si!

E, com medo de que elle lhe respondesse, fugiu, levando a luz, como uma visão. Já vinha outra luz a brilhar no horisonte, hesitante e timida: era a aurora...

Poz-se o rapaz a scismar que por fim de tudo

Alipio Nonnato havia-lhe promettido arrancar-lhe as orelhas ao ouvil-o dizer a sua mulher que era indigno o comportamento que tivera, e apoderou-se-lhe do animo a tentação irresistivel de chegar n'um pulo ás Olaias, vergalhar-lhe a cara, e estar de volta ás seis horas na estalagem; no campo toda a gente se levanta cedo; o *fidalgo* estaria a pé em sendo dia; era caso de dar lá uma saltada, e até Luiza depois havia de achar graça áquillo... Estavam a dar quatro horas. Partiu o moço a pé para as Olaias.

Luiza pedira a Frederico que lhe désse o seu nome, para poder levantar-se á sombra honrada d'elle; ao moço parecia-lhe isto agora mais uma rasão para corrigir as pimponices de Alipio Nonnato, que além de alicantineiro queria ser farfante; mas ao chegar á quinta encontrou fechado o portão; estavam ainda todos recolhidos nas Olaias, menos D. Isabel.

D. Isabel estava sentada no quarto do filho, e não pregára olho toda a noite. Desde a vespera que o pequeno estava a tossir, e, apesar do incommodo não apresentar symptomas graves, ella tinha querido ficar toda a noite a acompanhal-o. Queria-lhe d'alma D. Isabel; por vaidade de mãe, porque era bonitinho, e por orgulho de raça porque devia ser elle que continuasse uma familia afidalgada, á qual o credito seu, senão o de sua mãe, accrescentava novos titulos. No coração de uma mulher, por mais

fria que seja, ha sempre segredos de ternura pelos filhos.

E depois D. Isabel estava a estranhar-se agora; não tirava a idéa de Frederico; com as expansões da vespera, que haviam unicamente durado instantes, dir-se-ia que um sentimento sincero viera substituir a hypocrisia d'aquella alma. Porventura sentira-se mulher pela primeira vez, quasi ao cair nos braços d'um homem a quem a sua formosura allucinára? Ou dar-se-ia o caso de estar simplesmente a scismar em Frederico, só por haver tido para com elle um comportamento indigno e perfido?

Confundia-se-lhe tudo nas impressões que tinha, e reunia-se n'uma preoccupação só. Cuidava ouvir ás vezes no silencio da noite e do lar, uma voz que não conhecia, nova, exasperada, a voz dos remorsos a gritar-lhe n'alma...

Nunca ouvira semelhante voz depois de algum dos erros que commettera em toda a sua vida; parecia-lhe que não havia de bastar o perdão do confessor para apagar a maldade de seu crime, e percebeu que o unico arrependimento que tem recompensa é o que vae dilacerando as entranhas e moendo a cabeça de uma pessoa annos e annos. Entra Deus de subito nas almas, mas, por ser immenso, só póde entrar por uma immensa porta, que a alegria abre ás vezes, mas que da maior parte das vezes abre a dôr.

D. Isabel soffria, e perguntava a si propria que mal lhe tinha feito aquelle moço, para que assim zombasse da sua confiança e lhe arruinasse a vida? E conheceu de uma vez, com a oppressão d'aquella idéa, ir a deslisar-lhe pela face uma lagrima sincera; sentiu-se christã ao desejar dar tudo n'aquelle instante para Frederico ser feliz, embora ella o não fosse...

E foi outra vez encostar-se á caminha do filho:

—Que não saibas nunca, dizia, quanto fiz por amor de ti! Perdi para todo o sempre a minha consciencia para assegurar-te o futuro: atraiçoei, roubei! E o homem a quem empobreci para tu seres rico, é justamente o homem de quem gósto!

Tocou n'esse momento a sineta do portão. D. Isabel estremeceu e levantou-se sem querer e sem saber para que; pareceu-lhe ser aquillo o annuncio de um acontecimento que estava a chamar por ella; os criados não acordariam ao primeiro toque, mas ao segundo de certo pôr-se-iam a pé...

A fidalga queria saber; abriu de repente a janella para dar signal que já se tinha ouvido bater e desceu. Ia rompendo o dia. Quando abriu o portão, recuou... Era Frederico!

Elle teve tambem uma especie de commoção, mas repulsiva. Queria muito d'alma a Luiza para que o despreso que lhe inspirava D. Isabel pudesse apagar-se.

—Seu marido? perguntou contendo a voz, para não lhe dar senão tom de friesa, mas sem evitar certo ar de quem manda.

—Entre! disse-lhe a fidalga.

E foi andando adiante d'elle. Já se lia desgraça na fronte do moço, a lucta de sombra e de luz que ninguem sabe explicar; D. Isabel bem viu isso, e cresceram-lhe as magoas que tinha; a sombra era a perfidia d'ella, a luz o amor de Luiza!...

Fez entrar Frederico para o quarto do filho e fechou a porta.

Frederico poz-se a olhar... a olhar...

—Minha senhora, disse, cada minuto tem n'esta occasião grandissima valia para mim. Queira vossa excellencia ensinar-me onde é o quarto do sr. Alipio Nonnato, ou chamar um criado para eu me entender com elle.

—Que póde querer a meu marido?

—Minha senhora...

—Que quer a meu marido, diga? interrompeu ella com um arrebatamento que nem se calcula. Vem vingar-se, vejo-lh'o no rosto? Se alguem deve pagar por um crime, é unicamente quem o praticou. Abusei de si, abusei indignamente, confesso-o; destrui a unica prova que podia ter contra nós; castigue-me como quizer...

Havia certa nobresa n'aquella confissão; mas o moço tinha cruel experiencia de D. Isabel e procu-

rava com os olhos do espirito, a ver se aquellas palavras não esconderiam algum laço novo. Por isso permaneceu inflexivel e severo.

—Terminemos...

—Tenha dó, tenha misericordia! continuou ella, contendo-se quanto poude para não cair de joelhos. Nunca Deus me perdoará se houver outro desgosto ainda por minha causa. Não tenho já soffrido pouco pelo que fiz. Nem eu me conhecia a mim mesma, nem calculava quanto havia de ser miseravel pelos remorsos, depois de o ter sido pela acção que commetti. Não venha fazer aqui um escandalo, que me deite a perder de todo. Meu marido não póde deixar agora de sustentar o que disse: tenha dó de mim...

Estava quasi talvez o moço a commover-se; decorreu um instante em que não viu Luiza, para considerar só aquella pobre creatura, que lhe dirigia supplicas arrependida já; mas, d'alli a nada, e o coração é feito assim, conspirou-se contra D. Isabel por o haver distrahido de Luiza e ficou mais agreste ainda.

Na occasião em que a fidalga estava a implorar por aquelle modo, voltou-se o filhinho na cama, ergueu a cabeça como se tivesse uma coisa a afogal-o e largou a tossir, a tossir por muito tempo.

D. Isabel estava de tal maneira absorta que nem ouviu.

—Esta creança está doente, minha senhora, disse Frederico sem fazer reparo que o estava a dizer á mãe. Estudei alguma coisa d'isto... Dá-me licença?

Chegou-se ao pequeno e examinou-o.

D. Isabel olhava para elle a tremer; seria Deus que estivesse a castigal-a já?

—Passou, disse Frederico; passou felizmente, mas bem póde mandar chamar o medico quanto antes!

—O quê, pois acha...? redarguiu a mãe aterrada.

—Acho que as horas vão passando, disse elle com impaciencia.

A *fidalga* viu que não havia que esperar, e acompanhou o rapaz á porta do quarto de Alipio Nonnato.

Frederico bateu á porta.

O fidalgo dormia ainda.

Bateu outra vez; vinha um criado pelo corredor.

—Quem procura, senhor?

—O sr. Alipio Nonnato.

—Isto é muito cedo; vá passear para a quinta se quer, para fazer horas, e quando o senhor accordar eu lá lh'o irei dizer.

—Não posso demorar-me e preciso fallar-lhe; fallar-lhe impreterivelmente! disse elle, machucando o chicote entre os dedos.

O fidalgo, com aquelle rumor de fallas á porta da alcôva, accordou.

—Que é isso? Quem está ahi?

—Um sujeito que procura o senhor! respondeu o criado.

—Que horas são?

—Cinco horas, senhor.

—Não conheço sujeitos a essa hora; que volte depois.

Frederico deitou a mão á porta, e abriu-a.

—Por cá! exclamou o fidalgo.

—Quero pedir-lhe o favor de se levantar. Uma circumstancia imprevista faz com que não me possa demorar n'esta terra, e não quero partir sem lhe dizer duas coisas. Cá vou esperal-o em baixo.

—Pois vá fumando para se entreter, que já lá me tem! redarguiu Alipio Nonnato saltando para fóra da cama.

Mas d'alli a um instante, quando o moço ia para descer, appareceu D. Isabel, pállida, como louca; e, vendo o marido, que vinha já a sair do quarto, metteu-se entre elles gritando:

—Alipio, o nosso filho está a morrer! accudam!

Alipio Nonnato fez-se branco, e entrou; Frederico entrou tambem.

Estava a creança a estorcer-se e a curvilhar-se em convulsões, com a carinha já desfigurada, e a fazer-se cada vez mais rubra.

Via-se imminente a morte.

—Senhor dos Afflictos, Deus, Deus meu, valei-

nos! gritava a mãe. O medico só póde vir d'aqui a duas horas... É ser cruel de mais a justiça celeste! Perder assim o meu filho, o meu querido filho, o filho da minha alma! Ó piedade divina!..

E arfava o seio á pobre mãe com os gemidos, com os ais, com os soluços do choro, e o pae olhava aterrado, sem força, sem poder, vendo morrer-lhe alli deante dos olhos o unico ente que adorava!

—É necessario sangrar esta creança, disse Frederico.

A mãe voltou-se soffrega para elle:

—Peço-lhe por quanto ha de sagrado! O senhor teve estudos de cirurgia, salve-me o meu filho!

O moço olhou ainda para o relogio.

O ponteiro ia girando, girando, em risco de lhe levar a vida com o levar-lhe Luiza.

Faltavam ainda vinte minutos para as seis horas; se partisse logo, ia ao encontro de uma ventura completa, deslumbrante, segura; se ficasse, talvez que o futuro se lhe fechasse para sempre; nunca mais tornaria a vêr sequer o rasto das esperanças que havia tido...

Avistou de um lado o ceo, e um abysmo do outro; mas viu tambem o amor da mãe que clamava, e a agonia a desmaiar o filho...

Ficou.

Só o que não poude foi deixar de dizer ao enxugar uma lagrima:

—Nunca virá a saber, minha senhora, o que eu me exponho a perder por si!

A mãe beijou-lhe as mãos.

O moço puchou de uma lanceta e picou o bracito do pequeno; saltou o sangue, coloriu-se-lhe o rosto, e a respiração principiou a ser regular: estava salvo.

—Seja bom de todo, disse-lhe Alipio Nonnato; fico escravo de quem salvou meu filho: perdôe-me tambem!

Frederico estendeu-lhe a mão, e disse-lhe unicamente ouvindo dar as seis horas:

—Empreste-me já um cavallo, senhor, empreste-me depressa um cavallo e considerar-me-hei pago!

E saiu, quasi deitando por terra D. Isabel, que queria abraçal-o como irmã, sentindo-se purificada pela gratidão.

Foi mesmo o fidalgo sellar um cavallo emquanto um criado punha a sella n'outro; quiz acompanhar Frederico, e partiram juntos a galope.

Já vinha a sair o sol doirando os campos fraldados de verdiselas e suspiros do campo. O caminho era lindissimo; erguiam-se cheias de vida as oliveiras, os carvalhos agitavam as folhas, e á beira dos regueiros brilhavam os malmequeres, os valancos, os almeirões, por entre as silvas e as flores d'amóra.

A estrada, curva a cada passo, erguia-se até se lhe perder de vista o cinto alvejante em redor das collinas, com um movimento sinuoso que era uma bellesa; parecia uma fita larga a apertar-lhes ao corpo o véu alloirado das cearas ou o vestido de charnecas verdejantes; planicies, elevações, declives de tanta expressão como as fórmas humanas, mas mais brilhantes.

Lá ao longe, no horisonte, quasi escondidas atraz das outras, sorriam timidas umas faias varrendo o sollo com a rama; trepavam na encosta os campos de centeio, o sol beijava a terra,—e dos pinhaes, das collinas, das planicies levantava-se a grande alma vegetal a ir encontrar-lhe os raios.

Os moinhos, alegres, espertos, independentes, com vento a procural-os por todos os lados, sem necessidade de irem estabelecer-se nos cabeços como os dos arrabaldes de Lisboa para ver se apanham o triste sopro de um zephiro tysico, zoavam ruidosos de panno inchado.

As arvores vergavam com os fructos; erguiam-se das searas bandos de codornizes e escravelhos; e ouviam-se de quando em quando os tiros dos caçadores, que andavam na diligencia de juntar, para entregar á camara, tantas cabeças quantas importava a sementeira d'elles.

Depois, mais adeante, emfim, por entre a rama dos sobreiros que cortavam os campos por onde as

vaccas e os carneirinhos andavam a pastar, avistava-se a estalagem—a estalagem de Balthazar!

Galoparam com mais velocidade ainda, e, n'um instante, chegaram ao pateo do albergue. Não estava já a sege no pateo: havia partido... O moço fez perguntas para um lado e para o outro com um phrenesi febril. A que hora havia partido a sege? Que caminho levára?

Na estrada para a villa, n'um sitio a que lá chamavam o Cotovêlo, havia a sege tomado por uma azinhaga.—Outros diziam que se tinha apeado uma senhora.—Depois, mais nada.

Frederico metteu esporas ao cavallo; o animal levantou-se todo e saccudiu-o; o moço caiu sem sentidos nos braços de Balthazar, que o deitou n'um banco. Fizeram-lhe roda os almocreves que iam passando e o *fidalgo* das Olaias.

No meio d'quella bulha toda abriu-se uma janella que deitava para o pateo e para a horta, e appareceu Joaquim Bruno: olhou para o ajuntamento e não teve ares de ficar com cuidado no filho, porque se poz a rir sósinho, como quem tinha a idéa n'outro caso,—muito mais desde que deu com a vista no *fidalgo*. Fechou depois a janella, desceu, não se deu ao incommodo de ir ver o filho, e saiu a olhar com uns modos de ameaça para Alipio Nonnato, que não deu por elle.

Levaram Frederico em braços para o quarto. O

rapaz voltou a si, mas, não se sentindo com forças nem animo, pediu para o deixarem só. Desceu Balthazar com o *fidalgo*, a scismar se achava pé de pegar de rixa com elle. Desesperava-o a boa harmonia em que o vira com Frederico.

O *fidalgo* das Olaias ia para montar a cavallo; estavam por alli mais de vinte pessoas; Joaquim Bruno, que as capitaneava e estivera a fallar ora com um ora com outro, foi direito ao *fidalgo*, que conheceu logo que aquella gente era a mesma que assistira á scena da vespera na quinta: bastou-lhe vêl-os para perceber que tinha todos contra si. Mais atraz, Balthazar esfregava as mãos de contente.

Joaquim Bruno deitou a mão ás redeas do cavallo, e disse para o *fidalgo*:

—Muito folgo de ver vossa senhoria, e de nos encontrarmos aqui com estes visinhos. Já não estou muito lembrado do que veiu a ser o que me disse hontem á noite na quinta; mas a modos que tenho uma idéa de me terem mettido á bulha como se eu pedisse o que não era meu?

—Sr. Joaquim Bruno, respondeu o *fidalgo* visivelmente inquieto, havemos de tratar d'isso entre nós dois.

—Nicles! Quanta mais gente houver para ouvir sua senhoria declarar que o Joaquim Bruno é um homem de bem, mais arranjo me faz, porque o seu dizer é de todo o peso. Vamos ao caso, disse vossa

senhoria ou não disse hontem á noite que não me devia nada?

—Não foi bem isso o que eu disse, balbuciou Alipio Nonnato.

—Então se não foi vossa mercê, isto é, vossa senhoria, foi a senhora sua mulher! E não é de crer que uma pessoa que está sempre com o Christo na bocca seja mentirosa. Hontem era noite, não se lembra cada um do que vae pelo mundo; mas de manhã estão as memorias frescas, e toca a apurar o caso. Deve-me ou não me deve?

—Não devo! respondeu Alipio, fazendo-se branco por dizer isso, mas não querendo voltar com a palavra atraz nem desacreditar sua mulher.

—Olé! retorquiu Joaquim Bruno. Já não ha caso mais galante! Pois hontem o granjola do meu filho foi ás Olaias com a obrigação de divida, que aqui o Balthazar viu com os seus olhos, e esta manhã, assim que aclarou, fui dar uma volta á quinta alli por entre a murta, e achei, bocadinho aqui, bocadinho acolá, os pedaços do papel todo rasgado; e tanto assim succedeu que me puz a juntar os bocados todos e elle aqui está sem novidade e de boa saude, valendo sempre os trinta contos!

E Joaquim Bruno mostrou a quantos lhe faziam roda a obrigação de divida, que estava um milagre de arranjo, de habilidade, e de paciencia.

O *fidalgo* ia a curvar a cabeça; estava pobre e sem

credito; nem o ser valente lhe servia alli de nada; mas como tinha ás vezes inspirações vís, ainda tentou dizer:

—Se o papel foi rasgado, é porque estava pago!

—Não estava! exclamou uma voz de mulher, como que n'um gemido.

E D. Isabel appareceu no meio da turba, mais formosa ainda pela dôr e pelas lagrimas. A saloiada arredou-se.

—Alipio, disse ella ao marido, houve Deus por bem salvar-nos o nosso filho, e não temos para lhe offertar senão o arrependimento! Chegou a hora de confessarmos...

Ia a proseguir, quando entrou no pateo uma sege que fez recuar a multidão. Era Luiza, que ainda ouviu de relance ao apear-se as ultimas palavras de D. Isabel, e ao abraçal-a lhe disse ao ouvido:

—Não digas nada!

Em seguida, voltando-se para Joaquim Bruno:

—Aqui estão os seus trinta contos, sr. Joaquim Bruno, que a prima me tinha incumbido de ir buscar á villa.

E entregou-lhe uma carta de ordem.

—Onde está Frederico? perguntou depois.

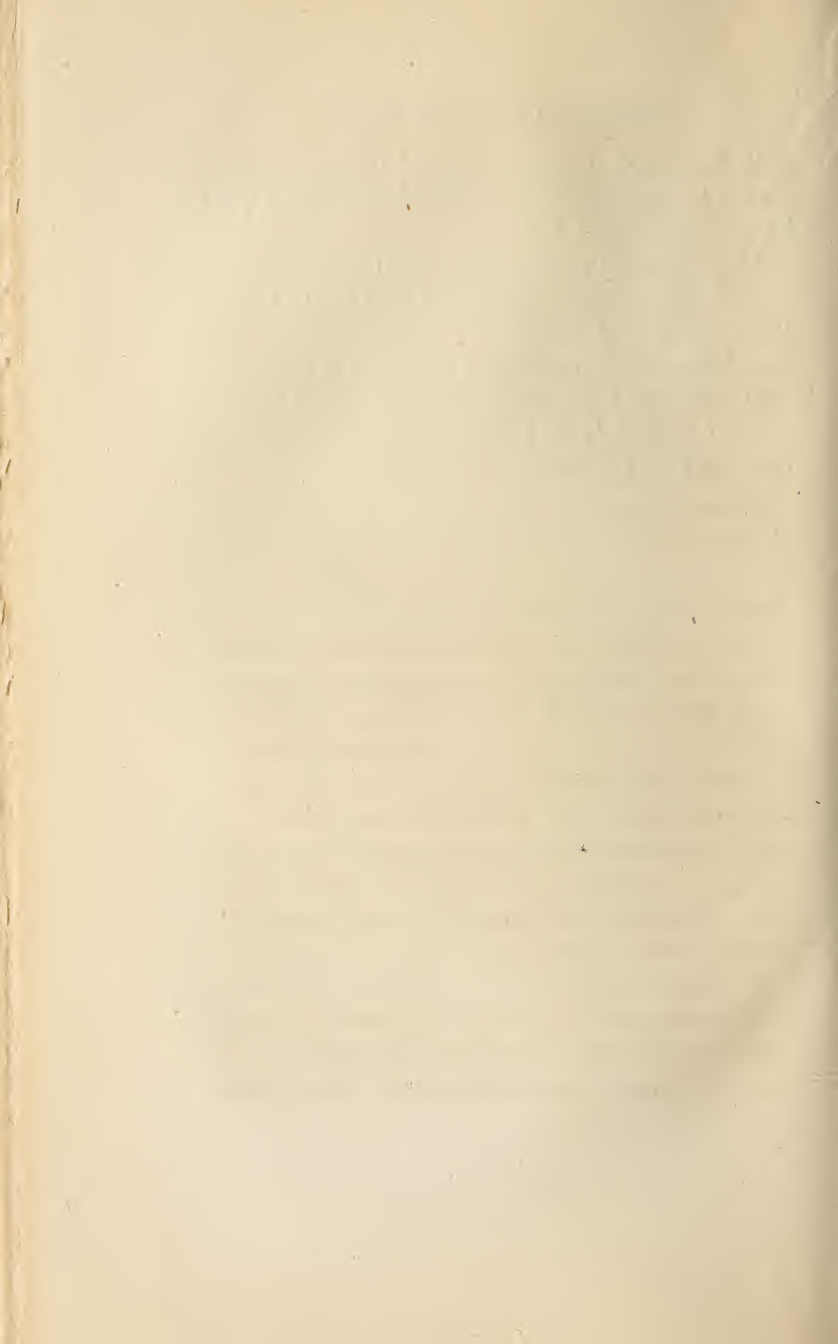
Mas o moço havia-lhe conhecido a voz, desceu, e quiz deitar-se-lhe aos pés; Luiza sorriu-se, metteu-lhe o braço, e disse para a fidalga das Olaias:

—E então agora, prima, não me deixará ir visital-a alguma vez com meu marido?

D. Isabel não respondeu; ficou a olhar para Frederico, e a dizer comsigo:—A felicidade d'elles é que ha de castigar-me a mim!

Alipio Nonnato chegou-se a Luiza:

—Não sei, minha senhora, até que ponto podemos acceitar uma quantia tal...

—Olhe, primo, respondeu Luiza, eu já tinha ouvido dizer que estavam a peitos com alguns embaraços, e quando lá fui á quinta antes de hontem—era para lhes levar isto!

Era o burro branco. Fallei muito a respeito d'elle, ha hoje talvez doze annos, historiando uma jornada —ou antes uma noitada com Julio Caldas Aulete, desde o sitio das Marés, junto ao Cercal, até á aldeia da Durruivos. Nas Marés residia esse burrinho excellente, que quando seu dono o montava feria lume por aquella estrada fóra, esperto e agil, e em o dono o emprestando de noite a alguem não havia pernas que o levassem, sobretudo se o vento rolando da serra lhe batia nas orelhas.

O burrinho morreu.

Já ha seis annos que a casa das Marés está deshabitada, e pela partida dos donos para Lisboa vendeu-se o burro a um fazendeiro do sitio d'Aguas

Espalhadas, que tem casa de venda á beira da estrada real, um pouco adeante da quinta das Marés. Principiou n'esse dia vida negra para o pobre burro branco; da horta para casa, de casa para a adega, da adega para o Cercal, para as Caldas, para Alcobaça, para Peniche,—viajar constante. Foram-se-lhe quebrando as forças, entrou a tristeza com elle, aguentou-se de pé emquanto pôde, até que não pôde mais e caiu doente. Foi então exactamente que passei de novo por aquelle sitio, e o vi estirado na sua caminha de palha, olhando para as grades da mangedoura d'onde pendiam uns cardos e uns ramalhos de feno. Enchiam-se-lhe os olhos d'agua, como a dizerem que estava soffrendo, e tambem —a verdade é esta—que não queria morrer ainda. Respirava alto, dava ás ancas como se assoprasse um fole, escancarava as ventas e encolhia-as logo.

Fazia-lhe roda toda a familia do fazendeiro; o avô, taciturno, encostado a um cajado; o pae com a gamella adeante de si mechendo uma beberagem de vinagre e sêmeas, a mãe conchegando-lhe a palha ao corpo, e os pequenos divertindo-se a dobrar-lhe as orelhas, e a levantar-lhe o rabo. Estirado ao lado o cão do casal, erguendo a cabeça de vez em quando e rosnando.

O burro tossiu, como que suspirou, e sacudiu as pernas; espelharam-se-lhe nos olhos as arvores que estavam defronte esmaltando a terra; ía a despedir-

se o sol pelos montes; na baixa dos valles desciam já timidamente as sombras; ouviam-se sons vagos no campo, o rincho d'um cavallo ao longe, o tinir dos chocalhos, o cantar dos gallos, os sinos das parochias batendo as Ave-Marias: melopéas fugitivas, o estalar d'uma chicotada, uma praga d'arrieiro, o ranger das rodas d'um carro de bois na estrada; e o murmurio que vem do ar, das charnecas, do céo, da terra, dos riachos,—talvez que o respirar da natureza!

O burro tremia todo; por entre os dentes amarellos e gastos saía-lhe a lingua empenada; as gengives estavam brancas; percebia-se-lhe o esqueleto por baixo da pelle. Duas vezes olhou para a mangedoura como que a sorrir-se e a dizer: Obrigado! Ia morrer.

De repente, do outro lado da estrada, para os lados de Tagarro, ouviu-se zurrar uma jumenta velha, que o burrinho branco conhecia desde pequeno n'aquelles sitios. Ergueu logo as orelhas, levantou-se nos joelhos, poz-se a olhar com a vista embaciada para aquelles campos onde vivêra, e como se quizesse responder á voz da jumenta amiga tentou zurrar...

Instantes depois morreu.

Coitado! Lavram-se por ahi todos os dias necrologios a tanto burro de dois pés, porque não havia eu escrever o d'este... que tinha quatro!?

—Fecha a porta, que ahi veem os comicos!

Foi longa a jornada, e todo o caminho por entre nuvens de poeira. Por mais que as casas de venda pela estrada adiante balançassem ao vento o ramo de louro provocante, ninguem parou. E mais havia sede! Chegam ahi agora, coitados, n'um carro de matto, com a bagagem de veludilho e lentejoulas mettida em caixotins decrepitos. Veem a rir-se. Chegam; a dona da hospedaria, que lhe deu o faro, grita ás criadas:

«Ahi veem os comicos, arrecada a prata!»

Actores ambulantes! Parias! Sentinellas perdidas da arte dramatica, artistas para caminhadas, correndo o reino á cata de enchentes, levando dentro de um sacco de chita todas as alegrias e todos os me-

dos, a risota e o furor, corôas e chinós; actores que chegam para tudo, que dispensam scenario, que supprem a lua, que fazem do nada qualquer coisa, decorando cinco actos por dia, acceitando qualquer publico, viajando a pé, de carro, ou em burro; ensaindo as peças nas estalagens com as janellas abertas, trepando e descendo pela gamma das paixões humanas, n'um celleiro a tostão à entrada; monologos de gritaria, receitas de patacos, existencia d'acaso, jantares de occasião; dormindo uns a fazer cabeceira aos outros; o *plaustrum* de Thespis, sem as vindimas; estalagens em que se empenham as piugas, vida de purpura e de trapos, de imaginativa e de audacia; pondo capinhas escuras nos botões amarellos das casacas azues para parecerem casacas pretas, fazendo colletes de papel almasso, e cabelleiras de aparas polvilhadas com farinha!

Pobre gente! A voltar sempre costas aos triumphos, alegre sempre e graciosa, contando historitas a respeito de tudo, com a boceta de Pandora debaixo do braço,—a caixa aberta e a esperança no fundo!

Cada um d'elles é capaz de representar uma peça sósinho, e fazer ao mesmo tempo o papel de rei, o da rainha e o do frade. Vae um d'elles uma vez com uma carta minha procurar D. Pedro do Rio, então commissario do theatro de D. Maria:—«Deseja ser admittido na companhia; muito bem; está velho e precisa amparo; em que genero represen-

ta?» — «Qual é o que se paga melhor?» — «Os galãs.» — «Galã, visto isso.» Tinha cincoenta annos!

Ha tal que só representa bem em apanhando restea de sol — meia canada de vinho. Outro precisa um caldo, para aquecer o estomago. Ha n'elles o que quer que seja de Panurgio e de D. Quixote. Aldrabam mil expedientes para sair de uma crise. Nada lhes mette medo; agradecem as palmas gravemente, almoçam uma codea de pão com um gollo de agua da fonte, declamam ao som de pateada como se fôra a melhor das melopêas, e quando calha jantar com fartura e bem, o rico bacalhau, o chispe com hervas, a sardinha gorda assada, e a gallinha de cabidella, não se lembram sequer de que ha trezentos e sessenta e cinco jantares no anno!

Teem um dichote favorito:

—Um homem não treme!

Encontra-os um amigo em Lisboa:

—Que fazias tu na companhia que foi este anno á Nazareth?

—Era a orchestra.

—Quê?

—Tocava flauta para acompanhar a copla do fim das peças.

—Então tu sabes tocar flauta?! Nunca aprendeste!

—Um homem não treme.

Andam sempre de mãos nas algibeiras, excepto

quando passeam de mão na ilharga. Mechem que parece que teem bicho carpinteiro. Voz rouquenha, e olhos vivissimos que rebolam nas orbitas como se representassem na vida particular os traidores do... Ia dizer do Salitre ou da rua dos Condes,— mas já não ha traidores nem na rua dos Condes, nem no Salitre, nem em algures!

Para tudo teem prestimo! Francisco Fernandes, hoje no Brasil, e director perpetuo de companhia ambulante, é um dos homens de talento que eu tenho encontrado n'este mundo. Quando elle representou em Evora n'umas récitas de Santos e Emilia Letroublon a que eu fui assistir, foi ponto, adrecista, actor, carpinteiro; n'uma das peças havia um papel de velha,—foi a velha. Uma vez, não sei em que terra pequena, o ponto para lhe armar uma entrudada, apontou-lhe durante toda uma comedia o jornal *A Nação*. Francisco Fernandes improvisou outro papel. Não sei em que peça devia o relogio bater tres horas: o relogio não bateu nem meia; Francisco Fernandes encostou a lingua ao céo da bocca e fez «tlin, tlin, tlin»: depois proseguiu: «Deram tres horas!»

Um homem não treme!

Não quero dizer que sejam capazes de representar sem publico; mas são capazes de representar sem theatro. Já se deu uma récita do *Frei Luiz de Sousa* n'uma adega.

Teem vistas larguissimas sobre a esthetica da arte. No *Alfageme de Santarem,* não querem para o condestavel senão uma espada; trage, armadura, etc., dispensam tudo; o condestavel não é celebre senão pela espada; mostre a espada que já o conhecem.

Á mesa quesilam que se tirem os pratos:

—Deixe lá os pratos, homem; a você não lhe fazem mal, e a nós entretêem-nos!

Ás vezes teem graça cá fóra, e foge-lhes a graça na scena; mas como cá fóra a teem, vão vivendo de divertir mais os companheiros do que o publico. De uma occasião representava um o primeiro acto da *Pobre das ruinas;* levou pateada; ia principiar o segundo acto quando o homem se dispunha a ir-se já embora tranquillamente. Diz-lhe o director da companhia:

—Onde vae você?

—Passear.

—E então o segundo acto? O segundo acto vae principiar.

—Eu não sei de cór nem o segundo nem o terceiro!

—Que!

—Tenho sempre levado pateada no primeiro; nunca cheguei ao segundo.

Acontece que o povo, ás vezes, seja bruto com elles. A um, não sei se nas Caldas, atiraram-lhe de uma vez uma cabeça de alhos: o outro apanhou-a, e disse:

—A pessoa que deixou cair a cabeça póde reclamal-a no bilheteiro!

Pobres actores, de bem bom talento ás vezes! Ha nas companhias ambulantes artistas, que valem tres vezes como intelligencia muitos dos actores da capital. Caminhem, pobres christãos errantes; tristezas não pagam dividas; vão rindo! Talvez que um dia, lá por essas aldêas onde pernoitam, estirados debaixo de um alpendre, sem dez réis de animo nem de dinheiro, e tendo unicamente para vender um casaquinho velho, o casaquinho dos galãs, desconsolados e moidos, se chegue a elles alguma pobre mulherzinha do campo, que for passando, e lhes diga:

—Venham cear comnosco, comigo e com o meu homem, e dormir debaixo de telha. Vou fazer o esparregado da noite e guizar umas batatas.

Depois, de manhã, quando elles lhe disserem:

—Não temos dinheiro para pagar. Somos comicos ambulantes, e vendemos tudo que tinhamos para pagar o que a chuva nos fez perder de recitas sem publico!

—Vão com Deus! Eu tambem tenho um filho, que anda pelas feiras n'uma companhia de arlequins, e prasa a Deus que se o coitado se vir n'estas horas, alguem lhe faça o que eu lhes fiz esta noite...

No tumulo do actor ambulante,—se lhe derem tumulo—ponham uma mascara de bobo, e um bordão de peregrino.

Vae caindo nos campos a sésta d'um dia de verão. Nos ares nem um sopro, nem uma nuvem. A rama dos chopos não se bole, as pedras queimam os pés descalços dos saloios. O cão, espreguiçando-se á sombra, não ladra já aos viandantes. Descuidosa da andorinha, que lhe quer mal e vôa longe do solo abrasado a perder-se no azul do céo, cola-se a cigarra estridente e alegre ás arvores, que deixam pender a rama desfalecida...

Mas, ao longo do rio, em redor da azenha, n'um sitio a que chamam o Carvalhal d'Obidos, verdeja um oasis onde parece morar a primavera. Ali, com um estremecer de luz prodigiosa, tudo respira e canta; a agua anima e refresca o ar, e a roda da azenha gyra espumante por entre uma aureola de

neve. Curvam os ramos e banham-os no rio os freixos, os chopos, os urmos, com as raizes rosadas como ramos de coral a sair pela ribanceira.

Debruça-se d'uma quinta um cedro; por cima vinhas, quintaes com jorros de agua, que vertem para o rio; n'um oiteirinho uma ermida... Um campo de nogueiras parece sorrir-se d'uma suspeita de castello feudal que está para ali, ruinas sem nome onde hoje se guarda palha; defronte, n'umas sebes altas e tufosas, é um enxame de passaros a chilrar...

Estão brincando no açude que represa a agua do rio para a encaminhar á azenha, uns poucos de pequenitos que foram para ali attrahidos pelas arvores, pela agua, pelo encanto d'aquelle sitio delicioso. Por signal que já a presença d'elles fez grasnar dois patos, coitaditos, que em cima do tapume dormiam de bico na aza e não tiveram remedio assim que elles os acordaram senão ir para a agua outra vez.

O calor que está caindo e a frescura do rio tentou os pequenitos a dar um mergulho na presa de agua, e ahi principiam a despir-se qual d'elles mais ligeiro para saltar primeiro á agua. Dão-lhes ar de tal rusticidade os andrajos com que cobrem o corpo, que é pasmo vel-os depois de nús parecerem deuses pequeninos! Formosos, innocentes, brilha ainda n'elles a elegancia e a graça da mão creadora que os formou!

Saltinham, gritando, guinchando, e, como um bando de passarinhos, atiram comsigo á corrente que espuma de encontro ás margens.

É acolhido por um côro de risadas o ultimo que se deita á agua. Vão aos tombos e aos encontrões, trepam-se aos ramos e balouçam-se até os quebrar.

Depois, como a inconstancia da edade lhes fez deixar logo aquelle recreio, foram de gatinhas a sair do banho, apegando-se ás hervas do vallado.

E d'ali estendidos no açude puzeram-se a seccar ao sol, quando deram com a vista no coitado d'um cão, que, talvez por fome, andava a cheirar-lhes o fato e a lambiscar umas migalhitas de pão de ralla que tinham ficado nas algibeiras.

Tiveram todos a mesma idéa a um tempo e no mesmo instante a disseram: atirar com o animal ao rio!

Levanta-se um do rancho, vae todo surrateiro buscar um pedacito de pão á jaqueta e offerece-o ao cão esfomeado, que, sem desconfiar e já com ar de gratidão, avança para o aboccar. Mas, ainda mal abre timidamente a guela e já lhe poisa em cima a mão do saloíto que o enrosca pelo pescoço, e elle ahi fica em poder dos inimigos, servindo de brinco aos rapazes.

Tão depressa o apanham, levam-o para o rio. Atiram com elle á agua, defronte mesmo da azenha; desapparece o pobre animal por um instante, vem

acima, e vae a nadar para a margem opposta; com o encontral-a inaccessivel, ganha outra vez o lado onde estão os pequenos, que o repellem; não consegue tomar pé sósinho: escorregam-lhe as patinhas pelo açude e de cada tentativa que emprega, mais depressa se afunda; espalha a vista com inquietação para um lado e para o outro, e, não vendo como haja de escapar, parece resolver-se a ir seguindo encostado ao tapume até que se lhe depare por onde sair; mas os pequenos, armados de vardascas que ali mesmo á pressa vão arrancar das arvores, obrigam-o a cortar o caminho.

A poder de andar d'um lado para o outro, mette-se debaixo de uns troncos de nogueira no sitio em que começa o açude, e ali descança com agua até ao lombo. Correm sobre elle os pequenos para o desalojar d'aquelle ultimo asylo, mas os ramos da nogueira cobrem-o com uma especie de abobada que os não deixa chegar-lhe.

Voltam para o outro lado aos gritos, na diligencia de lograr com ameaças que o infeliz que olha para elles com ar de supplica e de angustia se metta a nado outra vez. Timido, encolhido, tiritante, já sem forças, meio afogado em agua, fixa os olhos com inveja de não ter azas como um passarinho que lhe passa por cima, soltando um pio com dó d'elle e voando!

Vão buscar pedras e apedrejam-o; soffre elle por

momentos a saraivada que o persegue e o faz ganir com a dôr, mas não póde permanecer ali e mette-se á agua outra vez.

O bando impiedoso exulta e prorompe em exclamações de triumpho e de jubilo. O cão vae-se encostando penosamente á margem; topa n'um tronco, agarra-se-lhe, e, com o esforço supremo de quem está a ponto de se afogar, consegue maranhar até á terra, e fica salvo!

Mas haviam-se-lhe gasto as forças, já não póde fugir, deita agua pela bocca, e cae.

Dá isto tempo aos pequenos de se lhe aproximarem. Correm todos, barbaros e nús como selvagens, e seguram-o. A victima solta uns gemidos: sem já se lembrar sequer de morder, incapaz de se vingar, põe-se a implorar com o olhar e com a voz. Dir-se-hia que a vista intelligente, com a expressão de quem pressente a morte, se lhe fixa estonteada e supplicante ora n'um ora n'outro, estatico, perdido, e sem saber qual foi o que lhe armou a traição de lhe offerecer um bocado da merendeira.

Levam o cão ao sitio mais fundo e atiram com elle. Defende-se por instantes, mal podendo nadar e mergulhando-se mais cada vez. Já lhe custa a suster a cabeça de fóra do abysmo; gane, guincha, grita, principia a engolir a agua, vae mergulhando, vae descendo, agita-se e extorce-se nas convulsões horriveis da agonia dos afogados,—até que, deixando

de luctar contra a sorte e já sem dar por ella, encrespa-se todo e morre.

Ha já um pouco de tempo que não se meche, e ainda os pequenos estão a olhar para elle — observando a morte depois de haverem observado a dor. Estão para ali todos no açude, uns de pé, acocorados outros, outros estendidos sobre a relva. Por entre a rama das arvores vem brincar a luz e a sombra por cima do corpo d'elles...

Quem sabe? Talvez a sorte lhes venha a ser cruel como elles foram para o cão faminto. Bem podem vestir outra vez os andrajos da miseria e esconder aquella nudez sagrada, que não são dignos de ostentar ao sol. Vão crescer e ser homens: e bem póde ser que os males da vida, a fome, a doença, o frio, venham a vingar ainda algum dia o pobre cão do Carvalhal!

Foi n'um domingo á noite, no mez d'agosto, que os dois heroes d'este simples caso travaram conhecimento no arraial da Senhora Sant'Anna. Defronte do adro da ermida estava armado o coreto para a musica, e por entre os leilões do pão de ló e das fogaças ia rompendo o bailarico. As bolacheiras haviam-se intrincheirado com os taboleiros na calçadinha, que vae dar ao rio, e na entrada da azinhaga que conduz ao arco grande; os feirantes de tasca penduravam as barracas na rama e nos troncos das arvores como fazem os passaros com os ninhos; a mocidade dos arredores apinhava-se alegre e ruidosa; a musica fazia quanta bulha podia; e as rãs, admiradas de tanta festa, agachavam-se muito bem caladas no fundo dos charcos que por alli ha.

A capital estava representada no *bailarico* pela polka. A rapaziada dos sitios, com o fato dos dias santos, brincára grandemente; mas á proporção que se adiantava a noite ia-se tornando menos numerosa.

As raparigas do logar dançavam com alma. O tenente Trigoso, que fôra visitar um amigo ao quartel de Campo de Ourique e á noite deitára de passeio até ao arraial, olhava para tudo aquillo mais que por cima do hombro... por cima das charlateiras; todavia mordeu o bigode ao encontrar com a vista uma donzellinha de dezoito annos, de physionomia sympathica, cabello castanho, olhos muito espertos e boquinha graciosa. Estava a moça vestida de claro com o seu cinto á moda, mas trajando com uma simplicidade que a estremava das companheiras, ajoujadas quasi todas com uma enormidade de enfeites. Chamava-se Lucia; era filha d'um fazendeiro e citada pelo desembaraço e tino com que ajudava o pae. O tenente torceu o bigode e tomou certa attitude que lhe ia a matar.

Era homem esbelto, com seus ares de valente, hombros largos, cintura fina, assoprando antes de fallar, e deitando o pé para fóra quando passava diante de senhoras ou em as vendo á janella. Por estas e outras prendas fez o tenente uma conquista; Lucia, a quem debalde arrastavam a aza os mais guapos moços dos arrabaldes, notou com agrado a

insistencia com que os olhos d'elle procuravam os seus.

Espalhando a vista para um lado e outro o tenente não viu cara conhecida, nem que tivesse geitos de o conhecer a elle. Além de presar como devia a dignidade militar, era dado este cavalheiro a idéas ambiciosas, projectos largos de casar rico, e escrupuloso cumprimento do que se chamam as conveniencias. Por isso só depois de se certificar que apenas por alli estaria da cidade algum frequentador da Rabicha e hortas circumvisinhas, que não gozasse a satisfação de o conhecer, teve o tenente a tentação de tomar parte no bailarico e tirar Lucia para dançar.

Por elle não se haver dignado dirigir-lhe a palavra em todo o tempo que estivera a namoral-a, o que só era simples resultado de não poder decidir-se a tomar ao serio pessoa tão pouco merecedora da sua attenção, cuidou a rapariga que era advertencia e cortezia o que não passava de desdem. Por isso quando o tenente a pediu para par, deu-lhe resposta com ares de doçura e benevolencia que raramente concedia.

—É bem educadinha! disse comsigo o tenente. Que pena não ser pessoa de nascimento!

Foi interrompida esta reflexão pelos preludios de uma polka, e o cavalheiro rompeu ostentando suas graças; a polka era o talento por excellencia d'elle,

e tinha-se em conta de accrescentar-lhe certos arabescos que devessem dar no goto á sociedade; infelizmente, ao espalhar a vista em redor, viu que já por alli não estava quasi ninguem e que a multidão affluia para a baixa do logar onde se esperava o fogo de vistas.

Sem lhe restar duvida da boa impressão que devia ter produzido, o tenente no fim da polka offereceu o braço a Lucia e convidou-a a tomar «uma cavaca e um golo de licor»; a moça acceitou sem dissimular a alegria que este novo convite lhe despertava, e, comquanto preferisse capilé, bebeu por muito rogada todo o copo de licor, que não deixou de a entontecer: mais bonita ficou ainda!

N'este comenos um mocetão trigueiro, robusto, de barrete e jaqueta, poz-se de lado a olhal-os e fez um aceno a Lucia; a rapariga deixou o braço do tenente e foi fallar-lhe.

—Que queres tu, Thimoteo?

—Então que tal te vaes dando com esse *derriço* novo?

—Que te importa a ti?

—Importa-me porque és boa rapariga, e porque bem sabes se gosto de ti ou não!

—Olha, rapaz, respondeu-lhe ella a sorrir-se, não é o amor que me tens que te ha de tirar a vontade de comer! Ainda que eu gostasse d'aquelle official não te havias de matar por isso!

—Toma tu conta em ti! retrocou o homem.

Ella disse-lhe adeus por não poder demorar-se alli e foi outra vez dar o braço ao tenente, que estava furioso de ver que uma creatura, a quem fizera a honra de escolher para par, o deixava á espera para ir fallar a um lapuz de jaqueta.

—Quem vem a ser aquelle figurão? disse elle com modos seccos a Lucia quando voltou.

—É um rapaz da minha terra e da minha creação, respondeu a rapariga, como que offendida da maneira por que o tenente fallára d'elle. É o Timotheo caçador. Tem muito bom coração, um genio celebre mas excellentes qualidades.

—Quem sabe se esse sujeitinho... disse o tenente piscando-lhe o olho com malicia.

—O que? perguntou a rapariga com os olhos muito abertos.

O tenente guardou o resto para si, encrespou o sobr'olho e não deu resposta.

Lucia baixou a vista.

—Esse sujeitinho?... repetiu a moça.

—Depois lhe direi, replicou o tenente. Vamos a fallar d'outra coisa, minha menina.

A rapariga pareceu reflectir, mas, n'esse rapido instante de suspensão entre uma idéa que se esvaia e outra que ia nascer, sentiu-se erguer da terra, conchegada ao hombro do tenente, e deixou-se levar pela harmonia d'uma walsa que principiava.

A walsa para o tenente era a coisa mais simples do mundo e aproveitou quanto pôde o prazer de apertar Lucia ao peito. Ella ás vezes, levantava os olhos, mas os do tenente tinham tal brilho ao fixal-a, que a donzella não podia aguentar-lhe a luz. Apesar d'isto estava contente por conhecer que lhe acordavam na alma impressões novas e por se sentir viver! O tenente estava alli todo e não lhe escapava nada.

—Se me julga digno de tal mercê, disse-lhe elle no fim da walsa, vamos dar um giro; está aqui muito calor, e ha de fazer-lhe bem tomar ar!

—Está muito calor, está! disse ella abanando o lenço.

O official não lhe deu tempo para pensar, e, descendo a calçadinha, atravessando por entre a multidão, que se apinhava, esperando o fogo na baixa do sitio e na azinhaga que corta á esquerda do rio, conduziu-a por uma descida que o viandante deixa á direita, quando sáe do logar para entrar na estrada que conduz ás portas de Campolide, ou subir os campos a que chamam dos Sete Moinhos.

Não andava ninguem por alli, mas o arruido da festa, o estalar dos foguetes, a musica, a grita dos pregoeiros, o vozear do povo, apezar de estarem em distancia pareciam fazer-lhes companhia. Passaram ao lado das formosas nogueiras que costeiam aquelle caminho, atravessaram a ponte, avistaram ao

longe no alto os moinhos que gemiam brandamente, depois seguiram pela estreita azinhaga, que fica á esquerda d'um muro coberto de piteiras e vae afundar-se n'uma cova escura, que dá entrada para a chamada *quinta do Inferno*.

Lucia aspirára com encanto o ar puro d'aquella noite serena e perfumada; ia scismando, scismando e não reparava sequer na escuridão completa que a cercava. O tenente não dava palavra; era como se respeitasse a meditação em que ia embebida a moça e não se atrevesse á minima liberdade; ergueu ella a cabeça e disse:

—Está tão escuro este sitio!

—D'aqui a nada vem o luar, respondeu o tenente.

—Mas para onde viemos nós?

—Estamos a dois passos do arraial; oiça!

Ouvia-se effectivamente a musica da orchestra, e os descantes á guitarra, e os gritos, e a alegria d'estas festas populares.

—Tem razão, disse Lucia. Queira desculpar-me, mas estavam a acudir-me tristezas á lembrança!

—Não quer dizer-me o que era?

—Talvez depois lh'o diga! respondeu ella com uns ares maganos, que lhe davam graça.

—E porque não m'o diz agora?

—Porque... porque agora estou contente e não quero ficar triste. Ai! que rica aragem!

E trepando a correr e aos pulos uma parte da

azinhaga, como um duende a brincar na relva, foi pôr-se a observar os campos:

—Já sei agora onde estou. Olhe, quer ver, alli em baixo é o sitio do Senhor Jesus dos Terramotos, aquellas casinhas brancas; ha alli a mais bella uva! Acolá, para a direita, são as portas da cidade do lado de Campo d'Ourique; aqui defronte é os Sete Moinhos, que já não moem mais que seis, porque o ultimo d'aquella banda está quebrado ha que annos, mas a gente sempre lhe vae chamando os sete; alli para a esquerda fica Campolide, e d'aquelle lado a ponte das lavadeiras, e a horta da Rabicha onde se come peixe frito; e, á ilharga, os Arcos! Não é tão bonito?

—É muito bonito! respondeu o tenente espalhando a vista por condescendencia, e descobrindo um quadro encantador, que nem que fôra *scenario* providencial para a situação em que se achava; caminhos tortuosos que trepavam aos hombros da collina, uma quebrada assustadora, especie de abysmo de verdura, a que não se avistava o fundo, coberto de arvores que entrelaçavam a rama, deixando ver apenas na sombra como faiscas brancas a agua do rio...

O tenente não via lá nem os campos alumiados pelas estrellas, nem o arco grande a erguer-se de entre as arvores como um gigante a sair do banho, nem as searas que são loiras de dia e á noite fa-

zem-se brancas, nem os moinhos, nem o rio, nem o céo! O que elle via era a cova escura escondida entre arbustos que serve d'entrada á tal quinta do Inferno.

Desceu outra vez e largou a fallar, a fallar, para distrair a moça, que pouco respondia, mas ia indo com elle. Quando chegavam quasi á cova, retiro ingreme e rapido como o declive dos amores, teve Trigoso difficuldades, que não se descrevem, para vencer o desejo de abraçar Lucia. Entretanto, diga-se em sua honra, o homem conteve-se. A moça só hesitou e se deteve n'um momento em que pareceu ter susto: foi quando o vento trouxe um rumor vago e musical, ultimos murmurios da orchestra, tão debeis e imperceptiveis que pareciam o suspirar da brisa nas folhas...

Parou de repente e ergueu a cabecita como a corsa que no assobiar do vento cuida ouvir a trombeta dos caçadores nos bosques... O tenente não se atrevia a tomar a respiração. A rapariga deu um suspiro, e continuou a andar; os arbustos entrelaçavam-se de um lado e do outro do caminho e impediam quasi a passagem, mas a moça conchegava-se ainda mais ao braço do tenente e deixava-o a elle affastar as silvas. Ouviram mecher detraz da sebe e pareceu-lhes ver affastar-se uma sombra.

—Quem está ahi? perguntou o tenente.

Ninguem deu resposta e aquietou-se tudo.

—Não tem medo? disse elle a Lucia, admirado de não haver sentido no braço a menor pressão.

—De que? respondeu a moça serenamente. Havia de ser algum rapaz que ande a apanhar vardascas. Tenho ido muitas vezes de noite por peiores caminhos sem me assustar.

—Viva! retorquiu o tenente sorrindo.

Chegaram á cova n'esse momento; sitio deserto, mysterioso e melancolico. A rapariga ficou pensativa e balbuciou entre si:

—Será fado?

O tenente cuidou que a donzella estava com medo d'elle, e, sentando-se na relva, disse-lhe gentilmente:

—Não quer sentar-se ao meu lado, já que deparámos com este labyrintho delicioso? Macacos me mordam, se sei onde estou!

—Sei-o eu replicou Lucia, voltando para o official o rosto banhado em lagrimas. Estamos na *quinta do Inferno!*

O tenente maravilhou-se por tal maneira quando viu a rapariga a chorar, que ficou boquiaberto; a moça fez por disfarçar, enxugou os olhos, afastou o cabello e sorriu-se.

—Isto não é nada, não faça caso.

—Aposto eu, disse o tenente, que está outra vez com a tal idéa d'inda agora?

—Estou, respondeu ella.

—A qual vem a ser?...

—Tome cautella, sr. tenente! disse-lhe a donzella com um sorriso malicioso e triste.

O tenente olhou, scismando, para Lucia ,viu-a alta, esbelta, vestida de claro, com os olhos presos nos d'elle, e o rosto desmaiado alvejando ao luar. A noite e a solidão, os sons da musica que vinham na brisa, a physionomia d'aquella paizagem melancolica, produziram-lhe uma vertigem de momento.

—Diga lá sempre! retorquiu elle fazendo esforço para ter ar de riso, e envergonhado lá por dentro de si por se sentir enleiado e medroso.

—Pois quer? retrucou Lucia sentando-se na relva, e pondo a mão fria de neve n'um joelho do militar.

—Quero, quero!

—Depois não se queixe se perder alguma illusão; bem o aviso.

E, deixando cair a mão direita no vestido e levando aos labios o index da mão esquerda, disse assim:

—Não cuide o sr. tenente que me trouxe aqui contra vontade minha ou sem saber o que fazia. Sabia muito bem onde estava, e sabia melhor do que a sua pessoa para onde iamos, mas não tenho medo de ninguem, graças a Deus, e estava gostando de passeiar.

O tenente ia para agradecer.

—Não me interrompa. Cá a gente do campo não é tão medrosa nem tão tola como a fazem. Aqui pelas aldeias tambem se sabe muita coisa. Andarem os rapazes atraz das raparigas é o que é dado; as raparigas que se precatem. Por isso, quando o senhor me deu o braço no arraial e me trouxe por ahi fóra para estes sitios, bem percebi logo o seu pensamento.

—Oh! maganona...

E quiz passar-lhe o braço pela cintura.

—Tire para lá as mãos sr. tenente, disse a moça; não quero sequer estar com o incommodo de me defender. Estou com o meu juizo muito bem quieto, e isto é um fallar. Não se escandalise, porque apesar de tudo, sempre lhe quero dizer...

E baixou a vista, côrando de leve.

—Sempre lhe quero dizer, que sympathisei comsigo...

—Está minha! pensou o tenente com vivo sentimento de alegria, ao passo que teve a prudencia de receber de olhos baixos aquella declaração, por pensar que a minima ousadia podia deitar tudo a perder.

—Mas o coração não me tira o juizo, proseguiu ella; os senhores militares o que querem é divertir-se, e eu não desejo ficar desgraçada; gosto de viver e não me sinto resolvida a dar cabo de mim por amores... Por isso, sr. tenente, venho a agrade-

cer-lhe muito o passeio, mas previno-o que não poderá obter nada de mim.

Dissera-lhe isto n'um tom simples e gracioso, que deixou o tenente desnorteado.

—Não sei se lhe diga, minha menina, replicou elle, que isto tem ares de desafio disfarçado! Diz-me que com o vir até aqui na minha companhia não deixava de me adivinhar as intenções, depois confessa... que não lhe desagradei, e accrescenta a isto que não me quer para nada. Vão lá entendel-a!

—Não sou senhora de pensar assim?

—E eu não serei senhor de me aproveitar da solidão em que nos achamos e não querer ter contemplações?

—Não me teria viva!

—Isso diz-se sempre... replicou Trigoso querendo abraçal-a.

—Se dá mais um passo atiro-me d'aqui abaixo!

—Espere! exclamou elle ajoelhando. Dou-lhe a minha palavra de honra que não tem que se temer de mim.

—Quero crer, disse ella.

E estendeu-lhe a mão, que o tenente beijou com tanto respeito como se fôra a mão de uma fidalga.

—Verá se não é melhor assim, disse-lhe Lucia; ao menos agora já posso sentar-me ao pé de si.

Era um dito amavel e o tenente regalou-se de ouvir isso. Como no sitio em que estavam sentados

não tinham aonde se encostar, passou o official timidamente o braço á roda da cintura da donzella balbuciando:

—Dá licença?

—Dou, respondeu ella abaixando os olhos e contente no fundo de sua alma por dizer que sim a um pedido d'elle.

O tenente teve o bom juiso de usar discretamente d'essa concessão.

—Com que então, disse-lhe, era n'isso que estava a scismar?

—Pouco mais ou menos. Que no entanto não lhe disse tudo; não sabe o motivo da minha resolução inabalavel de não querer amores com militares, e não póde ter entendido porque chorava eu quando para aqui me trouxe!

—Está a aguçar-me a curiosidade!

—Estamos n'um sitio funesto; as donzellas do logar arreceiam-se de passar aqui...

—As donzellas, por que?

—Chama-se a quinta do Inferno, a este sitio onde umas poucas de raparigas se teem perdido...

E suspirou do intimo. O tenente ia-se contentando com o apertar docemente uma cinturinha delgada e tentadora e contemplar um rosto de expressão suavissima, que a claridade mysteriosa do luar tornava quasi celeste.

—Eu tinha uma amiga, proseguiu a moça, que

estava nos seus dezeseis annos, bonita como uma flor e tão fresca e graciosa que a gente chamava-lhe a Perinha de Cheiro! Ha tres annos, na festa annual do sitio, fez ella conhecimento com um rapaz. Era um alferes; vi-o uma só vez e posso dizer que era um moço bem bonito e muito airoso. Principiaram a namorar-se no bailarico, e a pobre rapariga ficou logo com a cabeça á roda por ver a preferencia que o alferes lhe dava. Não lhe digo nada: aquillo foi obra do demonio: vieram para este mesmo sitio da quinta do Inferno e a coitada esqueceu-se de Deus e de si pelo alferes. Passados oito dias vi-a na missa, estava tão bonita que era um regalo d'alma olhar para ella. Entrou sem dar sequer os bons dias á mocidade do sitio; os rapazes da terra offenderam-se com isto; largou a olhar para todos os lados da egreja e por não ver quem procurava ficou com a vista fixa na porta, á espera, á espera... De repente appareceu o alferes, mas vinha de braço dado com uma madama, todo a sorrir e a requebrar-se. A Perinha de Cheiro fez-se mais branca que a cal. Todos tivemos dó d'ella; o alferes fez como se não a conhecesse; a rapariga nem podia fallar; até as invejosas estavam com pena. No adro, á saida, arredou-se de nós, atravessou os grupos, foi-se direita ao alferes que ia de conversa com a madama, pozlhe a mão no hombro e disse-lhe com a sua vozinha fina: «Nunca mais se lembrou de mim?» Fez-

se córado o official e a madama poz-se a olhar pasmada.—«Não sei que diz, menina! Nunca a vi!» retrocou o alferes voltando-lhe as costas.—«Está bom; basta!»—respondeu a Perinha de Cheiro, e retirou-se sem poder quasi andar. Ficámos ainda todos de conversa no adro, e d'alli a meia hora fui a casa da pobre rapariga; disse-me a mãe d'ella que desde a missa do dia não a tornara a ver. Voltei outra vez ao rio, e no caminho ouvi passos atraz de mim e uma voz de homem chamar-me. Era o Timotheo, aquelle rapaz que ainda ha pouco me fallou no arraial.

—Que é que tu queres, Timotheo?

—Anda cá, filha, disse-me elle, que se atirou agora uma mulher dos arcos.

—Dos arcos! exclamei, dando-me uma pancada no coração.

O Timotheo foi procurar o corpo; era uma rapariga, enfeitada, de rosto pallido.

—Era a sua amiga? interrompeu o tenente.

—Era. Beijei-lhe os beiços gelados; parece que ainda estava mais bonita; partia-se-me o coração. O Timotheo em pé, de braços cruzados, com a tristeza a chorar-lhe nos olhos, virou-se para mim e disse-me com voz grave e meiga:

«—Sirva-te isto de lição, Lucia!»

—Aposto em como não percebeu o que o tal Timotheo vinha a dizer na sua?

—Póde ser, mas percebi que o que tinha acontecido á Perinha de Cheiro, podia vir a acontecer-me a mim!

—Não tem razão n'esse horror á farda, ha centos de militares que são constantes.

—Talvez; mas ponha sempre na idéa o que haveria sentido quando vi que me trazia para este sitio da quinta do Inferno; e mais eu! que tenho sempre presente a carinha pallida e desfallecida da infeliz!

—Deixe lá isso e vamos a fallar n'outra cousa. Até podemos ir para outro sitio...

—Ao contrario, estou bem aqui. Não tenho medo da defunta, e bem quizera que a sombra d'ella podesse sair de entre as sebes para lhe dar um beijo!

O tenente ficou calado, scismando. A rapariga, de mãos cruzadas nos joelhos, olhava fixamente para o arco grande, que alvejava ao luar. De repente um rouxinol escondido na balseira poz-se a cantar. O ar estava tepido e a brisa espalhava docemente o perfume das flores.

—Quer que lhe diga, minha menina, o que haveriam feito outros no meu logar? disse o tenente.

—O que era?

—Haver-lhe-iam offerecido o braço para voltar quanto antes para onde estava.

—Pois vamos, disse ella querendo erguer-se.

O tenente segurou-a.

—Não entende o que digo, retorquiu; quem lhe falla de nos irmos embora? É tão agradavel nas noites bonitas estar em companhia de quem se estima, a ouvir os rouxinoes! A minha intenção era fazer-lhe notar a differença que ha entre mim e os outros homens. Depois da declaração formal que me fez de não querer militares, quantos voltariam costas para mudar de rumo. N'isto é que se conhece o amor sincero. Nem esmorece, nem desanima por coisas d'essas. Por fim de tudo, o que a menina não póde é impedir-me de gostar de si!

—Não! não! respondeu ella sorrindo. O amor é mais forte que tudo o mais; o que não creio é que o senhor tenente me estime a esse ponto?

—Não seja cruel, retorquiu elle a fazer-se triste. Que gosto tem em me dar pena? Porventura não lhe basta haver-me dito já que nunca poderia amar-me? Quer que eu morra por si sem lh'o dizer? Se exige tal, obedecer-lhe-hei!

Com o acabar de dizer isto retirou o tenente a mão, que havia passado á cintura de Lucia. A donzella chegou-se mais, e, encostando os cotovellos a um joelho do official, disse-lhe de mãos postas:

—Oiça por quem é, sr. tenente. Não me queira mal por eu lhe haver dito isto, nem pela resolução que tomei. Não quero deitar-me dos arcos como a Perinha de Cheiro, ahi tem pelo que é. Seja meu

amigo, e não me falle de amores a não ser quando estiver gracejando. Sou uma rapariga franca; não quero gostar de si, porque se gostasse, gostaria de mais!

Foi dito isto com tão adoravel ingenuidade que muitos homens se haveriam considerado felizes de ouvir tal confissão. O tenente estremeceu de alegria, e passando outra vez o braço á cintura da donzella, disse-lhe em tom de maior verdade do que até então empregára:

—Tome-o a serio ou por gracejo, morro por si!

Palpitou com ancia o coração da rapariga. Não disse ella nem palavra e abaixou a cabeça. O tenente chegou-a para si e quiz dar-lhe um beijo; mas a pequena affastou a cabeça um pouco para traz e disse-lhe de tão perto que elle sentiu a frescura de seu halito a anediar-lhe o bigode:

—Deu-me a sua palavra de não querer alcançar nada de mim contra vontade!

—É verdade que dei, respondeu o tenente e hei de cumpril-a; dê-me o beijo que eu lhe queria roubar. Se somos amigos como disse, póde fazer-me feliz sem isso lhe custar muito...

O luar dava de chapa no rosto do tenente; Lucia achou-o n'esse momento mais sympathico, mais interessante do que nunca.

—Assim como assim, disse ella, a minha tenção está formada. Que importa o beijo?

Estendeu os beiços sorrindo, depois quiz retiral-os, mas o tenente reteve-a; quando chegou a livrar-se tremia-lhe o corpo todo.

—Estamos perto de mais um do outro, disse ella affastando-se do militar.

Continuaram a conversar, e insensivelmente foi desapparecendo o espaço que os separava, e tornaram a estar na mesma proximidade e na mesma attitude que antes; como os assentos não tinham costas, acabaram por se recostar na relva e conversaram abraçados como se fossem conhecidos desde pequenos.

Principiou outra vez a graça dos beijos, que o abandono d'aquella attitude nova tornava mais perigosos. O juizo da rapariga começou a turvar-se. Já lhe esqueciam os propositos que formára, e não se lembrava sequer da Perinha. Fallava-lhe no coração aquella voz mysteriosa, que canta na primavera da vida como a avesinha que chilrea no alvor da manhã.

—Quero, disse o tenente, que me diga o seu nome para o gravar no peito até os meus dias terem fim!

—Ora! o meu nome não é bonito! disse ella.

—Diga-m'o!

—Chamo-me Lucia.

—Lucia... murmurou o official cerrando os olhos... Luz, Lucia... Luz... É meigo esse nome como o som

de uma viola! Olhe Lucia, se algum dia houver guerra e uma bala me levar, a ultima palavra que eu profira ha de ser o seu nome!

A rapariga escutava, de boquita aberta, n'um extasi de felicidade ineffavel, as pieguices e antigualhas que Trigoso lhe repetia com as graças classicas de um galan da rua dos Condes. Elle era incansavel de finezas, e coloria o estylo com as tintas suavissimas da ternura e da tentação. A noite estava mais serena e seductora ainda: parecia que as arvores conversavam umas com as outras dos encantos do luar, cantavam os rouxinoes nas balseiras, os pyrilampos esvoaçavam por entre o milho, nas margens do rio sorriam as boninas do campo, e as primaveras desabrochavam a respirar o perfume da noite... Lucia fechou os olhos, já sem força de esquivar-se, e o tenente dando-lhe um beijo apertou-a nos braços.

Haviam apenas decorrido instantes quando se ouviu bulha e passos.

—Ahi vem gente! disse Lucia assustada. Fuja, ai! fuja. Fuja depressa! Lá irei ter ao arraial!

Trocaram um beijo ainda e o tenente escapuliu-se. A meio do caminho, que galgou de corrida, na paragem que divide para a Senhora de Santa Anna e para Campolide, hesitou um momento e acabou por se decidir a ir ao arraial outra vez.

Lucia no entanto erguera-se e ficára de ouvido á

escuta; o ruido de passos foi-se perdendo nas folhas e reinou na *quinta do Inferno* o silencio mais profundo.

Estava a rapariga de pé, com os braços caídos, olhando com expressão vaga e melancholica para o rio, que resplandecia ao luar.

—Ai! minha Perinha de Cheiro... murmurava; n'este sitio foi tambem que... Oh! mas eu não quero matar-me! Sabe-me tão bem viver! É tão bom respirar ao sol e ao ar! E elle disse-me que havia sem-pre gostar de mim, e este não é como os outros!

Ficou por um pouco de tempo ainda, sem poder separar-se d'aquelle sitio solitario de que teria de guardar, desde essa hora, dupla lembrança, e que a prendia pelas fibras todas da alegria e da dôr. E não teve pena durante esse tempo, uma vez só que fosse, de ter quebrado a promessa que fizera; não se lembrou sequer de a haver feito.

E caminhou de vagar.

Durante este tempo havia o tenente chegado de novo á festa, já todo senhor de si; a aragem e o passeio fizeram-lhe recobrar novamente o tino, e os desejos e ambições a que era dado. O aspecto do arraial e d'aquelle povaréo que circulava por todos os lados, acabaram de lhe apagar da lembrança os amores d'essa noite em que fizera garridamente mais do que pé de alferes—pé de tenente, representando

a sua parte de amante apaixonado como actor de primeira ordem.

—Co'a breca! rosnou entre dentes, ao achar-se de novo na funcção. Lá tornei outra vez a perder o meu tempo com gentalha!

N'essa occasião viu sentada perto do coreto da banda uma tafulôna, bonita e bem vestida, que parecia achar-se ahi por milagre destoando em pompa de todo o resto da gente que por alli estava.

—É obra de fidalga, que está a ares em Campolide! pensou o official. Isto sim, senhores, que me convinha!

Ergueu os olhos para o céo, invocando-o por testemunha e abaixou-os depois para as botas a ver se a ida á Quinta do Inferno não lh'as haveria embaceado. A *fidalga* levantou-se n'essa occasião, deixou caír o lenço sem reparar, e deu um passeio pelo adro, deixando como as deusas da *Eneida* um arôma delicioso por onde passava.

Saltou o tenente no lenço, e esteve vae não vae para o guardar sobre o coração em memoria d'um d'esses sonhos que ás vezes atravessam a vida e põem a gente em duvida da realidade das coisas terrestres. Era homem todavia essencialmente pratico de mais para se demorar em similhantes devaneios, e d'alli a nada já estava a ver no lenço um meio simples de *chegar á falla*, o prefacio, a introducção, a symphonia de uma conquista.

A *fidalga* olhava de luneta para um valverde que estalava n'essa occasião, acompanhado pela vozearia que se levantava aos ares com os foguetes. É um prazer portuguez que não envelhece, assistir a um fogo de vistas e aclamar a rodinha e o gyrasol. O tenente foi-se direito á *fidalga*, perguntou-lhe se o lenço que achára lhe pertencia, e teve artes de conseguir para caso tão singelo que trocassem mais fallas do que seria preciso para negociar um tratado internacional.

Correu-lhe tudo á medida de seus desejos, e não eram passados tres minutos que já o homem estava dizendo, sem ter ares de confiado:

—Se vossa excellencia faz gosto em ver o fogo e se digna acceitar o meu braço?

A *fidalga* fez *boquinha*, mas foi acceitando, porque engraçára com o official. Deram por alli duas voltas em procura de sitio d'onde se avistasse bem o fogo, romperam por entre a multidão, estiveram sentados n'um muro, e tornaram a passear no adro. Os vendilhões apregoavam o resto das famosas limonadas de cavallinho, e renovando a todo o momento os tabolleiros offereciam ao povo os especiones e os «beijinhos doces», ao passo que um maloio á porta d'uma horta, illuminado pelo clarão d'uma fogueira, gritava aos amadores de prazeres tranquillos: «Bom vinho a oito! Está a acabar! Vá, quanto antes rapaziada! Está a acabar!» A este tempo vol-

tava Lucia ao arraial, desejosa de tornar a ver o homem a quem sacrificára tudo, mas retida por um sentimento de pudor que lhe tolhia os passos. Parecia-lhe que toda a gente podia ler-lhe no rosto o segredo da sua alma. Bastou-lhe correr o arraial com a vista, para descobrir o tenente no meio do povo. Foi para elle n'um impulso de amor tão espontaneo, que bastava isso para a denunciar.

A presença da rapariga produziu no official o effeito d'aquellas bofetadas, que, no dizer popular, fazem ver, a quem as leva, estrellas ao meio dia. Virou de repente a cara para a banda e fez-se vermelho e branco, sete vezes n'um minuto. Todo o seu cuidado era o que a *fidalga* poderia pensar d'aquillo.

A rapariga parou pasmada diante da peralta, que a mirou de luneta com um risinho importante.

—Não é *feiica* a pequena! disse a casquilha ao tenente que puchou o pigarro e não deu troco.

—Ella é sua conhecida, diga a verdade?

O tenente gostou d'aquelle pé de conversa, que poderia depois convir-lhe e respondeu anedeando a pera:

—Fizemos uma charadita juntos!

—Viva! retrocou a tafulôna.

E voltando-se para Lucia, que não perdera palavra de tudo isto e ficava alli pregada ao chão, accrescentou:

—A pequena pelos modos tem o fraco das charadas!

Quebrou esse dito cruel o encanto que retinha a moça. Cuidou haver levado uma bala na testa. Apertou a cabeça ás mãos ambas e tirou-se tonta d'alli, sem dar pelas risadas que a scena provocára.

Desceu ao rio e trepou depois pela azinhaga que conduz ao arco grande, que se erguia como um portico sombrio diante do arraial. Não andava, corria de olhar esgazeado, livida e mordendo os beiços. Não via, nem ouvia nada; atirava com ella para diante a força superior do instincto. Topetava com as arvores, embaraçava-se nas sarças, tropeçava nas pedras, caía de joelhos e erguia-se logo, arranhada, moida, mal podendo já respirar.

Segurou-a de repente um braço.

—Alto ahi! Bem basta uma! disse uma voz grossa de homem.

—Timotheo! Oh! deixa-me, deixa-me ir meu caminho!

—Sei tudo. Que mal ha n'isso?

—Mas se elle já não gosta de mim? balbuciou a rapariga.

—Nem gosta, nem gostou. E então? Queres matar-te por isso! Que vaidade é essa! Olha direita para a tua vida, amanha a tua casa, e faze por querer bem a algum homem cá dos nossos, que é o que te está proprio!

—Ó Timotheo, Deus te pague! murmurou Lucia. Mas tu por exemplo, querer-me-hias a mim?

—Quero-te tanto hoje como hontem a esta hora. A desgraça não dá deshonra. Não fallemos mais n'isso. O que a ti te valeu foi eu vir-te na pista. Vamos-nos d'aqui embora. Dize adeus á Perinha de Cheiro de uma vez para sempre!

A rapariga deu o braço ao saloio, e cairam-lhe as lagrimas aos ares pela cara abaixo.

Desceram outra vez a azinhaga toda, treparam depois a ladeira que leva aos Sete Moinhos, e Timotheo ia fallando sempre e a rapariga a sentir-se consolada d'alma com as palavras d'elle. Apertou-lhe a mão e disse-lhe em tom affectuoso:

—Obrigada Timotheo, devo-te a vida e o juizo!

Na estrada que corta para as portas de Campolide estava uma seje á espera; entrou uma senhora e partiu.

Lucia estremecera. Era a tafulona do arraial, a *fidalga* do tenente.

Á beira da estrada estava um grupo de officiaes conversando. No meio d'elles o tenente Trigoso. Seguiam todos a seje com a vista.

—É a tal de ainda agora, disse Timotheo, e elle está acolá; vamos a ouvir.

Um official moço e esbelto dizia ao tenente:

—Ó Trigoso, você sabe quem é esta sua conquista?

—É uma fidalga! respondeu Trigoso.

—É uma capellista ao Calhariz.

—Oh! com a breca! respondeu o tenente. Tenho enguiço a perseguir-me! Não me tiro, por mais que faça, da cepa torta!

Os outros riam.

Timotheo e Lucia escondidos com as arvores, tinham ouvido tudo.

—Ainda te bate o coração por elle? perguntou Timotheo á rapariga.

—Olha Timotheo, retrocou ella com um sorriso de despreso, se esse homem viesse agora ter commigo, dir-lhe-ia como disse o alferes á Perinha de Cheiro—nunca o vi!

Cortaram á esquerda e chegaram a uns campos que pertencem já a Campolide. Ía romper a alvorada. Assim que avistaram o logar apertaram a mão um ao outro e trocaram um abraço de boa amizade.

Depois separaram-se: Lucia cortou por uns bacellos e Timotheo por um vallado.

Por morte de meu pae, não se achando nem minha mãe nem eu no caso de continuar com as terras do Payalvo, na aldêa da Durruivos, foi necessario tomar a resolução de as arrendar ou de as vender; appareceu alguem para as comprar; arrendal-as não quiz ninguem; venderam-se. Minha mãe, que continuou na casa da Durruivos, foi quem mais deve ter soffrido de ver passar o Payalvo a outro dono. Pela prenda de ser filho unico, os primeiros annos da minha vida haviam-me corrido alli andando nas palminhas da familia; e por um triz que não me deixaram triumphar a repugnancia que todas as creanças do campo teem pelo estudo; um santo homem, padre Paulo, ensinou-me a ler conforme pôde, e

metteu-me no ouvido um resmungar de latinorio para o ajudar á missa; mas já podem fazer idéa que esta complicação de estudos sempre havia de me deixar tempo para brincar quasi todo o dia; e ás tardes, uma vez por outra, era certo no Payalvo.

O meu entretenimento predilecto de creança não era nem ajudar á missa, nem cantar no terço, nem descamisar na eira, nem ver correr no riacho barquinhos feitos por mim; era olhar para um castanheiro, que alli havia e que dominava os campos.

Que de tardes se passaram rapidas sem eu despregar a vista da rama basta e soberba d'essa arvore, até vir caindo a noite, e recolher-me a casa com o moço do gado que voltava das charnecas!

Era um castanheiro grande, que vivia por ser bonito, e de que todos gostavam tanto que seria julgado crime o cortal-o. Era o ponto de reunião da passarinhada toda, e, quando os passarinhos largavam a chilrear, pareciam dizer em gorgeios:—Já não ha tão rica arvore, nem rama que dê mais commodo!...

Accocorava-me eu, meio escondido n'uns arbustos, e punha-me a espreitar sem ser visto. Vinham chegando os passarinhos, agora um, logo outro, outras vezes aos bandos, todos já meus conhecidos; e não passava passaro a uma legoa de redor, que não se deixasse tentar por aquella joia de poleiro!

Não havia para elles regallo assim; o castanheiro

pela altura que tinha parecia pôl-os ao abrigo de qualquer traição, e mesmo de voada mettiam-se por elle sem deixar os ares.

Ás vezes tinham desordens uns com os outros e brigavam disputando um tronco. Arengavam vivazmente, sacudiam a aza, empurravam-se, e, por não lograrem o poiso a que aspiravam, preferiam atirar comsigo ao chão e deixar-se ficar cá por baixo amuados...

Em me deixando ir atraz de maus pensamentos... apanhava-os com visco, e comia-os assados ao jantar entre delicias; porque, em estando gordinhos e sendo bem assados nas grelhas com a sua untura de manteiga, ou, ainda melhor, fritos n'um tacho, bem embrulhados n'um capotinho de toicinho,—é de não se poder comer similhante coisa sem a gente se enternecer!

Á pedrada tambem, para exercicio, cacei meia duzia por mais de uma vez. Mas era antes de eu ser cavalheiro. Dos oito annos em deante nunca houve n'este mundo cavalheiro mais pichoso que eu... até á edade de mudar a voz. Correr melros á pedrada pareceu-me sempre fraca acção: mas ha occasiões em que elles estão mesmo a desafiar uma pessoa em quanto é pequena; e, depois, são de sabor tão delicado, e arranjam no outomno tal gostinho com certo travo que lhe é proprio, o mais recommendavel possivel ao paladar da infancia, e ajudan-

do immenso os paes... a beber á saude de seus filhos!

Que — estâmos fallando agora com sinceridade e não ha precisão de palavra de honra para estas coisas — em muitas occasiões a pedrada era mais para divertimento que para matança. Deixava encher bem a arvore de passarinhada, e assim que via todos os ramos carregadinhos — zás, e agora principiava a funcção de os ver a fugir, truz catrapuz, uns por cima dos outros, á lufa lufa...

De mais a mais, os passarinhos teem a costumeira de querer logar certo nas arvores: tem a gente em S. Carlos a sua cadeira; e elles, no campo, tronco certo e ramo de assignatura. Cada passaro encarrapita-se em differente região da arvore, conforme seus usos e nascimento. Nos troncos de baixo, os curiosos e abelhudos, toda a vasta parentella dos papa-figos, que querem ver tudo e se põem a caminho para qualquer coisa: a meia altura os bulhentos, os grasinas, os chilreadores, capazes de ensurdecer a gente com a motinada das cantigas e da palração: no cimo os impostores, que se dão ares de estar sempre no mór auge das honras: pela tige adeante os que a sabem toda, muito sorrateiros, em passito de rato e escondendo-se na rama para ver tudo e ninguem dar por elles!...

Não sou personagem para biographias, mas tem cada um a sua historia, que, por mais humilde, sem-

pre lhe interessa mais do que a dos outros. A minha, comquanto alheia sempre ás ambições da politica, affigura-se-me ás vezes das proporções de epopeia, quando me lembro dos meus dezeseis annos em Lisboa,—a dôr profunda que a morte de meu pae me produziu; o ver-me banido do que julgava meu; o luctar desprotegido n'uma cidade grande, logar novo e insupportavel para o desalento em que eu estava; e o conseguir depois a poder de perseverança umas certas coisas—que não são fazer carreira nem fortuna, mas que deviam chegar ao menos para resgatar o Payalvo e dar um sino á egreja da Durruivos!

De tantas vezes que desde pequeno voltei á aldêa, nunca mais passei do logar e só ultimamente me senti com animo de ver de novo a fazenda, que fica um pouco distante da nossa casa, a um quarto de hora de caminho; o que d'antes no viço das illusões me haveria feito soffrer cruelmente, apenas me dá certas saudades hoje.

Entrei no Payalvo, de olho á mira para um lado e para o outro, com o acanhamento de quem põe o pé no que foi seu e que já o não é; fui-me encostado á sebe como quem passa alli por fazer caminho e evitar as lamas da estrada de carro, e só lá para o fim é que me arrisquei a ir ao meio das terras. Creancice! Não estava lá ninguem que me conhecesse, e só havia um indicio que podesse de-

nunciar-me — estar com os olhos arrasados de lagrimas...

Andei por alli, de um lado e do outro, meio curioso, meio triste; era muito intimo o sentimento que me dominava para que não tivesse certo pudor: attrahia-me tudo alli, mas prendia-me o susto; nem queria ser notado pela timidez em que estava, nem expòr-me a ser tratado como estranho no terreno em que fôra dono. Metti-me por entre as arvores, que estavam tão crescidas e tão mudadas que nem as conhecia já, apesar de me haver trepado n'ellas tantas vezes, para apanhar ninhos, para espantar os passaros, ou para o vento me fazer dos troncos d'ellas baloiço.

Aquellas immoveis rainhas do campo pareciam dizer-me:

— Somos nós! Sim, somos nós! Aqui temos resistido ás tempestades do tempo. E tu, louco, para onde foste, e que tentaste fazer por esse mundo? É a desgraça ou a felicidade que te traz aqui? Mais pallido, mais melancholico do que outr'ora, estás. Que te fizeram na vida? Deixaste os destinos serenos que aqui te esperavam, e voltas hoje do bulicio, a pedir consolação á aldêa! Borboleta atravessada de espinhos, ainda Deus te deu força para voar e vir até aqui!

Talvez nunca em minha vida haja sentido tanto. Não ha creatura que não se prenda ao sitio em que

foi creada,—a principiar pelos passarinhos que não se afastam da balsa em que nasceram. O dia ia andando, andando, á medida que eu investigava tudo,—e, á espera que fosse noite para andar por alli mais senhor de mim, fui para uma charneca adeante da quinta, onde o pastor de um rebanho que lá andava me disse que o Payalvo havia mudado de dono tres vezes depois de não ser nosso. Ninguem, visto isso, se lhe affeiçoára depois de mim. Melhor!

O pastor era um velhito que decerto me haveria visto muita vez em pequeno; mas nem elle me conheceu nem eu me dei por conhecido. Disse-me que o dono da quinta estava ausente e com isso me poz á vontade na minha peregrinação áquellas reliquias do passado.

Hoje, já os pequenos da aldéa, ainda que quizessem ser caçadores como eu, não achariam o famoso castanheiro. Já lá não existe essa arvore formosa que se via de longe. Achei-lhe os restos apenas. Caíra-lhe um raio, n'uma das trovoadas do ultimo outomno, e arrasara-o.

Caçador *retirado*... desde esse tempo—já não conheço agora senão os pardaes, pelo costume em que estou de os ver n'um telhado que fica defronte da minha casa do Salitre, e que elles, pela frequencia de suas visitas e boa convivencia que alli estabelecem, teem ares de presar singularmente. Fóra d'isso, a mais desambiciosa codorniz póde a meus

olhos passar por uma raridade, merecendo-me tanto conceito como as aves que se mostram nos museus de historia natural, possuidores de toda a qualidade de passaro imaginavel em vastas collecções ornithologicas; e se me apresentarem de surpresa, sem mais tir'te nem guard'te, uma narceja—sou capaz de a conhecer tão pouco que me disponha a darlhe assento na gloria... ao lado da ave phenix!...

Os bailes na cidade para serem bons, teem de estar em desaccordo com o que dizem os phisiologistas —que a vida seja o movimento.

Pois não! A vida dos bailes é não se entender ninguem, e durante a primeira parte da noite não se poder dançar, nem andar.

—Esteve bom?

—Não; estava-se á vontade.

—Realmente?!

—Que quer! Os bailes estão a passar de moda! D'antes eram festas mais comesinhas, mas sinceras; ia-se aos bailes dançar, namorar e comer trouchas d'ovos; apparecia-se em sete bailes com o mesmo vestido; e, qualquer coisa, uma flor, duas fiti-

nhas, bastavam para enfeitar uma senhora. Hoje para que a festa brilhe, precisa-se um *meeting*... de diamantes, e o que houver de mais rico, de mais variado, de mais fabuloso em *toilettes*, afim de que os chronistas as descrevam com as attenções galantes que se devem ás deusas dos salões,—e que nós outros, simples mortaes, paremos no meio da sala, por instincto artistico, e nos demoremos instantes, com o olhar mergulhado n'aquella certa somnolencia deliciosa, que segue a suspensão vulgar da idéa, a contemplar extaticos essa segunda bellesa das formosas,—a escolha de enfeites, a arte de os dispor, o gosto emfim!

Diz-se nos livros que a felicidade da mulher é amar e ser amada; mas, em andando na moda, já não lhe basta isso, e a felicidade d'ella é brilhar em toda a parte, brilhar sempre. Virá, bem sei, refugiar-se-nos nos braços, quando soffrer, quando tiver medo, quando estiver perdida, e poderá qualquer de nós consolal-a então, receber-lhe as maguas, e dar-lhe da alegria propria para ella levar comsigo quando se sentir boa; mas, em estando curada, descuidosa, serena, a mulher dos bailes terá frio no coração d'outrem, achar-se-ha á sombra nos seus braços; e de repente, n'alguma noite, se se illuminar uma casa, se resoar uma orchestra, se romper um baile, o sol da alegria chamará por ella, e o anjo voará;—voará sorrindo, para saudar a festa e ser saudada n'el-

la, de flores na fronte, olhar de promessas, collo e braços nús, offerecendo ao fogo, para lha seccar, a aza ainda molhada das lagrimas do amor, como se fossem diamantes a esmaltar-lhe as pennas!

É louca e febril o que se chama a vida da sociedade, mas não ha ter alma de não deixar perder-se quem quizer; perder-se a gente sabe tão bem, que vale a pena affrontar a crueldade de desfecho das coisas doces da vida! Conta-se na provincia que, no tempo em que havia frades, se extraviou um d'elles, ainda moço, n'um pinhal, a algumas legoas de distancia do convento. Estava em festa a naturesa, e os passarinhos gorgeiavam a qual d'elles melhor; principalmente um de pennas resplendentes como saphiras, que o fradico não tivera animo de deixar de ouvir, tão flexivel, tão doce era o gorgeio... e que foi cantando, cantando, emquanto as horas passavam desapercebidas; depois, no momento em que o moço, fascinado, estava perdido em extase, o feiticeirinho perfido voou... Já ia a noite em meia, e o noviço voltou para o convento, onde só chegou muito tarde. Nenhum dos frades o quiz conhecer, e mesmo elle não conheceu nenhum; o pobre do fradinho parecia ter cem annos!

Como esse tal passarinho, é o amor nos bailes. Esquece-se tudo para o escutar, tempo e deveres: depois, no melhor do concerto, o inconstante foge!

Não é a noite que desce á proporção que elle

vae cantando, é o dia que vae saindo: bem sei; mas accorda-se velho ao sair d'aquella vida doudejante, ás vezes com a fronte sem rugas mas com a alma cheia d'ellas!

Que importa, porém, se a poesia passa ali, atravez do baile, em sonhos e em desejos, como uma barca a navegar de vellas cheias, com a mocidade apenas por piloto,—que importa que a bellesa brinque com os sentimentos de walsa em walsa, de galope em galope, como flôr boiando ao cimo das ondas, se a alegria dos bailes se alimenta de folias, de luxo, de tentações e de caprichos?

Depois de haver tocado as proporções de mania frenetica, o gosto pela dança caiu na indifferença que remata sempre os enthusiasmos das sociedades pequenas. No tempo das philarmonicas, então sim, tinha a moda dos bailes o seu culto e os seus adoradores. Tudo era bailes, e bailiques;—esperava-se anciosamente pela noite; mettia-se empenho para ir á festa; namorava-se as meninas; fazia-se dançar as velhas; offerecia-se uma pastilha; lia-se o verso do papelinho; dava-se o braço ás matronas impremeiaveis, que appareciam sempre n'essas funcções dando idéa do sultão Bajazet disfarçado, e que, quando bem lhes parecia, pediam n'este estylo ao primeiro que passava:

—O cavalheiro acompanha-me ao *lavatorio?*

E contradança d'aqui, e walsa d'ali, e sempre de

pé no ar, até que no fim da dança a dama dizia finamente ao seu par:

—Agradeço a vossa senhoria!

E o sujeito retorquia discretamente:

—Perdoará alguma má palavra!

Chegou o caso a tal ponto—que para elles se inventou a polka! A polka, que de então para cá conseguiu uma coisa que os escriptores mais illustres não podem ás vezes alcançar n'um seculo—fez um verbo, o verbo *polkar*, que se conjuga assim:

Modo indicativo, tempo presente:

Eu polko.

Tu polkas.

Elle polka.

Nós polkâmos.

Vós polkaes.

Elles polkam.

E assim por deante com a maior regularidade,—por ser verbo regular, circumstancia lisongeira para uma dança que o é tão pouco!...

N'esse tempo eram janotas todos esses directores do banco, chefes de secretaria, commendadores, ministros de estado, juizes do tribunal da Boa Hora, deputados, capitalistas, conselheiros, etc., que hoje se entregam placidamente durante os bailes a uma honesta partida de wisth nas sallas pequenas... Ainda por ahi um ou outro imberbe se arrisca ás cor-

tezias dos lanceiros com o desembaraço postiço de leão da moda,—mas bem se vê que estão contrafeitos, que não gostam de similhante coisa, que preferem uma toirada a todos os bailes do mundo, que entendem mais de cavallos que de mulheres, e lhes custa a desamparar, durante uma noite que seja, as tendencias d'esta geração que suffoca nas salas e quer antes tomar grogs nos botequins...

De vez em quando, alguma festa sumptuosa e rara, espalha ainda um sopro de vida na sociedade portugueza; prodigalidade de flôres, phantasia de luz, jardim de rosas e diamantes; milhões de camelias de todos os lados como que contentes de já não serem divindades nos jardins e preferindo, ao ar e ao orvalho,—o explendor e a harmonia do seu captiveiro encantador; tudo que as artes conseguem, tudo que o gosto prepara, tudo que a riquesa inventa; um sonho accordado; o que quer que seja do Oriente,—berço da imaginação, d'onde vem a luz!...

E depois—o que é sensivel á maioria! ha a certesa n'essas festas de que o serviço da ceia não dará ao *menu* os foros de um programma politico—que nunca se executa. Em chegando as duas horas, a precipitação dos pretendentes é incalculavel; as senhoras deixam de tomar nota dos pares ajustados, ficam desamparadas as mesas do jogo, tomam-se as avenidas, calla-se a orchestra, rompe pelas salas um

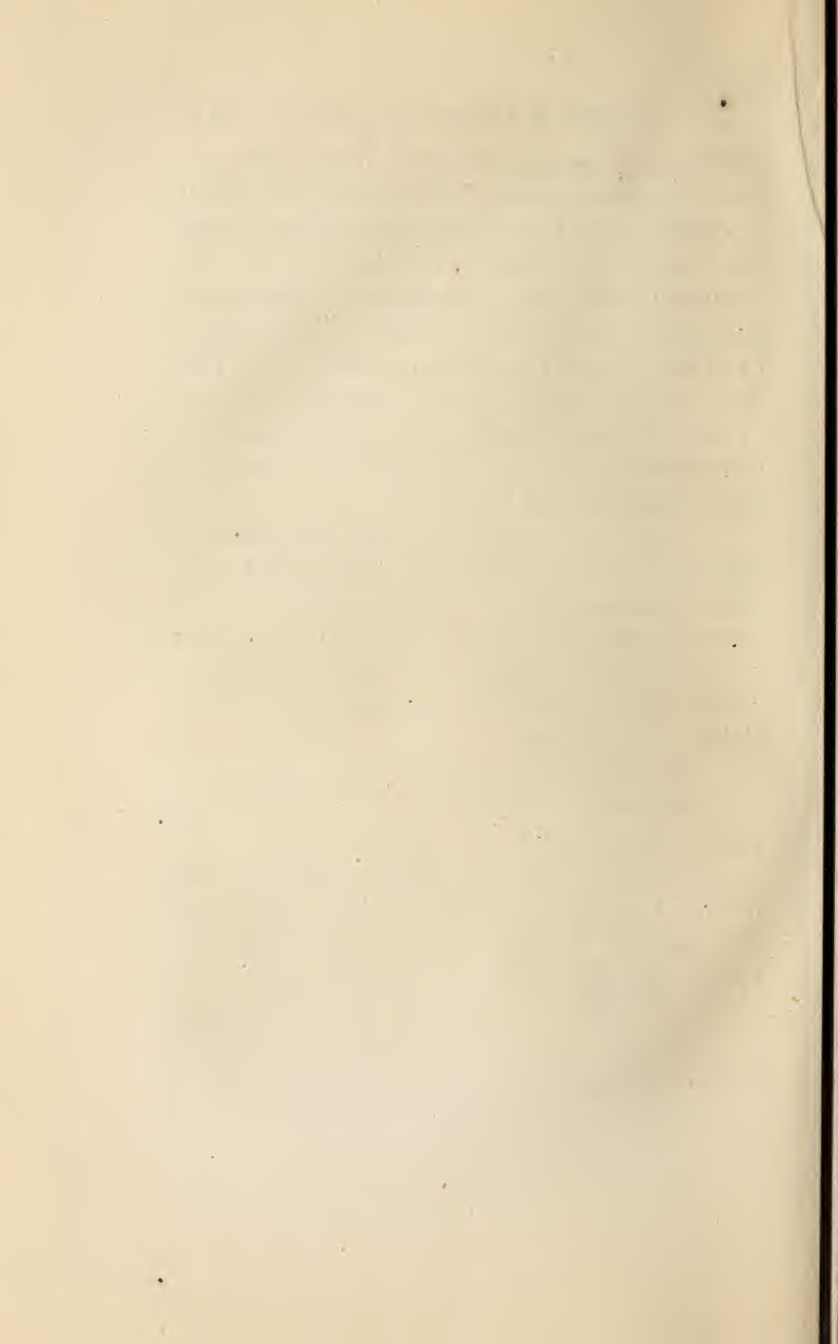
susurro de estomagos exaustos, e d'ali a nada por entre os *rissolés de veau au champignon*, as *génoises glacées*, o Rheno, o Champagne, sente-se a alegria da prosa, a verdade do baile!

Quando em seguida se olha para as janellas, aquelles arabescos prateados que o calor da sala e a geada da noite fazem nos vidros, parecem ser os sonhos, os desvaneios e caprichos suscitados durante a festa, que, surpreendidos pelas brisas da manhã, no momento em que iam subir ao ceu... ficaram gelados á porta do dia!

...... Vae findar tudo. A revolução dos paletots anima ainda a scena da retirada, estabelecendo uma especie de loteria, em que se mostra um casaco, chama-se pelo numero, e, em havendo braço que se estenda, leva o *premio*. Ás cinco horas sujeita-se cada um a acceitar com reconhecimento o paletósinho que lhe derem.

—Magnifica festa! diz-se á saída.

—Explendida! É pena não reinar socego... na guarda-roupa!

Lá se cobrem com os *burnous* os hombros nús que nos tentaram... Já rodam os trens... E as imagens adoradas do baile desfazem-se em gottas de agua... que nem siquer são lagrimas!...

O meu heroe era um rapaz da Durruivos, tinha principiado a trabalhar desde pequeno; primeiro mandavam-o apanhar herva para os bois, depois metteram-o á enxada. Ia nos vinte annos, quando appareceu na porta da egreja para soldado.

A ambição d'elle era viver amanhando as terras como o pae, e casar com uma prima, Maria Romana, de quem gostava desde os primeiros annos. Quando se queria citar o beijinho dos namorados do logar, fallava-se no Antonio e na Romana. Quem via um, já sabia que o outro não podia tardar. Ás tardes dos domingos sobretudo eram par fixo no adro, na eira, ou á sombra de uma parreira que havia no portal da casa d'ella.

Tinha outra prima chamada Rosa, que fazia rancho com elles nos dias santos. Sentado entre as duas sentia-se o rapaz mais feliz que um rei. Ás vezes dava um abraço na Romana, e a Romana dizia-lhe: «Dá tambem um abraço á Rosa, Antonio»; e elle abraçava a Rosa.

Estava justo o casamento, no caso, bem entendido, d'elle escapar de soldado. Tinham medo de ver chegar o dia do sorteio, e todavia suspiravam por elle, e um anno antes não fallavam já d'outra coisa.

O dia do sorteio chegou. A mãe desde o romper da manhã foi resar para a egreja e queimar um sirio a Nossa Senhora. O pae que nunca sahia do seu rumo de trabalho, foi para a fazenda como de costume. A Romana e a Rosa foram despedir-se d'elle, e trepadas n'um banco de pedra onde ás vezes costumavam sentar-se á porta, disseram-lhe alegremente, ao vêl-o montar no machinho que um visinho lhe emprestára, porque o sorteio era a duas leguas d'alli, na villa d'Obidos:

—Deus te dê fortuna, Antonio! Vâ por ahi fóra, vá!

Disse-lhes elle adeus fingindo-se alegre tambem; e logo que o viram sumir-se na azinhaga, a Romana atirou-se aos braços de Rosa e ficou-se chorando durante as quatro horas em que o rapaz esteve ausente.

Esperava-o ao chegar a Obidos o mais triste es-

pectaculo. Grande ajuntamento á porta da casa da administração, onde havia de ter logar o sorteio: nas casas de venda, comendo e bebendo muito bem sentados, os parentes e amigos consolando os que a sorte não tinha favorecido; na rua as mães chorando, em soluços e ais; escondidas na multidão, aqui e alli, algumas raparigas, com vergonha de lhe cairem as lagrimas, enxugando os olhos a furto na manga das roupinhas.

De cada vez que sahia um numero rompia em lamentos ou em jubilos a vozearia d'aquelle povoréo. Os apurados para o recrutamento olhavam para tudo aquillo com o ar estupido de quem se espanta da sorte.

N'um grupo, á espera que se chamasse pelo nome da aldêa, estavam os rapazes da Durruivos, tristes todos elles, á excepção de um que era coixo e que se achava tão socegado n'essa manhã como na tarde do ultimo domingo a jogar a malha na horta.

—Ditosa mãe! exclamou uma velha mirando o coixo como comendo-o de inveja com os olhos.

—Quem fez bem foi a filha do Faustino, retorquia outra; escolheu noivo que não chega á craveira!

Estava, mais ou menos, triste toda aquella gente. Além do coixo a unica creatura que se mostrava alegre era o filho de um proprietario rico dos arredores; dansava ora n'um pé ora n'outro, de mãos

nas algibeiras, a rir do caso. Toda a gente sabia que o pae compraria um homem para substituir o seu rapaz.

Tocou a vez ao turno da Durruivos. Entraram os rapazes d'esse povo, e, quando se chamou pelo Antonio, elle foi, tremendo, metter a mão na urna. Lembrava-se de Maria Romana, da aldêa, da familia... Tirou o numero tres. Viu-se logo perdido, passou-lhe uma nevoa por diante da vista, curvou a cabeça, e saiu de repente para parecer mais animoso do que os outros e ter forças de sair sem lhe verem no rosto o que lhe ia no intimo. Ninguem teve uma palavra para o consolar, e foi como se lhe lembrassem que bem bastavam as suas proprias penas a cada um.

Fez-lhe bem o ar.

Foi-se direito ao machito do visinho Roque, e, como sempre succede quando se estala de desgostos, não era senhor de pensar em qualquer coisa sem se enternecer.

—Vamos por ahi fóra! dizia elle ao macho. Nunca mais me levarás á feira de Santa Suzana, nem á procissão do Senhor da Pedra!

O machito largou a trote, e d'alli a instantes só ao longe se avistou o telhado vidrado, no estilo italiano, da egreja d'Obidos e as suas paredes alvas de neve destacando nas ruinas d'aquella villa que foi illustre.

Elle ia frio, frio de neve, como o viandante que a trovoada apanhou no caminho. Ia com precisão de se aquecer á braseira, de ver caras de gente amiga, de ouvir fallas affectuosas.

Quando chegou ao logar e foi entregar o machito ao visinho, disse-lhe elle sentenciosamente como a gente diz sempre quando o caso não é comsigo:

—Não chores, rapaz. O que não tem remedio, remediado está. Isso não é morte d'homem. A gente está cá n'este mundo para os trabalhos.

Em casa não disse nada ao entrar, mas o semblante d'elle contava tudo. A mãe largou em gritos, e depois em lagrimas.

—A lamparina que eu tinha posto a Nossa Senhora por duas vezes se apagou! disse ella, como que vendo n'isso rasão de dever resignar-se.

Maria Romana, mettida a um canto, reprimia os soluços e ia chorando calada, porque até na aldêa não é dado ás donzellas mostrarem aos rapazes toda a amisade que lhes tiverem sem que logo se volte isso para máus pensamentos. A Rosa chorava de ver chorar a prima, e escondia-lhe o rosto no seio.

O pae quando chegou das fazendas e viu todos em casa a chorar, franziu o sobrolho.

—Que numero tiraste tu, ó rapaz? perguntou-lhe.

—O numero *tres*.

—Lá se vae este agora, mesmo nas vindimas!

Depois sentou-se n'uma arca de pinho e disse-lhe no tom de voz do costume:

—Vae recolher os bois.

Quando chegou a hora da ceia, foram todos para a mesa mas ninguem tinha vontade de comer, á excepção do pae que foi trincando como de costume. As raparigas nem quizeram sentar-se, e acabada a ceia deram as boas noites e sahiram quasi furtivamente.

—Coitado do meu filho! murmurou a mãe acompanhando as moças com o olhar, e parecendo dizer que até ellas iam deixal-o por não poder nenhuma donzella séria esperar nada de um rapaz sorteado no recrutamento.

Elle não dizia nada, e foi para a porta tomar ar: estavam ainda as duas na rua, paradas, conversando.

—Adeus, primo, boa noite, disse-lhe Rosa. Faça por passar pelo somno, para espalhar tristesas. Hade ficar-lhe bem a farda, verá!

—Deixa-o, disse Romana. Sabe Deus como elle hade estar no seu coração!

—Por ter pena de as deixar! replicou Antonio.

—Hade voltar, se Deus quizer! retrocou ella.

Depois fallaram de outras coisas. Havia luar n'essa noite, e ouviam-se cantar na balsa os rouxinoes. O pobre moço sentia-se feliz ainda no centro da sua tristesa, e lembrava-se de que talvez esses fossem

os seus ultimos momentos de verdadeira ventura n'este mundo. Nunca Maria Romana lhe havia parecido tão bonita; brilhavam-lhe os lindos olhos azues que pareciam estrellas, e, se estava pallida de ter chorado, a pallidez tornava-a mais formosa ainda. Sem ser alegre, foi suave a conversação d'elles n'essa hora, e quando de novo se encontrou só sentiu-se cair n'uma tristesa irremediavel. Entrou em casa pé ante pé; a mãe estava á espera d'elle, para o ir deitar como no tempo em que elle era pequeno, e beijal-o antes de sair da alcova. O rapaz deitou-se com a idéa de que ia ser soldado.

D'esse dia em deante não se tornou na casa a fallar mais de recrutamento. Foi como se semelhante coisa não tivesse havido. Trabalhavam o pae e a mãe como de costume, Maria Romana e a Rosa appareciam lá ao domingo, e depois, como d'antes, iam os tres para o adro, para a eira, ou simplesmente sentar-se no banco de pedra que estava á porta. A não ser pelo tom de gravidade que se reflectia pallidamente nos semblantes, ninguem podia dizer o que havia.

O pae trabalhava com menos ancia; isso sim. Ás vezes encostava-se a um dos bois, o Formoso que era o seu favorito, e, como que perdendo-se n'uma idéa, ficava a reflectir medindo o campo com os olhos...

Ia correndo o tempo. Á proporção que passavam

os dias, mais o pobre rapaz se apoquentava sem lograr habituar-se á idéa de partir. O pae mandou-o um dia ás Caldas; á volta, encontrou na estrada real um destacamento que vinha de Peniche, e chegou a casa mais triste, mais desconsolado do que nunca. O pae, não sei se por ter observado isso, quando no dia immediato se viram nas fazendas, encostou-se á enxada e disse-lhe:

—Ouve lá, ó rapaz.

—O que é, pae?

—Queres ficar em casa e não ser soldado?

O rosto do filho illuminou-se.

—Que se hade fazer? redarguiu.

O pae hesitou por instantes, coçou a cabeça, e articulou voltando a cara:

—É preciso cortar-te um dedo.

—Não quero! respondeu o rapaz.

Não tinha, diga-se a verdade, medo da dôr, mas revoltava-se-lhe o animo á idéa de se mutilar, e sem saber explicar-se bem o motivo, um tal expediente indignou-o.

—Pois então, disse o pae continuando a cavar, não ha mais que ver, é ir ser soldado.

Dias depois chegou a ordem de se apresentar no corpo. Por mais preparado que estava—e até n'esses dias um visinho que fôra militar lhe estivera gabando a carreira, fallando-lhe da vida alegre da tropa, da folia dos destacamentos, das aventuras do

aboletado, da gloria de avançar postos—todavia sentiu, como se fôra golpe mortal, chegar o momento de partir.

Ainda não luzia a manhã pela fresta que havia no quarto, já elle estava prompto e vestido, sem haver pregado olho toda essa noite, que passára a scismar vagamente e a ouvir pela ultima vez os murmurios do vento na rama das arvores do pomar...

Logo de madrugada tinha a casa cheia de gente, a dar-lhe apertos de mão e abraços. Deram aguardente ás visitas; era a mãe que enchia os copos, segurando com uma das mãos a garrafa, com a outra enxugando os olhos sem dizer nada. O pae bebeu de mais, para se estontear. Maria Romana e Rosa estavam por traz de todos, sem se atreverem quasi a levantar a vista. O rapaz parecia embuchado, de ver que tinha tanta gente que gostava d'elle.

Houve outra roda de abraços, que foi a ultima. Depois espetou no cajado a trouxa que a mãe de noite lhe estivera preparando, poz o varapau ás costas, correu a casa com a vista, e disse áquella gente toda:

—Adeus pae; minha mãe, adeus; adeus Maria Romana, e Rosa. Adeus amigos; passem por cá bem, e se eu não voltar, lembrem-se alguma vez do Antonio!

Em seguida metteu pernas ao caminho, como ten-

do pressa de se affastar, para que a marcha e o ar lhe dissipassem a angustia, e só olhou para traz uma vez, para ainda ver ao longe na baixa do valle os moinhos da Durruivos e a cruz da egreja que rompia entre as arvores...

N'um dia chuvoso e triste de novembro, depois de se haver annunciado muito nos jornaes portuguezes a vinda proxima de um actor italiano que passa, com justiça, por ser o artista dramatico de mais talento do seu paiz e do nosso tempo, appareceu elle em Lisboa na occasião justamente em que toda a gente, cançada de o esperar, principiava a não o esperar já.

Era o actor Rossi.

Os triumphos excepcionaes que elle alcançou, a moda em que viveu aqui, o enthusiasmo, a paixão, o delirio com que a nossa gente o celebrou n'um theatro pequeno, incommodo, mal alumiado, e em mau sitio: depois, a indifferença com que esta mes-

ma gente desdenhou do idolo e desamparou esse artista admiravel, quando o viu n'um theatro grandioso, cheio de luzes, com bom scenario, no melhor local de Lisboa—é acontecimento tão memoravel, e ao mesmo tempo tão caracteristico da nossa indole, que fórma um verdadeiro quadro da cidade,—da nossa cidade, entenda-se, que é a côrte na aldêa ou a aldêa na côrte,—como quizerem!

Desembarcou esse Othelo no Terreiro do Paço, seguiu pelo Rocio, cortou pela rua nova da Palma, e foi para o theatro do Principe Real—porque havia sido o actor Santos quem tivera a idéa de dar hospitalidade á musa.

Havia receio de que toda a admiração que pudesse inspirar o seu talento devesse ser alterada pela contrariedade de se entender pouco a lingua em que elle vinha fallar-nos, e toda a gente, por isso mesmo, ficou maravilhada quando viu que entendia melhor a esse italiano do que a muitos dos nossos compatriotas. Havia duas rasões para isto: a primeira era que n'elle tudo fallava, o gesto, a phisionomia, o olhar; a segunda era não representar peças d'analyse e de estylo simplesmente, mas tragedias e dramas em que se juntavam á formosura dos pormenores enredos desenhados com tal clareza—como são em geral as obras de Shakspeare, e todas as peças dos mestres—que se percebiam que nem pantomimas.

Rossi estreou-se em Lisboa pelo drama *Kean*, n'uma noute tempestuosa e horrivel, em que os espectadores se expozeram a ir levados na cheia, noute de inundação e de terror, verdadeira noute de tragedia!

Apesar da humidade—e façam idéa de quanto seria difficil conseguir que o publico se enthusiasmasse, tendo os pés molhados!—houve desde as primeiras scenas verdadeiro interesse, que foi augmentando até se converter em delirio do terceiro acto em diante. Com que intimidade de estudo, com que variedade de tons, elle representou o seu papel! Com uma palavra, com um accionado, com um movimento de phisionomia, com um silencio, fazia-nos o calefrio, o tremor de commoção, que indica a passagem do sublime. Nunca o nosso publico ouvira linguagem tão clara, nem vira actor que abrisse mais de par em par a janella que deita para a alma!

Na noite immediata, representou *Othelo*.

O theatro estava completamente cheio e reinava na sala a maior agitação de curiosidade. Durante os dois primeiros actos o publico parecia um pouco saudoso da representação da vespera e rumorejava preferencias ao comico Kean sobre o moiro de Veneza. O triumpho manifestou-se subitamente franco e formidavel no terceiro acto; Othelo é o ciume, em quanto o moiro não tem zelos prepara-se o drama apenas.

A partir d'esse instante a commoção foi extraordinaria. As senhoras choravam nos camarotes, e na platéa os homens empallideceram. Toda a gente comprehendia a elevada poesia d'aquelle drama grandioso; as aventuras do moiro e de Desdémona eram já conhecidas geralmente entre nós pela opera que tantas vezes a Borghi cantára em S. Carlos. E depois, o enredo é desenhado por fórma que não póde deixar de se entender; Othelo não diz que vae justificar-se perante o conselho, vê-o a gente lá, e vê o doge, os senadores, o réo, e os juizes. Não se conta em scena que o moiro por ter ciumes matou Desdémona, assiste-se á catastrophe, vêem-se as garras do tigre estorcerem-se no travesseiro, e tremerem as cortinas, e os cabellos negros da victima a luzir na alvura dos lençoes...

Rossi, n'essa recita sobretudo, foi inexcedivel. A scena das suspeitas, o adeus á guerra, os desejos suffocados de abraçar Desdémona, o dialogo na alcova, foram representados com prodigioso talento. Todo o publico estremeceu de espanto e de terror.

E depois, tinha para o auxiliar admiravelmente na parte de Desdémona uma actriz moça, graciosa, de surriso vago e olhar humido, a Casilini,—aquella sympathica Casilini, que realmente sabia ser meiga e timida, apaixonada e medrosa, innocente e poetica,—sabia ser Desdémona!—e uma companhia extremamente regular, composta de actores toscanos ou

romanos, que pronunciavam na perfeição, prestavam o maior cuidado a tudo que faziam e davam sempre grande relevo aos papeis secundarios.

Poucas noites depois, havendo descançado em duas ou tres recitas por uns dramalhécos—dos quaes o melhor era os *Dois Sargentos*, em que se viu pela primeira vez os porteiros da platéa a chorar!—peças que não deixavam de ser interessantes, mas que eram a agua com assucar em que molhava os beiços aquelle homem de Shakspeare, appareceu no *Romeo e Julieta*.

Romeo e Julieta é o drama por excellencia do amor, a suprema palavra, a ultima nota d'elle. Romeo é um adolescente, que tem os annos e a formosura de Cherubim, mas são já sombrios e morbidos os ardores da sua alma, e sente-se pesar n'elles o sol da Italia, que aggrava a sêde das paixões:—Ó amor! diz elle logo no principio: ó tumultuoso amor! ó odio namorado! ó tudo creado do nada! ó profundas leviandades! ó vaidade seria! ó chaos informe de visões risonhas! ó penna de chumbo, luminoso fumo, fogo gelado, saude doentia! Somno acordado sempre, que não é o que é! Tal é o amor que eu sinto, e no que sinto não percebo o amor!

Não é o pulsar do coração de um namorado, é a agitação e a febre de um doente que delira. Vae atraz de olhos que o não vêem, de sorrisos que não

tem labios, de fórmas sem corpo, e dá abraços no ar a phantasmas que se desfazem!

Illumina-se para uma festa o palacio dos Capuletos, e querem por força levar Roméo áquella casa inimiga, dois amigos d'elle, principalmente Mercutio, o espirituoso Mercutio, o semideus da ironia, um diabo de um homem engraçadissimo que não faz senão rir, mas rir com imaginação e com *brio*, certo brio lyrico que lembra um cantor, rir como folhetinista e poeta!

Romeo vae ao baile, vê Julieta, trocam ambos um relampago no olhar, e o amor acende-se:—Por ventura, diz Romeo, sentiu já meu coração o amor?! Não, que o jurem meus olhos, por que até esta noute eu não havia visto a verdadeira formosura!—E Julieta responde do outro lado como se fosse o ecco: Quem é aquelle gentilhomem? Oh! se elle fôr casado, mais vale que o tumulo seja o meu leito de nupcias!

Desde o primeiro olhar ficou feito o ajuste, e essas duas creaturas destinadas a amarem-se, reconheceram-se, offereceram-se, aceitaram-se. Vão levados um para o outro por uma atracção irresistivel e saltam de um pulo o rio de sangue que corre entre as familias d'ambos. Não são pessoas estranhas que se avistem pela primeira vez, são noivos que se juntam, e Romeo dá um beijo a Julieta—ó tempos felizes em que os beijos íam assim sem mais

tir'te nem guar'te, no meio dos bailes, poisar na face das formosas!—como pondo o sêlo áquelle hymineu repentino!

Depois do baile, Romeo vae logo para debaixo do cirado de Julieta, e o balbuciamento da declaração d'amor na festa transforma-se já no grito da paixão. É como se o pressentimento da morte, a melancholia do luar e o perfume da noute estivessem conspirando para lhes dar pressa no amor. Julieta dá-se logo a conhecer em toda a casta nudez da sua innocencia:—«Tenho no rosto a mascara da noute; se não fôra isso havias de vêr colorir-me as faces o rubor virginal. Quando penso no que me tens ouvido dizer-te esta noute, chego a ter vontade de negar o que disse... Mas, de que servem ceremonias! Gostas tu de mim? Vaes dizer que sim, já sei, e acredito-te. Não precisas jurar: podias vir a trahir o juramento; diz-se que fazem rir Jupiter os perjurios dos namorados. Tambem tu podias estranhar o meu comportamento leviano; mas fia-te em mim, gentilhomem, hei de mostrar-me mais fiel do que as mais sabedoras em fingir recatos!» E continua o dialogo—ía dizer o *duetto*, sem a gente saber se está a ouvir sons ou palavras, se idéas, se melodias; o amor italiano, colorido pela luz do Oriente!

Só falta o padre áquelle consorcio ajustado ao luar. Romeo vae procurar um, mas o enthusiasmo dos dois namorados amedronta-o e inspira-lhe tris-

teza:—Têem fim violento esses violentos jubilos! Morrem quasi sempre no triumpho; a chamma e a cinza confundem-se n'um beijo!

Cumpre-se o presagio do frade, e mal os dois amantes se apartam do altar chega a desgraça, escurece a sorte, e o céo annuvêa-se. O irmão de Julieta mata Mercutio, Romeo mata o irmão de Julieta e é desterrado de Verona. Na tragedia ingleza ha uma lindissima scena n'este ponto que não figurava na traducção italiana que Rossi representou, e de que se tinham saudades: é o hymno de Julieta esperando a noite nupcial, contraste admiravel com a scena violenta do duello.

A traducção italiana tinha em seguida mais de um córte sacrilego e deploravel. A despedida dos amantes dava-se na cella do frade, em vez de ser no quarto de dormir de Julieta, o que tornava talvez a peça mais innocente, mas tirava-lhe o encanto do famoso dialogo da noite nupcial, a tão esperada e invocada noite, noite extraordinaria e unica, que é, na poesia, o que são na natureza as noites assignaladas por phenomenos... Ardor de fogo que ha de apagar-se, vista cubiçosa e escaldada de olhos que vão cerrar-se, prolongar de beijos em labios d'alli a nada frios, pressa de esgotar a taça de delicias que o tempo hade desfazer!

Eu estava á espera de os vêr abraçados á janella, doirada pela luz da aurora, a ouvirem a cotovia dei-

tar ao céo a nota immortal que marcasse a hora de se despedirem: mas na peça italiana havia apenas duas ou tres phrases de despedida, á janella do frade; phrases meigas, sim, mas que eram apenas como que uma pausa de harmonia a interromper aquella tempestade.

D'esse ponto em diante o drama precipitava-se para a catastrophe, e o desenlace, que toda a gente conhece, excitava realmente profunda commoção.

O que se chorou aquellas noites no theatro do Principe Real, parece um conto. Andava toda a gente por ahi nervosa e tremula. Entrára a melancolia no seio das familias; os portuguezes chegaram a ter á tragedia não menos amor do que á patria, e em Lisboa não se fallava de outra coisa senão do Rossi.

Elle, cada noite um homem, foi suavissimo, adoravel, no Romeo. Já passára os annos de Cherubim, bem sei, mas não haveria de certo no mundo quem aos trinta e tantos annos conseguisse ser mais ingenuo, mais namorado, mais sublime, e dar tanta idéa pelo sentimento, pela sinceridade, pelo enthusiasmo, d'aquella edade da vida que escalda o sangue e o coração! Sentia e fazia sentir tudo; tinha elevação, simplicidade, ardor, graça terna e melancholica, — os arrebatamentos e os extases de Romeo.

A esse tempo, porém, como os espectaculos de Rossi eram, cada vez mais, o grande acontecimento de Lisboa, que todos os camarotes estavam assigna-

dos, que o bilheteiro do Principe Real já não queria dinheiro e respondia obstinadamente a quem ia buscar bilhete:—*Niente!* que a primeira sociedade o convidava para jantares e para *soirées*, e que as senhoras viviam á noite a olhar para elle e de dia para o seu retrato,... os homens principiaram a contrariar-se, como quasi sempre acontece n'este santo paiz, n'uma especie de inveja ao acaso, inveja sem se saber bem de que e por que, ou seja na politica, ou nas artes, ou nas lettras, ou em qualquer coisa que não fôr nada d'isto,—e despeitados de tanto Rossi *ci* Rossi *là*, fizeram pela primeira vez da Casilini uma balla e quizeram matal-o com ella. A Casilini tinha realmente talento,—mas voz ingrata, e nem peito nem força para alguns dos papeis que representava, a *Francesca di Rimini* por exemplo. Na Julieta, porém, tinha a mocidade e a paixão indispensaveis para realisar esse typo que fluctua nas imaginações adornado de côres ideaes; e os janotas, os namorados, os amantes, no seu furor contra o Rossi, valeram-se d'esse papel—que era com o da comedia *I gelosi fortunati* os dois grandes triumphos d'aquella actriz,—e, não se atrevendo a declarar que o Rossi não prestava, rumorejaram que a Casilini era melhor.

Foi então que, por uma especie de capricho ironico, elle se apresentou de cabelleira de velho e barbichas de judeu n'aquelle *Shylok* avarento e som-

brio, agiota maniaco, agiota fanatico, que saboreava a crueldade e tinha ao mesmo tempo o que quer que fosse de poetico. Essa peça do Shylok foi uma das mais admiraveis revelações do grande talento d'aquelle artista superior.

De mais a mais para o *Shylok* não o ajudavam a figura nem os recursos de que costuma dispôr: a transfiguração tinha de ser completa. Os usurarios teem reflexos de ouro na cara, teem olhos amarellos como libras e meias libras, são sobrios nos gestos, apertados, miudinhos, economicos, de movimentos ás furtadelas, nariz para o ar, ouvido á escuta: não andam, esgueiram-se: nunca tiram as mãos das algibeiras para não largar as chaves da burra: poucas palavras: pesando as syllabas na balancinha como quem pesa moedas, com medo de deixarem escapar o segredo do bem que teem: ares distrahidos e somnolentos de pessoas absortas n'uma idéa fixa, e tirando-se unicamente d'aquelle torpôr quando os saccodem de sobresalto, como se os accordassem no melhor do seu somno.

E elle era exactamente o contrario d'isso. Era o homem da vivacidade e da expansão, o contrario do que se requer para representar de usurario. O que lhe era dado, era lançar aos ventos como prodigo o talento, a inspiração, a gloria, e a formosura. Era actor de gestos rapidos e de relampagos imprevistos; representaria facilmente qualquer papel em que

se manifestassem paixões fogosas por meio de transportes, gritos, extases, furias; mas a maldade intima, a ruindade de um biltre tenebroso e frio, é prodigioso que Rossi haja podido vencer o que havia para elle de impossivel n'aquelle infernal piolhoso!

Mas, diga-se a verdade, pôz o publico do seu lado, e deixou perceber bem quanto é terrivel e profunda a paixão do dinheiro, unica que nunca se farta, que a edade não enfraquece, e que quanto mais se nutre mais se exalta! Quando descrevia a raiva que tinha ao mercador Antonio por elle ser christão e *principalmente* por emprestar dinheiro sem levar juros, via a gente levantar-se a ferocidade d'aquelle lobo cerval, que tem por unico idolo o dinheiro, deus que não muda nunca, verdadeiramente eterno, adorado por todos, e de que ainda ninguem se atreveu a duvidar dos milagres: deus que não tem scismaticos, nem hereges!

Não sei se se lembram que uma das circumstancias curiosas que acompanharam a representação do *Shylok* no Principe Real, foi a quantidade de judeus que assistiram ao espectaculo? As torrinhas principalmente eram completa judiaria. De principio estava-se vexado por elles, e com pena de que tivessem de divertir-se alli a pé firme escutando insultos e sarcasmos á sua raça; mas viu-se pelo decurso da obra que, ao contrario, elles consideram esta peça como o melhor elogio que se lhes possa fazer. Riam

muito, piscavam os olhos, esfregavam as mãos, e davam todos os indicios de um regosijo illimitado, como se estivessem assistindo á satyra do christianismo.

E o melhor é que tinham rasão! Os christãos fazem triste figura n'aquella peça. Quebra de um dia para o outro o mercador Antonio e não tem quem lhe valha; o amigo por quem se sacrificou, impostor que ostenta haveres que não tem, para casar rico, não o embolsa tambem em tempo competente; o outro moço, que foge com a filha do Shylok, arrecada debaixo da capa o cofre com os ducados que a pequena roubou ao pae: e toda esta cambada de pirangas e caloteiros não faz outra cousa senão estranhar que o judeu não tenha para com elles as doçuras da amisade, ao passo que não lhe pagam e lhe chamam cão ainda em cima! O unico christão que por alli anda com mais juizo, é o corcunda, que diz á filha do judeu ao contar-lhe ella que o noivo a quer fazer christã:—«Pois não estimo nada isso. Já não eramos poucos christãos; o sufficiente para vivermos bem uns com os outros. Essa mania de fazer christãos é que ha de levantar o preço á carne de porco. Se nos pômos ahi todos a comer carne de porco, mais dia menos dia não haverá dinheiro que chegue para um bocado de lombo no espeto!»

Depois do corcunda, porém, o personagem mais serio da peça é o Shylok, e os judeus das torrinhas

tinham mil vezes rasão de se rir de nós quando nos riamos d'elle!

Succediam-se as recitas e os triumphos. Todas as noites n'aquelle theatréco do Principe Real havia festas brilhantes, bravos e palmas a cair tudo, uma catadupa de flores, corôas na orchestra, dadivas no camarim, e nos jornaes um abuso de adjectivos enthusiasticos de que não ha memoria...

Depois de uns dramas mais ou menos curiosos, mas de que não valle a pena recordarmo-nos: de umas comedias de Goldoni muito chistosas, principalmente aquella em que elle representava o fidalgo que se faz sapateiro:—de uma tragedia de Calderon *La vita é un sogno*, e do *Cittadino di Gand*, que era apenas importante por ser a peça que elle aprendera com o seu mestre, o celebre Modena, annunciou-se a pedra de toque, o famoso *Hamlet*, de que tanto se fallava desde que o italiano apparecera em Lisboa, dizendo-se sempre que era a sua peça por excellencia!

Do que isso foi, por certo guardam memoria os que lá estiveram n'essa noite. Ficou toda a gente com as mãos inchadas de applaudir durante o *Hamlet*, e depois do *Hamlet!* Choveram-lhe corôas e choveu-lhe gente no tablado: appareceram de todos os lados artistas a render-lhe preito em scena: e aquelle principe de Dinamarca distribuiu alguns apertos de mão ás damas e muitos beijos aos homens—o que

ainda lhe havia de saber melhor... se fizesse ao contrario!

Esteve-se meia hora em salamaleks. A actriz Emilia das Neves beijou-lhe a mão; o actor Taborda, que sempre faz rir muito a gente, cahiu-lhe nos braços, e depois de uma contradança de actores e actrizes em que se deixou desejar apenas o engraçado Isidoro, que provavelmente não se sentiu de veia para aquella funcção, continuou—ainda com mais singularidade em seguida a tal entremez... ou intermedio—esse drama de *Hamlet*, sublime de poesia, profundo como a morte, immenso como a vida, mas extravagante e febril. Nunca se vira no theatro mais singular personagem do que esse discursador infatigavel que dispensa o copo d'agua dos oradores, vive segundo as suas proprias palavras «de ar como o camaleão», junta as torturas da duvida e os problemas todos da melancholia á angustia de vingar na mãe a morte do pae, e não se recreia senão em apurar de onde vem a gente, para onde irá, porque se nasce, porque se morre, se a contradança da vida é tragedia ou farça, e se o universo não será apenas o pesadello ruim de um deus!

Dir-se-hia a victoria da loucura, essa peça excentrica! Parecem todos alli alguma cousa doidos. São sempre mysteriosas as phrases e de sentido duvidoso; o que devia ser horrivel, apparece alegre; o que se esperava alegre, sáe sombrio; ri-se a gente do

que faz chorar, chora do que faz rir; todos os personagens teem ares de somnambulos: é uma vertigem geral, que por fim tambem dá no publico!

Quantos lá estiveram, dormiram mal n'essa noute. Povoaram-se de phantasmas as alcôvas. Surgiam espiritos por todos os cantos, girando em redor da cama, ora a crescerem ora a encolherem-se; tudo mudou de feitio, moveis, cortinas, quadros; quanto era do tamanho de um ovo, estendeu e ficou enorme; o que parecia enorme poz-se como um cogumelo! De manhã, ao levantar, que alegria inexplicavel entrar de novo na vida real!

Foi um milagre, mas o certo é que se acceitou do principio ao fim com o maior respeito esse drama immenso e exotico, em que o sublime se envolve no trivial em proporções de uma ousadia extrema; ninguem riu do espectro, apesar de ser o espectro mais massador de que ha memoria, e ouviu-se attentamente a scena do cemiterio em que andam a rebolar as caveiras pelo tablado — caveiras de papelão, é certo; mas... de *papelões* são ellas quasi todas!

A traducção italiana apresentava consideraveis córtes, inevitaveis n'alguns pontos como n'essa tal scena do cemiterio em que andam a par o sublime da poesia e a chalaça funebre de philosopho, que descobre impiedosamente o nada da humanidade; é claro que os coveiros ébrios da tragedia ingleza, meios enter-

rados na cova que estão a abrir, não poderiam parecer-nos extremamente joviaes e foram bem substituidos por um coveiro menos loquaz; n'outros logares porém, o papel de Ophelia estava sacrificado e a peça perdera muitas das suas mais formosas e mais poeticas idéas.

Elle era inexcedivel na parte de Hamlet, considerada geralmente como a principal de todo o seu reportorio e aquella em que o talento verdadeiramente superior d'este artista attingia proporções de todo o ponto excepcionaes. Hamlet é a figura mais alta que um poeta tem desenhado, e Rossi realisou completamente aquelle caracter timido e violento, succumbindo aos sonhos e tentando erguer-se pela acção, sem poder viver e sem poder morrer, meigo e reservado, sombra e relampago, juizo e doidice, sensibilidade e indifferença, que fazem de Hamlet um personagem abstracto e verdadeiro, possivel e impossivel, como as creações eternas do talento em que a humanidade parece palpitar e viver debaixo de um nome só! Via-se que era papel estudado com amor, e em que a mais pequena circumstancia fôra calculada e meditada. Na scena do cemiterio não sei se se recordam d'uma excentricidade, em que se via que aquelle admiravel artista não pensava absolutamente nada em ser classico nem academico; era quando o coveiro que estava abrindo a cova d'Ophelia tirava a caveira do bobo, e a mostrava a Hamlet;

Rossi tirava o lenço de assoar, limpava um poucoxinho a caveira, e depois dizia-lhe commoventemente *«Povero Jorick!»* Havia n'aquillo certa originalidade que ia bem com Shakspeare, e que tinha sabor inglez!

A actriz, no papel de Ophelia, era notavel na scena da loucura pela graça suave com que lhe cahiam as flores, das mãos que já nem tinham força nem vontade para as suster; e no papel do coveiro distinguiu-se muito Salvator Rosa de quem de certo ainda se lembram, porque com o dizer alli duas coisas, cavar, sacudir os braços, e cantarolar uma toada, creou um papel.

Desde essa noite foi como se não houvesse mais que dizer, pareceu coisa assentada que elle ficava sendo o nosso homem; que se podia negar a Divindade, a realeza, a familia, que se podia ser iberico, mas que não seria nunca permittido arriscar a minima observação a respeito de Rossi. Havia formulas de elogio e phrases estereotypadas para elle; chamava-se-lhe:

O puro!

O sublime!

O genio!

O casto!

O divino!

Os espectaculos eram variadissimos e agradavam cada vez mais,—á excepção apenas de uma trage-

dia de Calderon, o que não era de admirar porque das peças d'aquelle tempo só resistem as de Shakspeare. As bellezas são eternas, mas as modas variam e as idéas vestem-se segundo os usos do tempo; as ressurreições são perigosas nas lettras e nas artes, á excepção da pintura, é claro, porque a natureza é invariavel, e, áparte as differenças do estylo, o que era bello no tempo de Raphael é bello ainda hoje.

Como muita gente se queixava de não alcançar camarote e não querer compral-o pelo preço excessivo que os contratadores exigiam á porta do theatro, Rossi lembrou-se de ir representar em S. Carlos, e dar ali, n'aquelle grande palco, o *Cid*, o *Macbeth*, o *Ruy Blas*, arrancando-se assim por uma vez das lamuriosas philosophias do principe de Dinamarca e limpando-se completamente da côr bronzeada do moiro, que parecia prender-se-lhe á pelle como a tunica do centauro Nessus.

A occasião parecia excellente. Elle estava na maior voga, e nem tinha tempo, o pobre homem, para a quantidade de jantares e de ceias que se via obrigado a acceitar. Muitas vezes nos encontrámos n'essas festas, e era curioso vel-o; quasi que não comia nem bebia. Tinha medo que qualquer coisa lhe fizesse mal, e a verdade é que, em saindo por mais levemente que fosse do regimem em que se macerava, ficava de cama no dia immediato. Era um conviva agradavel, da maior amabilidade para com as se-

nhoras, um pouco *poseur* para com os homens. Á meia noite queria obstinadamente ir deitar-se, e era uma difficuldade, em chegando essa hora, retel-o alguns minutos. Porquê? Nunca se poude saber.

Entrar em S. Carlos e vêr fugir-lhe a moda, foi obra de momento. De todos os lados, como por arte magica, rumorejou contra aquelle idolo da vespera o inevitavel protesto com que a nossa gente mais dia menos dia faz sempre amargar aos talentos o haver-lhes feito a boca doce! Desamparou-o toda a gente. Foram-se os enthusiastas, os admiradores, os apaixonados, os artistas que davam flores e beijos,—e deixaram até de apparecer os italianos—como importando-lhes pouco conservar luz áquella estrella da patria glorificada. Verdade é que os italianos que ha em Lisboa deram-me sempre ares, n'este negocio, d'aquelles ingenuos peruvianos que possuiam a America sem dar por tal... até Christovão Colombo lhes revelar essa novidade. Foi preciso dizerem-lhe os portuguezes que o seu compatriota era admiravel, para elles lá irem admiral-o tambem,—e isso mesmo...

Raros camarotes occupados; um ou outro espectador, perdido, na platéa; um frio de morte; um tumulo. No meio de um acto do *Cid* ou do *Orestes* ia a gente buscar o paletot, embrulhava-se bem e vinha ouvir o resto, esfregando de vez em quando os joelhos por causa das caimbras...

Ainda cuidou levantar-se no *Ruy Blas*, saindo melancholico, apaixonado, soberbo e forte, de entre a tunica do Shylok, a capa de Hamlet, a carapinha de Othelo, e a espada de Roméo... Debalde! O publico fez que não o via, e applaudiu muito outro artista, Salvator Rosa, que desempenhava a parte de D. Cesar de Bazan. Ratão de publico! Esse Salvator Rosa, que ás vezes era bom actor, desconheceu completamente o caracter de D. Cesar, e em geral o caracter hespanhol. D. Cesar de Bazan, conde de Garofa, podia andar maltrapilho, enganar os credores, associar-se com bandidos, ter amisade com o Matalobos mais com o Gulatromba, ser amante de uma quantidade de Lucindas, haver perdido algures, lá na garganta de um monte ou n'uma ruella suspeita, o escudo d'armas quasi apagado dos Bazan; podia por já não ter com que sustentar o explendor da casa de seus avós, acceitar a algum diabo de salteador um gibão magnifico «que de inverno o abafava e de verão o fazia bonito,» deixar-se ir atraz dos caprichos da vida seductora de bohemio, tão agradavel e risonha em Hespanha; pôr, como tambem a gente faz ás vezes, a felicidade e a sorte a dormirem de cabeça á sombra e com os pés para o sol: mas, embuçado na sua miseria elegante, D. Cesar devia ser altivo, pichoso, distincto e nobre, como se estivesse vestido de brocado de oiro e tivesse ao peito a ordem de Calatrava. O Salvator Rosa fez de

D. Cesar um patuscão de farça trivial e burlesco,— mas teve a felicidade de encontrar um publico que entendeu tanto o papel como elle!

Foi então que Rossi esteve a ponto de succumbir, tanto o indignava a subita indifferença do publico. Não sahia quasi nunca, e passava as noites n'uma das salas do hotel Universal, conversando com a honrada e querida familia Podestá, recitando trechos das principaes obras dos mestres, brincando com as creanças, e dizendo apenas ás vezes n'um vago encrespar da fronte, ou n'um suspiro, toda a melancholia que lhe pesava n'alma!

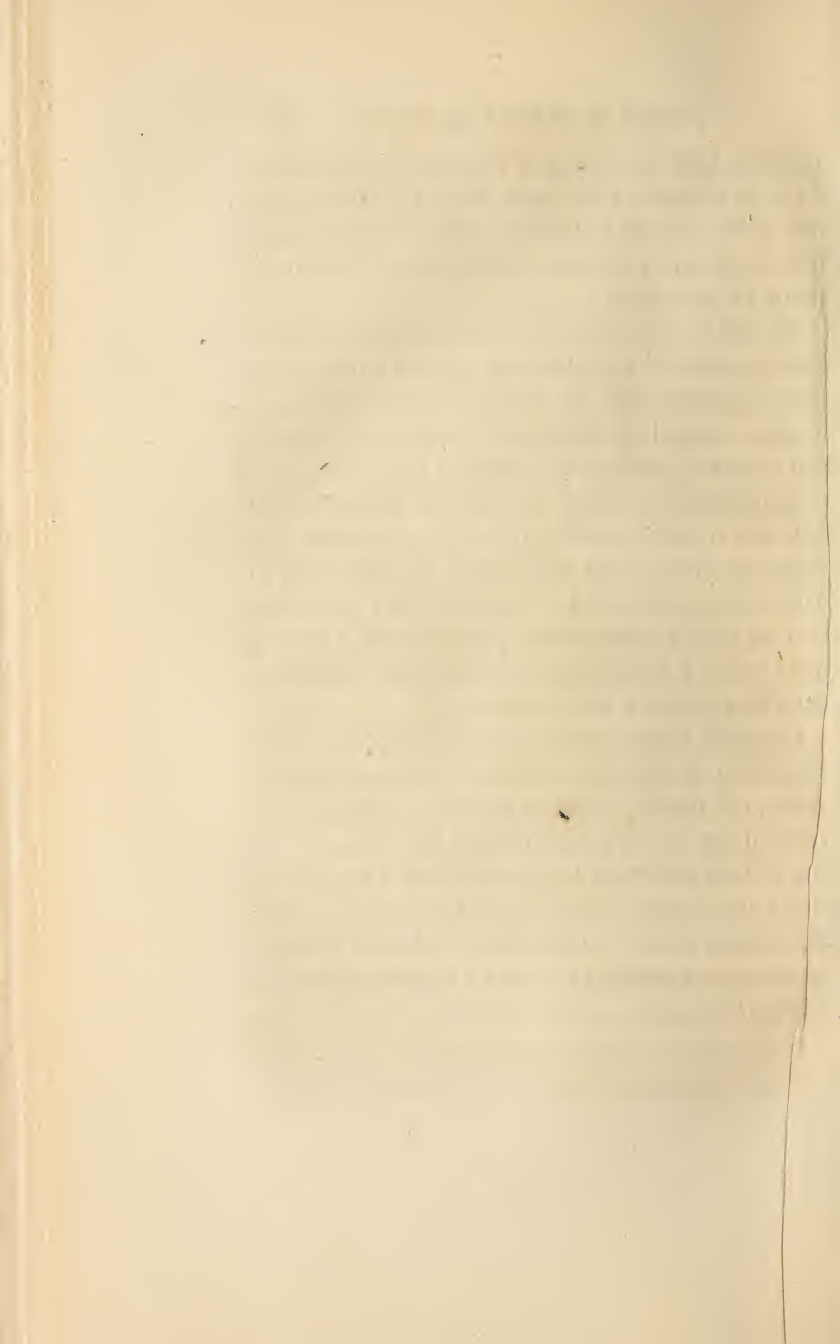
De repente, um dia, a idéa indecisa que sempre tivera de representar o *Fr. Luiz de Sousa*, de Garrett, tornou-se em resolução definitiva, e mandou annunciar que se despediria de Lisboa por essa peça.

Apesar dos annuncios nos jornaes e nas esquinas, ninguem acreditou em tal representação. Fallava-se, nas ruas, vagamente, da distribuição dos papeis, desconfiava-se que não chegasse o tempo para os ensaios, perguntava-se pelos cartazes em ar de duvida, os jornaes annunciavam de vez em quando o drama, e os doentes esperavam pelo *Fr. Luiz de Sousa* para morrerem!

Pairava por cima d'essa recita o que quer que fosse de religioso. Só quando se viu realisado aquelle impossivel é que pareceu simples, como sempre acontece ás cousas impossiveis em estando feitas.

Desde as primeiras scenas o publico sentiu-se enleado n'um encanto, a tal ponto Rossi foi grande, melancholico, singelo e sublime, como convem áquelle drama enorme e simples, baixo relevo lavrado no paros da arte grega!

No fim do primeiro acto estava ganha a batalha; batalha arriscada e imprudente, porque a companhia italiana representára *Fr. Luiz de Sousa* com quatro ensaios apenas! A traducção, de Veggesi Ruscalla, não apagára nenhum dos traços caracteristicos da obra original; a Casilini na parte de Maria, a visão adorada, o sonho querido do poeta, de quanto elle escreveu talvez o que mais amou, fez uma creação explendida, e em geral os artistas todos conservaram as feições das grandes physionomias traçadas por Garrett e tornaram-as faceis de ser reconhecidas pelos poetas e pelo publico.

Quizeram então chamar-lhe genio novamente, encarapital-o de pedestal, atirar-lhe adjectivos campanudos, e ir dar-lhe beijos no tablado:—mas, *troppo tarde,* d'essa vez já elle não esteve para isso, e dois dias depois publicava nos jornaes uma carta dirigida ao meu nome—carta de que conservo a lembrança mais grata—e despedia-se de Lisboa levando para sempre comsigo as peças do reportorio em que brilhára!

N'um dia claro em que o sol doira os campos fraldados de giestas, de saragaços, e de verdiselas, é uma alegria ver os patuscos, de merenda embrulhada n'um lenço branco, elegantemente pendurado na bengala, e suas mulheres de riso nos labios e capote no braço, sairem festivamente as portas da cidade!

Já o campo os conhece de os ver por ali passar... As oliveiras parecem dizer-lhes adeus; os malmequeres, os valancos, e os almeirões, dão-lhes os bons dias; por entre as silvas e as flôres d'amora, atiram-lhes beijos as cardasolas; as searas acenam-lhes com o seu loiro veu; e a grande alma vegetal como que lhes diz amorosamente:

—Ás hortas!...

É o povo, a folgar; são os burguezes, que vão *ao petisco;* e alguns cavalheiros, em procura de coio rustico; lusidios, vermelhos, pançudos, quasi todos; Bacho com os seus acolitos; sylvanos modernos, que pagam decima; satyros que bebem do *do lavrador;* procissão triumphal, que já fez a gloria da *Rabicha;* sylenos que foram muitas vezes de burricada ás *Varandas*, em Xabregas; cortejo pagão, que enchia d'antes as terras poeticas do *Calazãs* á Cruz dos Quatro Caminhos; e que muda de rumo de mez para mez, conforme onde houver melhor *do tinto!*

Tudo lá tem ido, ás hortas! Não especialisemos; é mau genero citar classes; digamos simplesmente: do fino e do grosso; a pobresa e a abundancia; a pacatice e a bohemia; a familia e os amores...

Alguns teem as mãos sujas, nariz avinhado, barba inculta, sobrancelhas em confusão, e o fato em tal estado que tudo quanto não é buraco—é nodoa. Que importa lá! Todo o quadro tem claro e escuro. Quem vae agora exigir *pandigos* com agua de rosas, bota de pelica, farrapo de setim verde gaio?

Já se viu trapeiros com gancho da loja do Godefroid?

Se ali apparecem, uma vez ou outra, é por que toda a gente n'este mundo tem a sua hora em que precisa divertir-se. Iriam ao theatro, se o theatro fosse menos limpo. Vão dizer-me que por um tos-

tão se passa a noite nas varandas da Trindade? É certo: mas é tudo ali tão doirado, que elles, se lá fossem, não se atreveriam siquer a assoar-se, envergonhados de tirar do bolso uma sombra de lenço sujo, velho, esburacado, immundo... Por fim de tudo, sejamos sensatos, estão no seu direito em querer assoar-se;—por isso vão para as hortas!

E depois, o theatro, o theatro! Historias da vida, —theatro não aquece ninguem. O reportorio actual, de mais a mais, é frouxo, insonso, e aguado. D'antes, ao menos, bastava a leitura do cartaz, para—como diz o povo—dar á gente *um calor!*

O homem da floresta negra!
A infeliz Celina ou a filha do mysterio
Latude ou o captiveiro
Horrivel episodio por occasião do terramoto na Martinica

E as *Victimas da clausura*, e o *Valle da torrente*,—nunca se pôde saber porque não seria antes a *Torrente do valle!*—e *Camilla ou o subterraneo*, e a *Freira sanguinaria*, e *Vinte annos de remorsos*, e a *Noite do homicidio...*

Isso era ao menos uma carnificina boa e salgada, em que appareciam salteadores esfarrapados, de chapeu sem fundo e botta alegre, terror dos cidadãos pacificos, fazendo sentar a patrulha no meio de um regato, jogando as bulhas com as mãos, com os pés, com os dentes! Isso sim, que eram peças, e isso é que eram personagens de gymnastica guerreira,

que no melhor ás vezes de um quinto acto desafogavam em bordoada—sem pedido quasi da rubrica, porque o auctor contava com os artistas, e sabia que um homem póde esquecer-se das pistollas, do florete, da bengala, mas o que não póde é deixar ficar em casa por descuido os braços e as pernas. O galã ficava quasi sempre de ventas quebradas, e era raro encontrar algum que tivesse ambos os olhos, porque, em o traidor se inflammando e estendendo os musculos, nunca lhe tocava no corpo que não lhe deixasse gravadas todas as côres do arco-iris!

O povo gostava então, e as hortas estiveram por momentos, vae não vae, a vêr a litteratura dramatica tirar-lhes os freguezes. Tremeu a pescadinha frita: os rabanetes fizeram-se brancos: o *paulito* ia desmaiando!

Mas, depois, renasceu a moda, o chinquilho enthronisou-se de novo, reaccendeu-se a isca, a azeitona refrescou, os modernos Dionysios principiaram com mais ancia que nunca na folgança, tornou a haver cachação ao desfazer da festa, regressando aos tombos, aos murros, aos beijos, cantando e caindo!...

Querem dizer agora que não só cavalheiros, mas até fidalgos vão ás hortas. E porque não hão de ir, se lá se está bem? Os proprios reis lá caberiam,— e reis dos finos, que de alguns não seria para admirar, como era lá o Alexandre o Grande, que no

dizer de Rabelais teve tempo em que deitou tombas e ganhou assim a sua pobre vida; sem fallarmos de varões illustres, uns que sairam do nada, outros que lá foram cair, Trajano pescador de rãs, ou Xerxes a vender mostarda!

É culpa d'elles, é culpa dos rapazes d'esta geração acharem-se n'uma terra em que não ha onde ir alegrar a vida, e em que a suprema elegancia é passar o dia no Chiado encostado a uma esquina, ou encostado á porta de uma loja? É culpa d'elles se nos arrabaldes de Lisboa não ha como n'outras terras aquellas casas de campo onde se vae jantar na melhor sociedade e na melhor alegria, que se chamam em Paris,—o Moulin Rouge; em Londres—Richemond; em Milão—Isolla Botta ou Isolla Bella? É culpa d'elles se os portuguezes não teem outra arma senão a faca, nem outra musica senão o fado, nem outro respiro senão as hortas?!

É a mocidade, a mocidade, que cada um, e em cada terra, entende e gosa a seu modo. Da velhice prematura d'elles, é que é ter pena! As alegrias no *Manoel Jorge*, ás portas de Sacavem, embora as andorinhas lhe visitem a casa e pareça que a esperança vem com ellas, cançam depressa um homem; as blandicias do vinho branco do *Pardal*, nas terras da Casa da Polvora, teem sido mais assassinas do que o proprio Pardal, a quem os mestres reconhecem entre outras glorias a de haver morto (estylo

figurado!) o *Antonio das Noras*. A pouco e pouco, copinho d'aqui, chinquilho d'alli, agora do tinto, depois do branco, e prova-se o abaffado, e toca a ver aquelle que é novo, e vem do velho para confronto, e tambem ha um que é docinho, e será bom voltar ao primeiro...—vae o cavalheiro fazendo-se rubro, já diz que tem cieiro, já lhe rebenta a pelle; depois, como as *coquettes*, começa a não prestar senão para se ver de noite, e de manhã anda amarello, de olheiras verdes, e olhos encarnados, encolhido de frio e tiritando ao sol!

E teem trinta annos,—vinte e cinco, ás vezes! —e já o amor os não aquece, já lhes parece pallido o sol, as rosas sem cheiro, as mulheres sem encanto, e despidas de prestigio a natureza e a vida!

Pobres patuscos!

Quem havia de esperar uma traição d'estas do de Torres, do Cartaxo, do nobre Carcavellos uma vez, ou outra, do Lavradio por uma raridade, e do Bucellas que é a innocencia em pinga?

Deixar enrugar-se a fronte no *Casimiro*, voltar calvo do *José Galinheiro*, achar-se de repente tropego e patetinha, ter de usar collete de flanella, recolher cedo, e insultar o ceu de maio indo á janella de bonet... Ouvir fallar de Cintra, e ter medo dos seus nevoeiros do cair das tardes; retirar das toiradas ao sexto boi, para não esfriar; nunca sair

á noite depois do chá; usar um cache-nez; pedir a meia voz, n'um botequim:

—Capilé, quebrado da friura!

Na vespera ainda haver sido um moço esperto e agil, de olhar ardente, bigode preto, chibatinha graciosa, chapeu á banda, muito cabello, muita sobrancelha, muita barba, voz fortissima, pulso robusto, organisação de todo o ponto admiravel, e, de repente ver-se reduzido a uma methamorphose absurda e dizerem-lhe a cada passo:

—Como tu estás mudado!...

—Ah!

—Vamos á *Perna de pau?*

—Já não sei o que isso é.

—Não sabes o que é a *Perna de pau?* Surprehendes-me cada vez mais. A *Perna de pau!...* Pois não conheces mil vezes a dona da horta, a velha Gertrudes, que perdeu a perna por haver pedido aos soldados, no tempo de D. Pedro IV, que não apprehendessem não sei lá que burros pertencentes a panasqueiras, e apanhou um tiro a titulo de miguelista?

—Ah! diz elle recordando-se vagamente, e calçando as suas luvas de lã. Bem sei... A *Perna de pau...*

E suspira.

Coitado do pobre Jorick! diria Hamlet.

Batem-se? Sempre se batem? Bateram-se? Quando se batem?

Tal é a falácia da cidade, em cheirando a desafio. Depois, felizmente, e n'isso se prova que levamos a palma aos povos mais cultos, sempre as coisas se arranjam á medida dos bons desejos de todos nós e nunca ha sangue.

Está, por exemplo, de manhã, n'um bello dia, o amigo Ezequiel deitado na sua cama e no melhor do seu somno, quando o criado vae acordal-o com a noticia de que o procuram dois cavalheiros. Dois cavalheiros! Ás sette horas da manhã! Mais valêra flamengos á meia noite!... Ezequiel esfrega os olhos para se convencer de que não está sonhando; diz

ao moço, o mais acordado que póde, que os mande entrar, e vê apparecer na alcova, gravemente, dois sujeitos...

Dialoguemos. É de primeira utilidade, n'estas alturas, dialogar:

PRIMEIRO CAVALHEIRO

Temos a honra de estar fallando com o sr. Ezequiel?

EZEQUIEL

É este seu criado.

SEGUNDO CAVALHEIRO

É de vossa excellencia, no numero de hontem da *Trombeta Nacional*, um artigo em que era acremente injuriado o senhor Mattoso por querer ser camarista?

EZEQUIEL

Sim, disse umas coisas com respeito a esse caso...

PRIMEIRO CAVALHEIRO

A missão de que estamos incumbidos é na verdade penosa. Resta-nos porém esperar que vossa excellencia reconsidere e publique ámanhã um «mais bem informados..., etc.» retirando os termos offensivos de archi-idiota e ultimo dos Vaz Rãs, de que se serviu em referencia ao nosso amigo e correlegionario.

EZEQUIEL

Não sei como não querem que vá descalço á Graça com um cirio de dezoito arrateis na mão!

PRIMEIRO CAVALHEIRO

Obriga-nos com esses ditos o cavalheiro a mudar o papel que representavamos de conciliadores pelo de testemunhas: eis os nossos nomes e moradas; esperaremos até ámanhã ao méio dia a visita dos seus padrínhos.

SEGUNDO CAVALHEIRO

É pena! Estou persuadido que ha de arrepender-se ainda de haver tratado por tal fórma uma das futuras glorias do municipio!

PRIMEIRO CAVALHEIRO

Um homem, que a posteridade ha de collocar ao lado dos melhores camaristas, e por cima d'elles — se possivel fôr.

SEGUNDO CAVALHEIRO

Cumprimos o nosso dever!

PRIMEIRO CAVALHEIRO

Só nos resta retirarmo-nos!

EZEQUIEL

Passem muito bem.

OS DOIS CAVALHEIROS

(Com cortezia). Sem incommodo.

EZEQUIEL

Então até ámanhã. *(Saem os cavalheiros).*

EZEQUIEL

(Só). E esta! Quem havia de suppôr que o Mattoso só por querer ser camarista havia de... Escusava de tomar aquellas coisas ao pé da letra, que é como faz toda a gente cá no paiz! Em as coisas não se tomando ao pé da letra, já não ha mais nada. *(Lava-se e veste-se).* A bréca será se o mato! Derramar o sangue do municipio... Caem-me ahi os jornaes á perna e tenho de emigrar ou de ir entrévar no Limoeiro! Sou dado a sentimentos mais humanos; mas não posso livrar-me d'esta, por dignidade propria e da *Trombeta Nacional.* Emfim, vou arranjar padrinhos! *(Sae).*

Escriptorio da Trombeta.—Dois collaboradores.—O administrador.—O escripturario.

UM DOS COLLABORADORES

A folha está precisada de melhoramentos.

ADMINISTRADOR

E de subsidio do governo.

OUTRO COLLABORADOR

Os artigos do Ezequiel fazem dormir. Não quer entender aquelle *noitibó* que entre nós não se póde fazer politica senão á cacheirada. É preciso dizer injuria brava. Hontem o artigo a respeito da camara municipal parecia um hymno ao Mattoso!

ADMINISTRADOR

Aquellas festinhas ao Mattoso levam agua no bico. Quer fazer-lhe a bocca doce...

(Entra Ezequiel).

EZEQUIEL

Ora, bom dia; participo-lhes que o Mattoso mandou desafiar-me por causa do artigo de hontem.

TODOS

Não é possivel!

EZEQUIEL

Dois padrinhos em carne e osso me appareceram hoje em casa; vi-os como os estou vendo aos senhores, e até me fallaram!

TODOS

Pois é baterem-se sem demora. São pontos de honra que não admittem delonga.

EZEQUIEL

Escolho-os a vocês para meus padrinhos.

UM COLLABORADOR

A nós!

O OUTRO COLLABORADOR

A nós!

EZEQUIEL

Pois a quem?

UM COLLABORADOR

Pareceria que era caso pensado e rixa velha se fossemos todos figurar n'isso.

EZEQUIEL

Nos outros paizes é coisa corrente!...

UM COLLABORADOR

Isso é lá nos outros paizes. Aqui tinha ares de querermos mal ao Mattoso. Não acha?

EZEQUIEL

Não acho, não.

O OUTRO COLLABORADOR

É indispensavel escolher padrinhos fóra d'esta casa!

UM COLLABORADOR

O que lhe faltam são amigos! Acha p'r'ahi quantos padrinhos quizer. Eu, se não fosse isto, ia já.

O OUTRO COLLABORADOR

Mais eu!

UM COLLABORADOR

O amigo sabe atirar á pistola?

EZEQUIEL

Não sei.

O OUTRO COLLABORADOR

E jogar á espada?

EZEQUIEL

Tambem não.

UM COLLABORADOR

O melhor é isso, vae de inspiração, e vae sempre que é uma maravilha.

O OUTRO COLLABORADOR

Até mais ver. É escusado dizer-lhe que cá estou sempre ás ordens. Mande-me ámanhã duas linhas, que eu faço uma noticia.

UM COLLABORADOR

E eu outra. *(Sae Ezequiel).*

No bilhar do Gremio.—Estão dois sujeitos a jogar o bilhar.

PRIMEIRO SUJEITO

Vou carambolar pela encarnada.

SEGUNDO SUJEITO

Isso é se eu der licença... *(Entra Ezequiel).*

EZEQUIEL

(Ao primeiro sujeito, em voz baixa). Ó menino...

PRIMEIRO SUJEITO

Olá! Por aqui! Chega-te para traz...

EZEQUIEL

Precisava dar-te uma palavra...

SEGUNDO SUJEITO

Isso não é do ajuste; esta bolasinha... *(A Ezequiel).* Faz favor de me deixar passar...

PRIMEIRO SUJEITO

(A Ezequiel). Dize lá o que queres.

EZEQUIEL

É que...

PRIMEIRO SUJEITO

Espera... Doze, treze, quatorze... *(A Ezequiel).* Dize lá.

SEGUNDO SUJEITO

Quinze... dezesseis...

PRIMEIRO SUJEITO

Dezesete....

SEGUNDO SUJEITO

Irra!

EZEQUIEL

(Ao primeiro sujeito, em voz baixa). Tenho ámanhã um desafio.

PRIMEIRO SUJEITO

Olé! dezoito... dezenove... *(A Ezequiel).* Tens um desafio, tu? Arreda-te lá, que não me deixas mecher o braço.

SEGUNDO SUJEITO

Trinta carambolas a seguir...

PRIMEIRO SUJEITO

Não carambolou...

SEGUNDO SUJEITO

Homem, essa agora! Pois as bolas tocaram-se. Pergunta ahi a esse senhor?

PRIMEIRO SUJEITO

Ó Ezequiel, as bolas tocaràm-se?

EZEQUIEL

Tocaram.

SEGUNDO SUJEITO

Que lhe dizia eu!

PRIMEIRO SUJEITO

Este Ezequiel está a dar-me máu olhado, já estou a perder. Tira-te para lá, homem, pelo amor de Deus.

EZEQUIEL

(Baixo). Queres ser meu padrinho?

PRIMEIRO SUJEITO

Padrinho de quê? Vinte...

SEGUNDO SUJEITO

Lá vou eu!

EZEQUIEL

Bato-me com o Mattoso.

PRIMEIRO SUJEITO

Déste agora n'essa de ter desafios!

SEGUNDO SUJEITO

Que diabo de bola! Este taco, tambem, é fresco! *(A Ezequiel).* Faz favor de dar licença, senhor?

EZEQUIEL

(Ao primeiro sujeito). É-me preciso um padrinho, queres servir-me de padrinho?

PRIMEIRO SUJEITO

Vinte e quatro. *(A Ezequiel).* Estás doido? Eu

servir de padrinho! Olha que chalaça! O padrinho vae preso sendo par do reino, quanto mais não o sendo. Olha cá para esta carambola... Vinte e seis! Ora o diabo és tu! Padrinho! Para ir pela barra fóra! Queres tu tomar alguma coisa?

EZEQUIEL

Não quero. *(Sae).*

Em casa de um amigo

O AMIGO

Entra, Ezequiel; que é feito de ti, meu velho?

EZEQUIEL

Vou indo soffrivelmente. O Mattoso mandou desafiar-me, e quero dever-te o favor de seres meu padrinho...

O AMIGO

Ó filho! o que me pedes tu! O Mattoso é meu amigo, até é lá da minha sociedade!

EZEQUIEL

Qual sociedade?

O AMIGO

A philarmonica! Vae ter com o Maldonado.

EZEQUIEL

Já me disse que não.

O AMIGO

E o Quaresma?

EZEQUIEL

Está doente.

O AMIGO

Vejam que transtorno! Percebes que não posso assistir á degolação do Mattoso. Põe-te tu no meu logar!

EZEQUIEL

(Saindo). Adeus!

O AMIGO

Até sempre!

EZEQUIEL

(Na rua). Dezesete já me disseram que não! Um porque é empregado publico, outro porque é militar, outro porque é casado, outro porque está para casar, outro porque ficou viuvo... Emfim, ainda vou ver se fallo ao Pacheco, e ao Pamplona...

Em casa de Ezequiel.—Duas horas da noite.— O gallego dorme sentado n'um mocho de pinho.—Batem á porta.

O GALLEGO

Bate com a cabexa, démo! *(Levanta-se de vagar e accende a luz).* Libertino! *(Abre a porta).*

EZEQUIEL

(Entrando, pallido e tropêgo). Ah! Já não posso commigo! *(Senta-se no mocho).*

O GALLEGO

O patrom leba uma bida escandaloxa; é quaxi manhã—! Eu não xou o xenhor xeu pae, mas xe o fôra...

EZEQUIEL

Recolhe teus juizos, Alonso; estás vendo em mim um pobre diabo estropiado de correr Lisboa á cata d'um padrinho, e nem um... nem um, Alonso, não ha apanhar um! Tenho um desafio e não tenho padrinho, estou deshonrado, Alonso!

O GALLEGO

Xe lhe poxo xerbir...

EZEQUIEL

(Em extase). Oh! que idéa .. queres ser meu padrinho, Alonso?

O GALLEGO

Bamos a ixo!

EZEQUIEL

Pôes gravata, enfias um casaco, compro-te botas, empresto-te um chapeu alto, não abres bocca, e vamos de sege?

O GALLEGO

Bá feita, e bá-xe deitar.—Ui! Esquexia-me dixerlhe que boltaram cá aquelles dois xenhores d'esta manhã, e deixaram dito que cá beem ámanhã xedinho.

EZEQUIEL

São elles, Alonso. Vou-me deitar!

O GALLEGO

Baxe deitar! *(Ezequiel vae-se deitar).*

A mesma alcova.—Sete horas da manhã.—Ezequiel dormindo.—Entram os dois cavalheiros, menos gravemente que da outra vez.

EZEQUIEL

(Acordando.) Entre quem fôr!

PRIMEIRO CAVALHEIRO

Illustrissimo...

SEGUNDO CAVALHEIRO

E excellentissimo...

PRIMEIRO CAVALHEIRO

Senhor Ezequiel...

EZEQUIEL

(Sentando-se na cama). Digam lá.

PRIMEIRO CAVALHEIRO

Queira dizer-nos uma coisa, senhor Ezequiel, para socegarmos estas consciencias... O nosso amigo Mattoso fez-lhe algum mal?

EZEQUIEL

A mim? Não me fez mal nenhum. Embirro com

elle como com feijões com castanhas! prato da minha quesilia... de que aliás nunca provei! Eu nunca fallei a esse senhor Mattoso, nunca tratei com elle, nunca o provei!

SEGUNDO CAVALHEIRO

É o melhor dos homens! Seja-me licito dizer tudo, os senhores são dignos de ser amigos. Ainda esta noite o dissemos com o proprio Mattoso, e não o dissemos poucas vezes, porque em toda a noite não fomos á cama!

EZEQUIEL

Obrigado; mas, vamos ao caso. Eu tenho difficuldade de arranjar padrinbo, porque hoje em Lisboa não se apanha d'isso a bragas enxutas; em ultimo caso, possuo um individuo que irá figurar n'essa ceremonia; mas lembra-me como melhor, terem os cavalheiros a bondade de escolher dois cirurgiões...

SEGUNDO CAVALHEIRO

(Com tremura). Dois cirurgiões!?

EZEQUIEL

Sim, porque faço tenção de deixar ainda o Mattoso com signaes de vida e retirar-me em boa ordem, uma vez satisfeitas as leis da honra...

PRIMEIRO CAVALHEIRO

Valha-o Deus, mas se a culpa é toda sua, não é muito melhor combinarmos isto de fórma que...

EZEQUIEL

E inutil é dizer-lhes, que visto as expressões desagradaveis, que um dos cavalheiros hontem me dirigiu, terei a honra de lhe pedir explicações logo que termine este incidente.

SEGUNDO CAVALHEIRO

Como assim! Nem eu nem o meu collega dissemos a vossa excellencia coisa por onde...

EZEQUIEL

Vejo n'esse acto de me desmentir o proposito de querer tambem provocar-me!

SEGUNDO CAVALHEIRO

Como provocar, senhor!

PRIMEIRO CAVALHEIRO

Nenhum de nós...

SEGUNDO CAVALHEIRO

Longe de nós a idéa de...

EZEQUIEL

Isso fica para depois. Vamos ao ponto principal.

Os cavalheiros insistem pelo desafio com o senhor Mattoso, não lhes importa o codigo, e acceitam o duello a cinco passos...

OS DOIS CAVALHEIROS

Faz favor de...

EZEQUÍEL

Muito bem... Isso prova que não têem pela liberdade uma estima pusillanime e que nenhum laço talvez os prende á vida...

PRIMEIRO CAVALHEIRO

Como, nenhum laço nos prende á vida!? Eu sou chefe de familia, senhor!

SEGUNDO CAVALHEIRO

E eu accionista do theatro da Trindade! Vinte e cinco por cento! Tres acções!...

EZEQUIEL

Mas...

PRIMEIRO CAVALHEIRO

Sejamos explicitos. A reflexão fez-nos ver que seria muito mais sensato regularmos esta pendencia sem ir ao campo.

EZEQUIEL

Vejam lá...

SEGUNDO CAVALHEIRO

Nada, é o melhor!

PRIMEIRO CAVALHEIRO

(Contentissimo). Então, vamos á carta!

EZEQUIEL

Vamos á carta!

OS DOIS CAVALHEIROS

(Escrevendo). «Para dar cumprimento á missão de que nos encarregaste, depositando a tua honra nas nossas mãos, procurámos ás sete horas da manhã o senhor Ezequiel, redactor da *Trombeta Nacional*, convidando-o a dar explicações sobre o artigo que te dizia respeito publicado na *Trombeta*,—e sua senhoria, com o cavalheirismo que lhe é proprio, declarou-nos que nenhuma intenção tivera de offender e que o alludido artigo fôra escripto no desempenho das suas funcções de jornalista. Dando assim por terminado o melindroso encargo de que nos incumbiste, entendemos estar terminada esta pendencia auctorisando-te a fazer uso d'esta carta.»

EZEQUIEL

Perdão, isso não me satisfaz; se me dão licença escrevo eu, por mais habituado a redigir e até porque ha ahi uma grammatica que me parece suspeita. *(Escreve)*.

«Procurámos ás sete horas o senhor Ezequiel afim de o ouvirmos com respeito ao artigo que te é allusivo, e declarou-nos que não havendo da parte do senhor Mattoso idéa alguma de offensa ou provocação, e nenhum outro motivo dando causa a uma pendencia de honra, não tinha duvida de renunciar á idéa do duello considerando-se satisfeito com as explicações que lhe démos.»

OS DOIS CAVALHEIROS

Mas d'essa maneira...

EZEQUIEL

Isto é que é, e é como deve ser; excepto se optam por ir ao campo...

OS DOIS CAVALHEIROS

Queira tornar a ler.

EZEQUIEL

(Depois de ler outra vez). É o pensamento dos cavalheiros com uma redacção um pouco mais esmerilhada...

PRIMEIRO CAVALHEIRO

(Ao segundo). Mais esmerilhada!...

SEGUNDO CAVALHEIRO

(Ao primeiro). Mais esmerilhada!...

AMBOS

(Apertando a mão a Ezequiel). Antes assim! Estimamos isto!...

EZEQUIEL

Creio, creio!

OS DOIS CAVALHEIROS

Triumphou a moral! *(Limpam furtivamente uma lagrima um ao outro).*

É na provincia.

Vão pela rua fóra tres dos principaes figurões da terra. O commendador, conhecido na localidade pelo excellente appetite de que é dotado; um doutor em leis, que se recommenda á attenção publica por ter muita pilheria; e, ao centro, reunindo — em *si sóo* como diria Duarte Nunes de Leão — os merecimentos dos seus dois companheiros, o conego, que primava ao mesmo tempo pela pilheria e pelo appetite.

O conego? Patuscão sério, baixote, gordote, bem parecidote, levemente pançudo, boa pessoa, comilão jucundo; de uns de que já ha poucos, e de que em breve desapparecerá a casta, como succedeu á d'aquelles lacraus antediluvianos, que egualavam em cumprimento o nosso Passeio Publico.

Ao vêr seu passo incerto, notava-se logo o abatimento em que íam os tres cavalheiros. Depois de prolongado silencio, disse o doutor:

—A quaresma dá cabo da gente! Viver a comer alface como os grillos, e grão e mais grão como se fossemos patos, é triste! Já não posso dormir nem fallar, o azeite perde-me o estomago!

—Lá em casa, retorque o commendador, não entra carne nem eu já sei desde quando! Dissemos adeus ao lombo de porco, á doce cabidella, ao perusito assado, e, o que de tudo me faz mais falta, ao cozido! o nacional cozido, que é a unica coisa em que eu sou patriota!...

—E, observou o conego, ainda agora ahi vem a serração da velha, e a abstinencia ainda está para durar!

—O mal que isto faz á saude, só eu o sei! suspirou o commendador.

—O appetite dos fieis deve ser castigado, mas quando se é dotado de vigor digestivo de que possa resultar doença, tambem deve haver cautela!

—É verdade, isso é verdade; murmurou o conego com um vozeirão que a natureza fizera grave, e o jejum tornára cavernoso.

—Se, uma vez sem exemplo, disse o doutor, abrissemos excepção e jantassemos como a barriga pede!?

A ousadia de tal proposta mergulhou em me-

ditação os outros dois amigos, que principiaram a olhar um para o outro, no intento de lêr nos semblantes que partido devia adoptar-se.

—Porque, emfim, nós estamos doentes!

—Estamos!

—O senhor conego tem vertigens que nem sei como se aguenta em pé!

—Muito fortes! disse o conego.

—E uma constipação que trago mettida no corpo vae para um mez, é pouco!? Ainda hontem cuidei que espirrava os miolos!

—E Jesus Maria! ponderou o conego.

—E eu, disse o doutor, que casei ha pouco por sympathia, digam se é conveniente viver de espinafres, asselcas, e grelos!?

—Pobre homem! disse o conego.

—E pobre senhora! accudiu o doutor.

—Mas a difficuldade, advertiu um, é fazer as compras! Não se póde n'esta occasião pôr um bife na frigideira sem o nariz do visinho dar pela obra!

—É imprudente! resmungou o conego.

—Pois vamos dar uma passeata até á quinta do nosso amigo commendador, e jantâmos lá!

—É melhor! retrucou o conego.

—E em que dia havemos de ir a isso?

—Visto estarmos todos tres doentes, parece que quanto mais depressa vier o remedio—melhor!

—Mas é preciso tempo para preparar as coisas! disse o conego, que não gostava de improvisos nem em verso nem no prato.

—Hoje é sexta feira; seja na segunda!?

—Vá feito! repetiram os tres em côro.

Chegou o dia, e o commendador, gastronomo opulento, estava que não cabia em si de jubilo. Foram os tres amigos até á quinta, contendo com difficuldade a alegria que os enchia. Estava o dia bonito, vinha um fresquinho pelos campos que nem de proposito para abrandar os rigores do sol, e a propicia natureza parecia estar dizendo: Comei-me! Comei-me!

Cavaqueou-se muito, como é natural n'um ranchinho de amigos que tem em perspectiva um bom jantar. Estava-se á espera de ir para a mesa, n'um doce estado de alegria que não se descreve. De repente, o conego que andava a dar o seu gyro encostado ao muro, vem, tremelicoso e esverdeado, gritar aos outros:

—Estou perdido! Estou perdido! Ahi vem a D. Pulcheria!

—A Bulhões? exclamaram os tres. Oh! que desgraça!

Vou-me embora, dizia o conego; esta creatura se me apanha aqui, vae encher os ouvidos a toda a gente com a historia do jantar!

—Socegue, conego! dizia-lhe o doutor. Ha reme-

dio para tudo. Esconder-se-ha n'uma casa, lá para dentro, onde se guardam as batatas!

Mas, D. Pulcheria Alverca de Bulhões, fidalgota velha da terra, grande palradora, que passára na estrada e vira os sujeitos, já a este tempo havia entrado na quinta, e appareceu diante dos tres amigos.

—Ora vivam, vivam! Já vejo que vão jantar, e cá me teem!...

O conego queria morrer. Depois de tres semanas de jejum permanente, vêr fugir-lhe a mesa e o festim, substituidos por aquella tartaruga crua! Conversou um momento, conforme pôde, e depois, decidido a partir, passou pela cosinha para dizer adeus á cosinheira e desabafar com ella da sua triste sorte.

—Forte lesma! Sempre foi de agoiro, esta D. Pulcheria!

E a cosinheira furiosa, a destapar as caçarolas, a mostrar os manjares, e a offerecer-se para ir deitar fogo á casa da velha, e obrigal-a por esse meio a ir-se embora.

Os olhos do conego iam-se-lhe principalmente n'uns coelhitos guisados. O coelho para elle tinha encantos prodigiosos. Coelho bravo, sobretudo! De repente, vem-lhe uma idéa.

—Olhe, diz elle á cosinheira; faça-me uns ovos fritos, e metta-lhe o coelho por baixo, partido em boccados miudos, n'uma frigideira que tenha bastante fundo, para não se vêr,—e estou salvo!

Assim foi. Voltou o conego com ares indifferentes, puzeram-se á mesa, e elle sem tocar em nenhum dos pratos, que vieram.

—O senhor conego não come nada! exclamou D. Pulcheria.

—O que tem vindo á mesa não me convem, minha cara senhora. Estamos na quaresma. Já não é pouco assistir á infracção, que os vejo praticar. Hão de trazer-me uns ovos fritos!

Chegaram os ovos, o conego poz a frigideira deante de si, e, a tapar com o pão, foi engulindo os nacos. O coelho estava primoroso, e elle foi-o comendo com vagar, saboreando, reflectindo, e regando-o com excellente vinho pouco aguardentado.

Quando estalava algum osso do coelho, no melhor da dentada, queixava-se o conego por estas palavras:

—A Francisca, coitada—era o nome da cosinheira—deixou esturrar os ovos!

A propria cosinheira veiu espreitar e assistir á scena.

—Ah! Francisca, que me deixaste esturrar os ovos!

—Tenha paciencia, senhor conego! respondia a mulher, sentindo as tripas a pular-lhe com o riso.

Foi uma funcção!

Encontra-se em sendo terça feira á tarde, por aquella rua do Telhal acima, um par de sucios bem contentes de estar cá n'este mundo, todos de barriga cheia — com a alegria a descançar-lhe em cima como um pachá no coxim!...

Vão de passeio até á feira da ladra, sós ou de ranchinho, em caravana de familias ou em simples junta de amigos.

Sua condição? Pela maior parte, burguezes. Seu traje? Colete de padrão escolhido, — fieis ao *corte de colete*, o corte apparatoso que se ostenta nos mostradores das lojas; casacote sisudo; chapeu grave; e, ao canto da bocca, ondejando garridamente, um palito.

Sua attitude? Magestosa. Sua conversação? *Specimen:*

—Acreditará o amigo Florisberto que residindo eu na capital, e dando meus passeios nas tardes serenas, desde que deixei o estabelecimento, ainda não vi caír nenhum pedreiro de um andaime nem atirar-se alguem de um quinto andar? Já é enguiço!

De vez em quando, interrompe e esmalta os grupos algum militar que vae á feira em conquista; soldado da municipal quasi sempre, assassino amoroso do bello sexo, ao qual não ha creada que escape, nem ama de peito a quem elle não transtorne o leite!

Uma sege audaciosa trepa aprèssada—por teima ou por aposta—a calçada dos Capuchos, conduzindo alguns tafues de feira, ou tres sujeitas de ampla saia engommada, acompanhada de um pimpão de caracoes,—faca gloriosa de alguma tasca celebre.

Dois antiquarios, de calva abundante, que ainda fica a ver-se por mais que enterrem o chapeu; grande queixo esguio montado na gravata; bengala de castão notavel e ponteira austera...

Um dono de taberna que vae comprar copos,—seguido garbosamente, como que de um pagem, por um marçano descarapuçado e em mangas de camisa, idiota gorducho e lusidio que os freguezes da tavolagem vêem todas as noites, vae para vinte an-

nos, a aprender a ler por traz de um phosphoro—com que illumina o alphabeto!

A passo, dignamente, trincando um resto de amendoas torradas, duas adellas em conversa intima:

—A ultima vez que o vi foi por occasião d'esses *chinfrins*, que ahi houve, da politica. Iam-me as coisas tortas; não se vendia fato; tinha em casa um painel que mettia vista, puz dois vestidos no braço, um chapeu de homem á cabeça, o painel na mão, e abalei para a rua: encontrei-o atraz de S. Domingos, a dar vivas no meio da chusma. Tinha uma pala n'um olho; mas eu lobriguei-o do lado direito felizmente, d'onde não tinha pala, e conheci-o. Não estou com mais tirte nem guard'te, truz catrapuz, parto-lhe o painel na cabeça.—Vá uma amendoasita, ó sr.ª Angelica.—Foi um *banzé* de estalar!

Chega-se emfim ao Campo de Sant'Anna; e a grande feira tosca, a feira das velharias e dos rebutalhos, estira-se, serpentêa, espraia-se diante de nós. Á esquerda, no jardim—especie de conservatorio do sentimento, onde todas as terça-feiras se dá aula—o Amor, deus marotinho que inventou o namoro, reune alguns conquistadores gotosos, cada qual com uma apoplexia de Damocles por cima da cabeça, victimas de uma obesidade que não faz senão crescer de cada dia de feira para o outro:—brincam e comem bollinhos algumas creanças decorativas: sentam-se ou passeiam as criadas que teem sede de

affectos: os D. Juan de botim grosso: e algum sargento airoso, que se aperta na cintura até ficar parecendo uma abobora.

Em frente d'elles,—por entre os juramentos e promessas do amor ou da palavra, e ao som de um realejo, que, em sua honra, móe as inspirações mais maviosas dos mestres,—desenrolam-se os taboleiros carregados de ferros velhos e bugigangas derrengadas, um torrador ferrugento, uma cesta cheia de canos velhos de botas, bules d'aza partida, uma gaiola, um chapeu de chuva quasi sem pano e sem varetas, um candieiro,—o candieiro do sabio talvez, companheiro das vigilias de algum Fausto nacional, que sabia este mundo e o outro...

E depois, entre um montão de livros e de estampas, o retrato grande de uma bailarina,—prenda dos seus admiradores na noite do beneficio,—tendo a segural-o, para não voar com o vento, um d'aquelles alegres instrumentos que figuram no Pourceaugnac; mais adeante, uma cigana a comer pinhões e a vender uma caixa de folha para chapeu armado; ao lado de outra quitanda, que vende um chapeu armado para aquella caixa de folha; e cobertores d'aqui, ferros d'engommar d'acolá; jalecas de pelles espetadas em espadins, um selim de companhia com uma logica de Barreto, algumas crinolines, uma ratoeira, um chapeu alto—ah! deixem-me dar-lhe noticias d'elle: esse cylindro absurdo, que se aucto-

risa com a propria fealdade, aviltando debaixo de si todas as frontes, — depois de haver deitado abaixo o turbante e o sombrero, a gorra e o chapeu de tres bicos, depois de ter acabado com a cabelleira á D. João V, e de estar fazendo ver uma bruxa á trança do chin, vive ali actualmente mais orgulhoso de copa, mais canudo de chaminé, mais medonho e penantesco do que nunca, ao lado de objectos de utilidade e recreio, terrinas, galheteiros, um retrato do senhor D. João VI, uma guitarra...

Pobre guitarra sem cordas, que deu durante annos de comer a um velho e a um pequeno, quando suspirava debaixo dos dedos do cego, acompanhando trovas do fado! Estou-os vendo a ambos; a cara do cego sulcada de rugas parallelas e pouco fundas: certo aspecto de mocidade pelo tom sereno de linhas, pela suavidade dos contornos, apesar da profundidade das orbitas que lhe emolduravam os olhos: intelligencia quebrantada, envelhecida e gasta: lucta permanente e ignobil de viver sem pão; ao lado o rapazito: engeitado que o cego escripturára para cantar com elle; cabecita loira, vecejante de luz e de esperança, como que a lembrar á gente o abysmo que separava essas duas creaturas, unidas pelo acaso... Que é do cego? Que é do pequeno? O pequeno fugiu: o cego morreu: a guitarra está na feira, sem voz.

É tal a impressão d'aquelle amalgama de cadu-

quices, que se a gente fecha os olhos para não ver mais coisas velhas—principia... a ouvil-as. Todas essas phrases senis, tropos, periphrases, chavões decrepitos, que se arrastram todos os dias nos jornaes, passam no ar d'aquella feira:—«*O actual gabinete encontrou a fazenda publica completamente arruinada...*»—«*A nossa litteratura dramatica acaba de enriquecer-se por uma composição do festejado auctor...*»—«*Mais uma publicação da honrada empresa editora...*»—«*Uma intelligencia robusta...*» —«*Esta noite é enchente certa no theatro de...*»!...

E ainda depois,—quando se chega ao fim da feira e se corta por entre as barracas de fato para deixar o campo—detem-se o olhar por momentos n'uma casa abarracada, que se espregiça toda por aquella ladeira do lado da entrada do sol para a praça dos touros, a que chamam calçada nova de Santa Anna; frontaria fusca, com o letreiro *Armazem de moveis:* paredes velhas: portas que parecem bocejar, e por onde entra á vontade o vento de inverno e o sol de verão: serie de bazares ironicos, kaleidoscopo cheio de sombras: trastes polidos a fingir de novos e a parecerem rir-se do que se avista na praça, arruinado e feio, que tem corrido de mão em mão, de comprador para comprador, de basar para basar, dos ferros velhos para a feira!

Não se lembram de haver encontrado, no entrar da vida, certa rapariga loira, branca, de olhos azues,

elegante, vaporosa, de mãos delgadas, pés pequeninos, e o sorriso da felicidade a brincar-lhe nos labios? Depois, tendo-a perdido de vista por muito tempo, durante dez annos, quinze annos, vinte annos, não encontraram um dia uma figura repugnante de mulher, peor que uma bruxa hollandeza, embrulhada n'um capote côr de pinhão, russo, velho, curto: com um lenço de chita na cabeça, um lenço de chita azul meio sujo de tabaco; e não lhes disse alguem, que essa triste creatura é a que foi n'outro tempo aquella gentil visão loira, branca, de olhos azues, que perdeu as feições com o tempo, e hoje enrugada, embrutecida, repellente, nem se lembra do que foi nem do que é?

Essa mulher é a feira da ladra!...

Havia já oito mezes que a esposa de Vasco estava fóra de casa. Partira n'uma noite de inverno debaixo d'agua, sem haver dado o mais pequenino indicio da resolução que premeditára, abandonando a felicidade, a branda paz, a mercê de Deus. O marido, uma noite, tinha ido, como de costume, ler os jornaes, deixando Luiza com o filhinho ao colo, assentada ao lar, defronte de uma imagem do Senhor Crucificado, que sorria por entre a agonia áquelle suavissimo amor materno. Tinha no corpo o vestido de todos os dias; principiára n'essa manhã um bordado que devia durar mezes, estivera a arrumar a roupa, tocára umas walsas ao piano, e governára a casa. Se houve já mulher n'este mundo — bem guardada

pela paz domestica, foi Luiza. Os deuses lares pareciam velar por ella.

Quando o marido voltou para casa, estava ainda o candieiro acceso, os moveis na habitual disposição simetrica, a creancinha a dormir. Sentia-se pelas casas fóra o arôma de Luiza, mas Luiza não se encontrou... Passaram-se os primeiros instantes no delirio da inquietação. Os criados nada tinham visto: a porta da rua não se havia aberto, a quinta não tinha sahida. Vasco principiava a ter suspeitas de algum crime mysterioso, quando o olhar desvairado se lhe fixou n'uma carta, um bilhete, uma palavra escripta á pressa n'um papel: «Esquece-me!»

Era a letra de Luiza...

Tudo se alumiou n'um clarão infernal e o espectro da culpa percorreu n'um momento a casa toda. Vasco parecia louco... Accusou-se a si proprio de tal aberração de espirito, na presença dos criados; teve animo de rir; disse que a senhora devia ausentar-se n'esse dia, que assim estava combinado, que era naturalissimo o que succedera... Os criados fizeram por não perceber; mas, quando voltaram costas, choraram.

Precisa de horas uma pessoa para se orientar na desesperação; a transição é o declive que suavisa o abysmo, e Vasco sentiu-se cair n'elle de repente; era tão profunda a noite da sua dôr, que não viu nada. Todavia, decorridas horas, durante as quaes foi pe-

sando n'alma a realidade do que de principio lhe havia parecido impossivel, entendeu que era necessario occultar, por honra sua, o ultrage que lhe fôra feito, e ir seguindo em segredo uma vingança que a seu tempo tornaria ruidosa, quando alcançasse tel-a segura.

Mas, saber d'ella? Mas, encontral-a? Onde? Luiza não tinha casas de intimidade, familias de estreitas relações, nenhuma pessoa especialmente amiga; era uma mulher de fronte pura e expressão serena, que não inspirava a minima suspeita a quem a visse, que vivêra sempre na athmosphera dos deveres de familia, em que não ha ar sufficiente para um amante poder respirar. No entanto, á força de sondar reminiscencias, recordou-se Vasco que um dia, estando na quinta com a mulher e um visinho que os fôra visitar, Rodrigo Maldonado, que voltára de gastar em Paris o melhor de uma herança que tivera em Lisboa, surprehendêra uma phrase... Iam por uma latada vendo as flôres, que desabrochavam aos raios do sol; um arbusto, plantado por acaso do outro lado, encostado a um muro que lhe escondia o sol, tinha unicamente flôres pallidas, flôres desbotadas e tristes; Luiza colheu uma d'ellas, e, caindo-lhe as folhas ao apanhal-as, murmurou quasi ao ouvido de Rodrigo:

—Bem lhe dizia eu, que se morre de viver sempre na sombra!

Podia muito bem aquelle dito não ter intenção; mas Vasco deu-lhe grandes proporções ao achar-se na situação em que o estamos acompanhando. Ao romper da manhã, foi á casa de Maldonado. Apparentava este por tal fórma a sua physionomia habitual e pareceu tão pouco contrariado pela visita, que seria absurdo prolongar suspeitas, e Vasco viu-se obrigado a procurar não sei que pretexto para explicar o haver lá ido.

Andou depois muito tempo pela provincia, correndo atraz de cada indicio, de cada presentimento, de cada conjectura, vigiando por uma parte e outra, sem descobrir nada. Luiza estava perdida no mundo, mas conservava-se-lhe presente e viva no fundo do coração. A sêde de vingança ia-lhe abrandando; figurava-se-lhe a mulher como morta e não como culpada; se lhe queria mal, era principalmente por se furtar ao amor que renascia n'um cantinho d'aquella alma envergonhada de si propria. Sentia-se tão miseravelmente dominado por esse desejo impossivel, que no primeiro impulso haveria perdoado se houvesse tido a certeza de que ninguem suspeitára, que ninguem havia adivinhado... Como que reverdecia com as lagrimas a tige quebrada do amor que lhe tivera!

De volta, havia poucos dias, á terra em que residia, estava Vasco no ponto em que o descrevemos da phase da sua dôr. O sol de junho ia a declinar, e elle andava a passear na quinta, scismando nos

seus dias felizes, por aquella mesma latada que já citei...

Luiza, a este tempo, ia vivendo e soffrendo.

De que maneira, por que artificio se operára a seducção?

No caracter de Luiza havia um senão apenas, defeito imperceptivel que quasi Maldonado adivinhou logo que a viu. Simpathica, religiosa, singela e extremamente bem educada, o defeito d'ella era ter orgulho de mais.

Por saber que era formosa, não podia levar á paciencia que Vasco a encerrasse na vida de familia; e com o despeito de nunca ser vista, attribuia a ciumes offensivos o que era resultado simplesmente de predilecção delicada pela ventura que se dá bem na sombra. Mal se avistava o deslisar d'essas nuvens pequeninas e ligeiras pelo céo sereno d'aquella felicidade; mas Rodrigo Maldonado descobriu-as de prompto, e, novo Jupiter, condensou-as no horisonte para a envolver n'ellas!

Maldonado não era mau homem, mas de costumes tão levianos que sem deixar por um instante de ser agradavel, se deixava ás vezes arrastar para o mal. Perturbar a paz domestica de uma gente qualquer, figurava-se-lhe ser uma acção em que não perigava de fórma alguma a sua honra. Tinha levado uma parte da mocidade a ler romances, e a outra a pol-os em pratica: uns tempos de Paris e a levesa

d'aquella vida aventurosa haviam tornado impossivel para a sua indole a monotonia do viver portuguez. Sem bailes, sem festas, sem vida elegante, sem corridas, sem os domingos de Versailles, sem as tardes no Bosque de Bolonha, sem as manhãs nos *boulevards*, sem o cavaco do café Tortoni, sem os concertos, e os cassinos, e as ceias de Paris, Maldonado sentiu a urgencia de se refugiar no amor... para passar o tempo.

O seu plano de ataque foi dirigir-se ao orgulho de Luiza. Entonteceu-a de lisonjas. Rodrigo Maldonado, além de habil, era moço gentil. A sua physionomia bronzeada parecia fundida no molde oriental, e tinha a expressão de imperio e de docilidade ao mesmo tempo, que é sempre de effeito certo para mulheres melancholicas.

De principio aquelle horisonte amedrontou Luiza; mas, havendo commettido a imprudencia de ir sentar-se algumas vezes no jardim para conversar com Rodrigo Maldonado, que morava n'uma casa que tinha janella para a quinta d'elles, considerou-se obrigada a voltar áquellas entrevistas, até pára combater os projectos com que elle a perseguia. Passavam-lhe alli as horas como se tivessem azas. O moço era todo paixão e phrases de fogo; exaltava-a, levando-lhe ao animo a persuasão de sua formosura divina; descrevia-lhe os paizes que visitára, nos quaes, ao contrario do nosso, é uso viver á vista de todos, em vez de

esconder cada um na sombra o seu thesouro, como fazem os avarentos. Foi tão meigo, tão seductoramente meigo sempre, que ella de uma occasião fez que não o via saltar da janella para um banco de cortiça da quinta; e consentiu tão demoradamente que lhe cobrisse a mão de beijos, que foi o mesmo que estar a dizer-lhe que era amado...

Perdeu-a esse instante; porque, a datar d'elle, Rodrigo Maldonado não appareceu mais á janella, nem se deixou ver sob pretexto algum, o que prova que já a conhecia bem. Inquietou-se ella ao principio de tantas perguntas indecisas, que haviam trocado, e despeitou-se por aquelle modo atrevido de não lhe apparecer mais, depois de haver obtido meia confissão... Dizia-lhe o amor proprio valer a pena de que não se désse por farto tão depressa; não perdoava a si propria haver apontado o caminho e não lhe seguirem os passos, e indignava-a o procedimento d'aquelle adorador petulante, que parecia não a achar bonita ao ponto de lhe merecer ir mais longe...

Não a deixava a idéa de tal abandono injurioso, não a deixava por um momento no centro da lida domestica e entre os phrenesis da sua tranquillidade perdida. Soffria por aquella má estreia d'amores, soffria no intimo do orgulho e da vaidade offendida, e chegou a preferir os perigos que podessem resultar-lhe de alguma temeridade louca, áquella febre de todos os momentos... Queria tornar a ver Rodrigo,

para terminar com elle, tirar-lhe o que tão imprudentemente lhe dera, e voltar depois ao socego dos primeiros annos innocentes, que ainda esperava poder encontrar outra vez...

Uma noite, na noite em que desappareceu, aquelle desejo foi mais devorador que nunca. Vira luz em casa de Rodrigo, tinha certeza de o achar, de o poder castigar e opprimir, desligar-se da palavra imprudente que lhe escapára; e não teve animo de resistir ás mil tentações do orgulho, que estava a exigir-lhe reparação; desceu precipitadamente a escada, sem se lembrar que ia a descer tambem da elevação e serenidade da existencia de mulher honesta para a vergonha que talvez lá estivesse em baixo á espera d'ella...

Todavia, como apreciava vagamente a imprudencia do que ia fazer, escreveu a Vasco aquella singela palavra que elle encontrou no bilhete, confiando apezar d'isso que a despedida ficasse inutil e que ainda voltasse para casa antes do marido.

Rodrigo Maldonado esperava-a.

Esperava-a quasi a hora certa. Calculára o tempo que duraria a lucta. Quando fechou a porta, sorriu-se, e tirou a chave sem que Luiza fizesse reparo em tal.

—Venho, disse-lhe ella em voz rapida e depois de ter dado apenas dois passos n'aquella casa que parecia queimar-lhe os pés, venho para lhe dizer que

não lhe perdoaria em toda a minha vida se houvesse acreditado uma só palavra sua!

—Minha senhora, respondeu elle, parece impossivel que se haja compromettido até ao extremo de vir a minha casa para me trazer unicamente expressões de ira. Entretanto, tenha cautela, porque atraiçoa a generosidade do seu comportamento: a colera é uma das armas da formosura de vossa excellencia!

—Ironias! retorquiu ella empallidecendo. Não me comprometti e não entrei aqui senão para lhe impôr obediencia a coisas que tenho o direito de exigir: prohibo-lhe que appareça de novo áquella janella.

—Ha oito dias que lá não vou, minha senhora!

—E se lhe succeder bater á minha porta, redarguiu, mais offendida ainda, quero que saiba que nunca estarei em casa!

—Creia vossa excellencia que não costumo assaltar a casa alheia!

—É falso então quanto me dizia e me repetiu tantas vezes! replicou ella deixando cair duas lagrimas, uma que era da vaidade, e outra que era do amor.

Rodrigo sentiu-se quasi commover, e disse ajoelhando:

—Perdôe-me Luiza! Não me queira mal pelo que tem soffrido. Devia chegar esta hora, e foi para a apressar e para a tornar mais suave que me conservei cruel para mim proprio mais do que para vossa

excellencia, sem querer ver o que para mim é o sol e o horisonte, vel-a a si! Quiz conhecer se não lhe era indifferente; não me tirei nunca d'esta porta, onde mal me atrevia a esperar que viesse uma vez... Dizem que são abençoadas as casas por onde passa um anjo; obrigado, a Deus e a si!

Mettia assim palavras sagradas no discurso da tentação, e ella, coitada, que não se achava em estado de apreciar o que havia de blasphemo em taes hyperboles, quando quiz partir encontrou tanta adoração a seus pés, que ficou; e, quando a adoração a perdeu, não a deixaram voltar para casa as lembranças de sua austeridade antiga.

No dia immediato, admirada do que fizera e assustada de tudo, recordou a Rodrigo as promessas que lhe havia feito, e pediu-lhe para que puzesse um espaço grande entre ella e a terra em que vivera feliz e pura. Parecia-lhe ser mais culpada perto d'aquelles telhados amigos, debaixo dos quaes ainda lhe respeitavam o nome, e ouvindo o sino da egreja que abençoara as festas da sua mocidade; parecia-lhe tambem que os remorsos haviam de opprimil-a menos debaixo de outro ceo, e que, mudando de horisonte, do mesmo modo que de nome e de affectos, conseguiria talvez mudar tambem de consciencia. E depois, nas cantatas das primeiras declarações, Rodrigo preludiara-lhe os dias de alegria da Hespanha, as noites de festa de Paris, Inglaterra com

a sua opulencia grandiosa, a poesia da Alemanha e aquella doce innocencia; o peior foi que, a este tempo, não se lembrava elle já de taes modinhas. A visita infructifera que Vasco lhe fizera de manhã levara-o a reflectir, e foi-lhe facil demonstrar a Luiza que elle lhes procuraria os rastos pelo mundo inteiro antes de ter suspeitas de que ella estivesse escondida alli por traz d'aquellas cortinas... Fez a pobre por crer n'isso, mas ao mesmo tempo sentiu-se cair das esperanças que havia creado em horas de illusão.

Foram correndo os primeiros dias n'uma ebriedade amarga. Contava-lhe Rodrigo mil curiosidades relativas aos costumes dos paizes que visitára, e o gabinete d'elle como que estava tambem a fallar-lhe d'isso: trages, retratos, instrumentos de musica, armas, passaros, perfumes e flores de todas as partes do mundo. Nada d'isso porém saciava a curiosidade ardente da pobre creatura, e a existencia tornou-se-lhe cada vez mais penosa.

Rodrigo Maldonado saía, ás vezes. Ella é que só raramente, e isso mesmo coberta com um véu, se atrevia a dar dois passos, de noite, encostada áquelle braço que não tinha direito de a defender. E cada passo era um susto. Quando saía de casa, o som de alguma voz conhecida, o rumor de uma d'aquellas portas por onde passára tantas vezes, impressionavam-a por tal fórma, que Maldonado viu-se obrigado

em mais de uma occasião a tomal-a nos braços, suffocar-lhe os gritos, e leval-a para casa.

Quando pensava que toda a gente de certo a condemnava, affligia-se no seu amor proprio, que a deitara a perder. Ninguem todavia suspeitava sequer onde ella estava, porque Rodrigo despedira as criadas, e tomára para casa uma saloia, que não conhecia nem tinha nunca visto Luiza, que não dava attenção, nem percebia mesmo as scenas que tinham logar ás vezes entre os dois quando o despeito e o enfado não podiam soffrear-se. Não tinha elle voz para responder, quando ella lhe dizia entre lagrimas que se finava de inacção, que precisava de movimento e de vida; dizia-lhe a consciencia quanto a pobre senhora andara mal, em tomar, á conta de promessas definitivas, projectos que não tinham passado de conversações amorosas; dizia-lhe tambem a consciencia que os seus haveres não lhe permittiam similhantes viagens, que não lhe convinha expôr-se a ser surprehendido, e que, finalmente, com quanto esperasse uma visita, com o que não contara nunca era... com uma hospeda!

Assim esmorecera tudo, no fim de mezes, e já ambos aspiravam mutuamente á liberdade. Luiza era uma creatura agradabilissima, mas Rodrigo Maldonado achava a liberdade mais agradavel ainda, e, ao cair em si, pareceu-lhe aquella vida, de relações um pouco fóra dos carris do uso, ser maior tolice ainda

do que as uniões notorias. Quando a brisa da manhã lhe suspirava nas janellas, Luiza a pentear-se ao espelho pensava sempre nas mãos do filhinho que tantas vezes lhe brincara com os cabellos, e com o lembrar-se parecia-lhe ver tudo; o marido, a casa, a familia, os primeiros tempos da sua mocidade innocente, e chorava. Ao principio de estar em casa de Rodrigo, quando as imagens lhe surgiam, affastava d'ellas a idéa com remorsos; mas agora vinham envoltas em lagrimas, que de alguma fórma lhe pareciam doces... Lavavam-lhe a alma!

Uma noite, em que Rodrigo saira, teve uma tentação tão forte, tão forte, que não poude resistir, de tornar a ver a casa... Subiu a um quarto onde Rodrigo lhe dissera que nunca fosse, quarto que tinha janella para a quinta,—aquella janella d'onde Rodrigo costumava d'antes conversar furtivamente com ella. Era ao pôr do sol. Vasco a essa mesma hora, desejando mais perdoar que castigar, passeava tristemente no jardim. Não havia por ali mais ninguem.

Estava tudo silencioso e sereno. Era d'aquelles instantes melancholicos em que os corações se embebem em saudades.

Hesitou por muito tempo, apezar do desejo que tinha de abrir a janella. Se Rodrigo lh'o prohibira com tão grande insistencia, é por que adivinhava que ella succumbiria á commoção que devia sentir...

Como quem toma banho e atira comsigo resolutamente ao mar, assim abriu a janella e olhou.

Viu logo Vasco. Estava distante poucos passos, passeando de vagar, scismando, sem ouvir a bulha do abrir da janella. Venceu-se a ponto de reprimir o grito que ia soltar ao ver que o primeiro olhar que dava ao passado lhe avistára logo aquelle homem, e sentiu acordar dentro de si um sentimento que era quasi amor. Por pouco não se deitou pela janella, para ir cair-lhe aos pés... Reteve-a o respeito, que não o medo. Ia a retirar-se quando mesmo defronte se abriu uma janella. Era o seu filhinho a quem a ama levava a tomar ar, e fazer as rezas da noite olhando para o céo. A commoção que sentiu arrancou-a do viver em que se achava, e, como se Deus a chamasse, saiu a correr d'aquella casa maldita e foi direita ao filho.

Vasco não viu nada d'isto.

A mulher que tinha a creança ao collo deu um grito, quando ella entrou no quarto. Ia pedir que lhe accudissem, por tal fórma o erro havia dado ares de pessoa estranha áquella mãe que regressava ao lar. Havia comtudo tantos extremos de paixão no beijar ancioso e sofrego com que se agarrou á creancinha, as lagrimas que lhe caiam pelas faces vinham tanto d'alma, que a criada ficou attonita e hesitou por muito tempo, sem animo de lhe dizer, pelo receio em que estava de parecer cumplice n'aquelle caso:

—A senhora não póde ficar aqui; vae a anoitecer; o senhor não tarda em recolher da quinta!

Estas simplices palavras resumiam para Luiza a opinião em que era tida; mas quadravam com tanta propriedade áquella situação, que a criada não reparou que estava dizendo claramente á ama que já não era digna de entrar em casa...

—Um instante apenas, Brigida! Ha tanto tempo que tinha sêde d'estes beijos! Vae lá para baixo, e quando voltar o senhor, avisa-me!

—Não se lembre d'isso, replicou a criada chegando-se para o berço. Isso de fórma alguma!

—Tens medo, bem sei, Brigida! Mas, se soubesses!

—Queira a senhora perdoar, se bem conhece a rasão; o senhor está sem força; nem socego, nem saude, nem alegria: não lhe resta senão esta consolação; leva horas ao pé do berço sem dizer nada e sem levantar os olhos. É o meu dever, guardar o menino. Ainda que a senhora quizesse ter força em si, não poderia passar sem o levar. Não! minha senhora, não a deixo só com a creança!

—Brigida, disse a ama, se vossê não tivesse o dobro da minha edade, não lhe permittiria que me fallasse d'essa maneira!

—Mais valia n'esse caso não ter cá vindo, minha senhora, para não ouvir isto mesmo da bocca de todos, porque ninguem deixa de saber que o logar da senhora já não é aqui.

—Mas finalmente, o que é que sabem? perguntou Luiza n'um impeto do orgulho antigo.

—O que se sabe é que isto está dando cabo do senhor, está-o matando a cada instante!

—Está-o matando? replicou ella atterrada.

—Parece uma folha que vae a seccar de dia para dia, até cair. Aquella bocca nunca se abriu para dizer o segredo que o consome e ninguem se atreve a perguntar-lho...

Depois, de repente:

—Minha senhora, esconda-se n'esse quarto; elle ahi vem!

—Não! Não foi para fugir já, que eu voltei!

E pegando na creança ao collo, e reprimindo um gemido, ajoelhou diante da porta por onde Vasco ia passar.

Vinha elle subindo, trazendo n'alma uma pouca da frescura da noite que lhe acalmava a febre; e, quando entrou no quarto e Luiza lhe caiu aos pés, balbuciou apenas:

—Emfim!

Depois olhou em redor como se desconfiasse de tudo, como a desconfiar de si mesmo. Sentia que tinha de ser franco diante d'aquella mulher de quem gostava ainda, e cada dia que ia correndo lhe confirmava mais a contradicção de animo em que vivia. Por isso aquella palavra simplesmente, que soltou ao ver Luiza de joelhos—Emfim! que lhe rebentou do

peito n'um impeto de alegria, continha menos surpresa do que amor.

Ella intendeu-o assim, e, por não lh'o merecer, sentiu-se envergonhada, e foi refugiar-se a um canto da casa.

Passado aquelle certo instante em que os successos grandes e imprevistos atiram sempre com as creaturas ás regiões do impossivel, Vasco ficou senhor de si e disse á velha criada:

—Vae lá para dentro, Brigida!

Mas a serva que não adivinhara o verdadeiro sentimento d'elle e receiou explosão, respondeu sem hesitar:

—Perdôe, mas não os deixo sós. Não principiei a envelhecer ao lado do berço da senhora, nem acabei de me fazer velha agora a embalar o de seu filho, para a entregar assim á mercê da sua ira!

—Que! disse Vasco, a quem esta phrase revelou que em casa se desconfiava do successo. Onde vae vocemecê buscar interpretações taes? A senhora teve de ausentar-se como lhe disse em tempo, e volta no dia em que a esperava.

—Coitado! pensou Brigida. Quanto não custa áquella alma mentir assim!

Depois, quiz ainda dissipar a duvida que permanecia na physionomia de Brigida; aproximou-se de Luiza, e, apertando-lhe a mão, que ella não se atreveu a retirar:

—Estava a acabar-se-me a paciencia, filha, dlsse-lhe. Se tardasses mais, tinha adoecido!

E, voltando-se para a serva:

—Ainda está assustada, diga, Brigida? Ora deixe-nos em paz. A felicidade entrou n'esta casa!

A criada saiu, resando.

Quando se acharam sós, Luiza que pozera outra vez no berço a creancinha, voltou ao marido, e, ajoelhando e beijando-lhe os pés, disse:

—O teu perdão, que me custa a crer, faz-me soffrer mais do que se me offendesses. Preciso que me condemnes e que me fulmines. A mão com que me batesses, dar-me-ia felicidade o sentil-a! Não prolongues esse fingimento, que me espanta!

—Olha, respondeu-lhe elle erguendo-a; não te amei freneticamente e não te dediquei o meu coração inteiro para te acolher com maldições, ao vires arrependida bater-me á porta. Não costuma intender-se isto assim, bem sei; mas tenho contra ti tanto ressentimento como o velho pae da Biblia contra o filho prodigo, mal que o viu entreabrir as cortinas da tenda. Gastaste n'uma loucura a melhor estação que Deus nos concedera para nos amarmos, e saiste do trilho em que eu suppunha que a felicidade te acompanhava a sombra! Não me digas nada, adivinho tudo; mas a minha velhice ha de agradecer-te os ultimos dias que me dás, porque estou velho, Luiza, velho agora como teu pae, e hei-de querer-te como se o fosse!

Allucinada por aquelle tom tristemente misericordioso, por aquella indulgencia que lhe tornava mais pesada a culpa, sentiu-se dobrar diante do perdão, ella, a quem o orgulho haveria erguido a fronte se ouvisse injurias. Nem se atreveu nos primeiros instantes a levantar os olhos para Vasco; mas quando a gratidão lhe desprendeu as palpebras para lhe agradecer com os olhos, ficou aterrada de ver como elle estava mudado.

—É isto, proseguiu elle; já não tenho muitos dias de vida, mas ainda serão sufficientes para.... Ouve, Luiza: Se queres recompensar-me de haver abençoado voltares para casa, dize-me o nome do...

Ella não o deixou concluir.

—Isso não, porque não sou vil. Quiz-lhe bem, não o hei de entregar agora!

—Entretanto, comprehendes que, voltando para aqui, é como se me encarregasses de procurar por toda a parte o homem que te perdeu e que te abandonou. Para ti, coitada, creatura fraca que se extraviou, a minha mão para perdoar: mas para elle... Deus não faz injustiças completas! Não fallemos d'isso, Luiza. Fica socegada n'esta casa! O beijo que deres no nosso filho, não é melhor do que este...

E, depois de a beijar na fronte, deixou-a.

Ella resou. A prece foi uma acção de graças. Pediu a Deus que levasse para longe o unico perigo que existia,—encontrar-se Vasco com Rodrigo. Vol-

taria a felicidade, já que a misericordia de Deus e a de Vasco haviam supprimido o passado. Supprimir o passado! Pobre Luiza!

Depois de ver bem o quarto, alegrando a vista com memorias antigas, moveis e paineis, e assenhoreando-se por assim dizer de tudo que a cercava, quiz pedir ao somno o esquecimento completo das culpas... Mas quando ia a chegar-se á cama, ouvia de dentro de si propria uma voz dizer-lhe:

«Já não tens direito de entrar ahi!

«Dormiu ahi n'outro tempo a tua innocencia e a tua felicidade...

«Não te póde o somno respirar na mesma alcova em que estiver teu filho...

«Vae-te!»

Tentou suffocar aquella voz, mas ouvia sempre a sentença implacavel. Prendiam-se-lhe as mãos quando ia a abrir as cortinas, e os pés descalços pregavam-se-lhe ao tapete. Luctou instantes... Depois, cançada, vestiu-se á pressa, e, como quem foge, saíu da alcova.

Lembrou-lhe de ir refugiar-se ao pé de Vasco. Mas, ao chegar á porta do quarto, não viu luz, e faltou-lhe o animo para bater á porta.

Em baixo era a capella. Foi para lá, cuidando que poderia apagar alli, resando, a febre que a abrasava... Ao principio socegou; mais d'ali a instantes pareceu-lhe sairem vozes das lageas e estarem a dizer-lhe:

«Somos os teus avós!

«Principiámos a eternidade debaixo d'estes tectos que nos viram sempre honrados...

«Vens manchar com os teus passos a pedra das nossas campas...

«Vae-te!»

E ergueu-se logo assustada e tremula. Por ventura teria agora o condão fatal de acordar os espectros, e não haveria um cantinho na terra de onde não se sentisse repellida? Entrou pelas casas todas; e a imagem do amante, que ella alli introduzira temerariamente em tempos, erguia-se para lhe sair ao encontro e não a deixar passar.

Conheceu então que tentára uma coisa superior á natureza, em voltar para casa. O passado levantar-se-ia a cada instante a opprimil-a, e a lucta não teria fim senão quando a matasse. Era Deus que não permittia á Eva, apesar de arrependida, que subisse outra vez ao doce cume do paraiso perdido...

Foi para a quinta; mas o luar parecia tirar da sombra de cada roseira a imagem de Rodrigo Maldonado que lhe desfolhára as rosas na estação anterior. Quando percebeu que ali mesmo, ao ar livre e a ver o céo, não a largavam as visões, e que não podia n'aquella vivenda dar um passo sem levar um remorso atraz de si, parou com uma vertigem, abatida e estonteada pelas angustias d'aquella noite e pareceu tomar de repente uma resolução...

Com quanto não se illudisse a ponto de ainda julgar que Rodrigo pensasse n'ella, e com quanto se recordasse das ultimas amarguras cuidou que perto d'elle soffreria menos, e que tinha direito de impôr, ao homem que a arrastára, expiarem juntos os desvarios em que haviam cahido, e expiarem-os pela indifferença actual. A scismar n'isto, esqueceu o filhinho e Vasco, e fugiu ao acaso, levada pelo medo...

Chegou-se á janella que deitava para a quinta. Dava meia noite n'uma egreja proxima, Rodrigo ainda não devia estar deitado. Chamaria por elle, para que lhe abrisse do lado da rua.

Correu pela quinta fóra, para não perder um minuto. Ia bonita assim, á luz das estrellas, unicos olhos que n'essa occasião a viam, vestida de claro, com o cabello desmanchado pela humidade da noite e caindo-lhe pelos hombros como a embrulhal-a n'um manto...

Quando chegou mais proximo pareceu-lhe ouvir rumor de fallas pela janella aberta. Parou e escutou de novo.

Depois, caiu como fulminada no banco de cortiça; ouvira a voz do marido.

—Quando alguem se adianta n'uma accusação de tal ordem, dizia Rodrigo, é porque tem provas. Queira mostrar-m'as.

—Tenho suspeitas apenas; mas são quanto basta

para intender que o senhor tem representado um papel indigno, e que tenho direito de o castigar.

—Tome cuidado,—não soffro castigos. Mas, emfim, estabeleça os pontos em que funda a accusação.

—Em que o senhor Maldonado cessou as suas visitas, desde que partiu a pessoa que escuso nomear-lhe.

Rodrigo empallideceu levemente na obscuridade que o escondia; em seguida, voltando outra vez ao seu sangue frio:

—E então, que prova isso? Que preferia ver essa pessoa a ir vel-o ao senhor? Era mau gosto talvez, mas isso nada decide contra mim.

—Basta! Ha insultos de sobra nas suas palavras para justificar a minha exigencia...

—Nunca serei eu quem lhe diga que não, já que faz gosto em se bater commigo. Trouxe de França onde estive tanto tempo, entre outras coisas boas, o saber que é indispensavel a um homem deixar-se matar, quando isso pareça dar gosto a um cavalheiro. E agora que isto está justo, queira permittir-me o fazer-lhe perceber que vamos bater-nos sem motivo apreciavel e por mero recreio.

Luiza que ouviu isto, sentiu chorar-lhe o coração, mas o medo não lhe deixou sequer as lagrimas chegarem-lhe aos olhos.

Rodrigo continuou:

—A senhora D. Luiza entrou em casa esta noite, ao que me acaba de dizer. De maneira que, se eu houvesse tido a fortuna de lhe dar agasalho, teria ella necessariamente saído de minha casa esta noite. Ora, se eu tivesse que deplorar n'esta hora tão irreparavel perda, é natural que estivesse desesperado e triste; ao passo que, n'este mesmo quarto em que estamos, acha-se alguem que veiu tomar chá commigo e que não se escandalisa que eu lhe apresente o cavalheiro!

E Rodrigo aproximou a luz. Estava effectivamente meia estendida n'um sophá uma rapariga que adormecera durante a conversa.

—Rodrigo Maldonado, disse-lhe Vasco erguendo-se; dou-lhe credito, e peço-lhe desculpa!

—Esse homem mente, exclamou uma voz no jardim.

Havia tanta dôr, tanta autoridade n'aquella voz, que, por um movimento involuntario, Rodrigo e Vasco foram á janella e olharam.

Viram uma figura alvejante que ia correndo. O orgulho ultrajado obrigara Luiza a fallar; o susto do que ia seguir-se fazia-a fugir.

Ia correndo, sem saber por onde, perdida, a olhar para o ceo, estendendo os braços... Ás vezes dava um grito, como se chamasse a um tempo por Deus, pelo amor, e pelo filho. Avistava-se-lhe a roupagem branca por entre os canaviaes, escondendo-se e sur-

gindo outra vez... Diminuiu depois na distancia, e parecia ao longe um cisne a voar perdido na nolte.

De repente, não se viu mais.

Vasco e Rodrigo saltaram pela janella para a quinta, mas, quando chegaram, fluctuava o cisne na agua immovel de um poço. Luiza estava morta.

Vasco no dia seguinte quiz deixar-se matar n'um desafio, mas escapou; os duelos entre nós são tão benignos que nem mesmo quem quer morrer o consegue! Foi Rodrigo Maldonado, quem ficou gravemente ferido.

Descobriu Antonio Fagulha n'um domingo pela manhã, por occasião de visitar a arca depositaria do seu peculio e roupa branca, que lhe haviam roubado uma camisa: descoberta que alvorotou o casal de Paiinho, onde elle tinha a honra de servir de abegão. Não era o caso para menos: se ha coisa que o saloio estime immoderadamente é a roupa de linho; depois da terra, é o que lhe dá mais no olho; passa a vida a juntar camisas, unico objecto de que é collecionador. São ellas o producto mais festejado das terras que amanha, a joia das barrelas, o adorno da arca, o thesouro do lar.

E depois, mesmo que ponham de lado a vaidade, a roupa de linho representa para a gente do campo

um objecto de valor, um capital; em crises apuradas têem como recurso ordinario levar ao mercado um lençol ou uma camisa que de momento se converte em cobres.

Julgue-se, pois, do pasmo de Antonio Fagulha quando verificou que lhe faltava evidentemente uma camisa das tres duzias que já lográra ter completas. Que transtorno para um homem que pelas festas se arranjava com tão gracioso apuro e punha de ordinario a gravata á roda do chapeo em ar de fita, para deixar ostentar-se em liberdade aos olhos de um publico apreciador o collarinho e o peitilho de uma camisa de magnifico esguião ou do cavalim mais soberbo e puro.

Correu-se o casal por todos os lados, mas nada de noticias da camisa nem do ladrão. O abegão dormia só no curral com o vaqueiro, que era ainda pequeno; houve suspeitas d'este.

O pequeno, que se chamava Martinho, era, na sua esphera humilde, muito engraçado. Esperto, activo, e mais propenso á reflexão do que seria de esperar da edade que tinha. Fizera doze annos; e o cathecismo que lhe ensinára o prior, dando-lhe noções convenientes com respeito á natureza e destino das creaturas, patenteara-lhe o campo do infinito. Piedoso e bom, cria em Deus e na alma como se as estrellas lhe houvessem fallado. Estiradito no meio da manada ao som do pascer do gado

e do assopro que os bois dão na herva quando comem para sacudir os bichos, passava horas esquecidas a scismar, deixando voar a alma até ás esperanças que não têem limites, indifferente á chuva, afeito ao frio, afouto no escuro da noite.

Convivencia com o gado desenvolve de um feitio especial o entendimento, ou seja pelo esforço moral que é necessario para se ser comprehendido de brutos, ou porque, presuposto n'elles um grau de intelligencia diverso do nosso, já se não póde dispensar reconhecel-o bem para d'ahi concluirmos o que temos de fazer. Dá-se isto principalmente com os pastores, entes contemplativos, entregues á meia solidão de um viver ocioso em que ha tempo de sobra para reflectir. Nem se vive no descampado ao sol e ao ar sem que a alma se influa d'isso como o corpo. A idéa por ser immaterial nem por isso deixa de precisar de espaço.

Certo é que ao dar-se o caso da camisa, o Martinhito vivia feliz entre a relva para onde todos os dias levava quarenta vaccas e o boi tourino, o Galhardo, marido d'ellas. Era-lhe este em tanta maneira affeiçoado que o pequeno fazia d'elle quanto queria, a ponto de que, ao recolher do pasto, n'um sitio em que havia um riacho grande, trepava-lhe nas ancas e assim de aguilhão em riste atravessavam o regato involvidos já nas sombras do descer da noite, as vaccas em debandada parando aqui e ali para beber,

ou mascar a herva dos vallados, e o cão do rebanho atraz passando a nado.

O peior foi terem-se os seus creditos de fiel trastornado, mudando-se de repente em accusação directa, e bem fundada—na apparencia ao menos.

Antonio Fagulha déra pela falta de outra camisa, e achou-se uma manga debaixo da palha ao pé da cama de Martinho no curral. Não ficava duvida, o pequeno surripiára a roupa ao abegão, desmanchára a camisa para não se dar pela obra e escondera parte junto da cama.

Á noite, ao recolher do gado, declarou-se ao rapazito o que ia de novo. Ficou o pequeno pasmado e disse apenas:

—Não me desgracem, pelo amor de Deus, que estou innocente. Sempre aqui me portei bem, e não havia de perder-me agora por uma acção tão feia!

Ninguem fez caso d'aquelles protestos, e o rapazito foi despedido, descontando-se-lhe uns tantos réis no ordenado para indemnisar o abegão, que se ficou resmungando de ainda perder no negocio.

Deixou o Martinho a aldeia n'essa mesma noite. Pobresito enthusiasta, sentiu-se cair do ceo, mas valeu-lhe o seu natural contemplativo, e resignou-se com a sua sorte.

Partiu para casa da mãe; chegou ao cerrar da noite, quando a pobre viuva estava sentada á lareira com os seus outros seis filhos; deu por explicação

da tornada o não o acharem os amos em edade propria de guardar o gado e disse que ia ver se se arranjava como moço algures. D'ahi a nada foi-se deitar, com medo de que lhe viesse á face a pena que o consumia.

Todavia, no Paiinho, onde o rapaz era bem quisto de uns e outros, todos tinham visto com magoa o erro em que elle havia caido; todos, menos o Antonio Fagulha, claro é, o qual, ferido pelas camisas, não podia lembrar-se d'elle senão como quem lhe arde a pelle!

Ora, havia no logar uma pequena que guardava cabras, chamada Libania, que se ralou mais que ninguem pelas culpas que deitaram ao Martinho. Não é que houvesse entre elles amizade de qualidade alguma, mal se viam, não se fallavam nunca, um levava as vaccas para o campo, a outra as cabras para a charneca; mas reinava entre os dois uma especie de camaradagem a seu modo; pastores infimos ambos, interessavam-se um pelo outro pela conformidade de suas occupações, pela fraternidade de destinos; no intimo d'alma considerava-o innocente.

Farejou quanto pôde pelos casaes vizinhos na diligencia de encontrar pé para o desculpar, mas não houve conseguil-o. No entretanto o Antonio Fagulha, por ainda não ter moço viu-se obrigado a levar o gado ás pastagens, e o gado achando-se

sem o seu guarda do costume esteve desinquieto todo o dia. O Galhardo principalmente estava diabolico, e olhou por umas poucas de vezes para o homem com um geitinho particular que lhe deu barruntos de se ver livre quanto antes do officio que exercia interinamente. Á noite, no curral, embirrou em não se deixar prender, e foi necessario pôl-o ao pé da mãe e offerecer-lhe cortezmente a ceia para se lhe lançar a soga ao pescoço.

A Libania, de pirraça, dava um olho ao démo por não se haver conseguido esta façanha. Tudo que ajudasse a fazer nascer saudades do Martinho lhe parecia optimo. E por isso é que tão depressa se apanhou sósinha no curral, amanhando-se com um capotinho de palha de que o pequeno usava para a chuva e que deixára lá ficar para servir a quem viesse depois d'elle, aventurou-se com perigo de vida a soltar o boi, para pôr toda a gente em ancias, e vingar-se por alguma fórma do como se tinham comportado com o rapazito.

Hão de vêr que, em um animal sendo mau, peior se torna para as mulheres do que para os homens. Dobra-lhe atrevimentos a fraqueza e timidez d'ellas; façam pois idéa do que não custaria á pequena o safar as prisões ao boi. Saiu-se bem todavia, mercê do capotinho do rapaz, porque aproveitando o momento em que o boi lhe cheirava o fato, soltou-o de repente, e deitou logo a correr e a gritar

Depois, pelo gostinho de os apurar a todos, ficou-se a pular de contente. Era uma balburdia d'ali a nada que ninguem se entendia. Não podia haver coisa que mais infernisar-se toda a gente da casa. Sempre se tratava de affrontar as armas do Galhardo, casta de exercicio, digno da maior acceitação no Campo de Sant'Anna em presença e ao som dos applausos da multidão, mas destituido de gloria ao canto de um curral!

Ninguem se atrevia a prender o boi, e era a qual mais havia de gritar e dar-se a perros pelo succedido. Queria um deitar-lhe o laço, outro tapar-lhe os olhos, este ir buscar o cão do magarefe, aquelle armar-se com a fouce, e lá se foi tudo em procissão ao curral, sendo as mulheres de opinião que o mais urgente era a prudencia.

Mas, assim que entraram, deram com a vista em coisa com que não contavam; o boi, estacado em frente da arca de Antonio Fagulha, mastigava socegadamente uma camisa. Já tinha comido um pedaço, e fluctuava-lhe como sanefas, por fóra da beiça, uma porção da fralda. Espantado de tal burburinho virou-se para aquella gente toda e poz-se a olhar para elles com a maior attenção, continuando a mascar e a engulir.

Foi caso de pasmaceira que não tentarei descrever. A Libania largou um grito de alvoroço. Era flagrante a innocencia de Martinho. O culpado era

o boi, que entrado do vicio não raro nos seus similhantes, de comer roupa, levantava com o focinho a tampa da arca e ia-se ás camisas com quanta ancia tinha.

—Pois se estás tão contente, dá ás pernas por ahi fóra e vae buscar o Martinho, rapariga! dizia o abegão á pequena, que não precisou ouvir aquillo duas vezes e largou a correr.

O Antonio Fagulha, porém, vexado de assistir por aquella fórma á destruição de uma camisa de soberbo panno patente que tinha estreiado havia quinze dias pela feira de Santa Suzana, encheu-se de brio ou coisa que o valha e deitou o laço ao Galhardo que não queria de maneira alguma separar-se da arca e se deixou prender na occasião de engulir um peitilho que lhe estava sabendo a rosas.

A pequena não correu, voou, ao casal da mãe de Martinho. Era á noitinha; principiára de tarde a choviscar, o despedir do dia não havia amainado as iras do vento, e a trovoada atravessando o crepusculo entrou ruidosa pela noite. Tranzia-se de medo a creança com os rumores do vento pelas sebes. Ao chegar ao casal contou tudo immediatamente ao pequeno e á mãe, que ficou sabendo ao mesmo tempo as culpas que deitavam ao filho e a innocencia d'elle!

Quizeram os dois pequenitos, apezar da hora, tornar-se logo para casa. O caminho d'esta vez pare-

ceu-lhes curto, e andaram-n'o sem medo. A Libania, trepando veredas de cabras, rompendo sebes, saltando vallados, ia contando ao mesmo tempo quanto succedêra, e descrevendo a passagem de haver desamarrado o boi sósinha.

Ao chegarem ao Paiinho, saltaram as mulheres aos beijos no Martinho. Mas o rapaz foi-se direito ao curral. O boi, mal que o viu á luz das lanternas, largou um mugido de contente, e cravou n'elle os olhos. Tinha-se o pequeno conservado sereno na presença da mãe e na companhia de Libania, mas desatou a chorar estirando os bracitos pelo pescoço do boi, que, pelo costume em que estão os animaes de se lamberem, fez-lhe uma festinha a seu modo correndo-lhe a lingua pelo cabello.

Deu-se o signal para a ceia e nunca a houve mais cordial e regalada. Fritada de pardaes, esparregado de congostas, e um vinhito branco, que os poz a todos como se quer. O Fagulha é que não. Esse, em todo o correr da ceia, não foi senhor de pôr a vista em coisa branca, toalha ou camisa, sem olhar de revez para a porta, não viesse lá o Galhardo!

FIM

Contos de minha lavra, por F. Leite Bastos.......... 300
Dama das Camelias, romance por Dumas filho, com um prefacio por Jules Janin; edição com estampas, 2 vol. 600
Demonio (o) do ciume, romance por Carlos Borges.... 400
Desposada de Lammermoor, romance por Walter Scott, 3 vol.................................... 960
Diamante do commendador, por Ponson du Terrail, 2 v. 800
Diana de Lys—Coisas que se ignoram, romances por Alexandre Dumas, filho......................... 500
Diccionario liberal de algibeira, contendo a significação das palavras que com o tempo e as revelações tem mudado na linguagem dos povos, traduzido do francez. 240
Diccionario de marinha, por João Pedro de Amorim... 400
Direitos e deveres do cidadão, por Mably, traduzido do francez em portuguez........................... 320
Dois genios differentes, romance original; Christina (imitação), por Carlos Borges....................... 400
Doze novellas, por madame de Montolieu, 4 vol....... 960
Eduardo e Maria, ou a virtude desgraçada........... 320
Elementos da arte veterinaria, materia medica racional ou resumo dos medicamentos considerados em seus effeitos, por C. Bourgelat, 2 grossos vol........... 2000
Estudante (o) de Coimbra, romance historico desde 1826 a 1838, pelo dr. Guilherme Centazzi, 3 vol......... 800
Folhas soltas, poesias de Eduardo Augusto Vidal...... 500
Edição em papel superior........................ 800
Gabriella de Longueville, 2 vol..................... 600
Grammatica racional latina, por fr. Diogo de Menezes. 300
Guia medico-cirurgica de homœpathia domestica, pelo dr. José Henriques de Proença, com gravuras...... 1000
Guerra do Nizam, por Mery, traducção de Mendes Leal. 440
Historia da organisação dos Bancos, commerciaes, industriaes, agricolas, territoriaes ou hypothecarios... 500
Historia de meninos para quem não for creança, escripta por um homisiado, que soffreu o martyrio de estar escondido cinco annos e dois mezes, segunda edição 400
Historia de Jenny, ou o atheu e o sabio, por Voltaire.. 240
Historia do naufragio, e captiveiro de mr. Brison, romance..................................... 240
Historia do reinado de Luiz XVI e de Maria Antonieta, romance historico por Alexandre Dumas, 6 vol. com estampas.................................. 2400
Holdar e o tribunal mysterioso, ou o triumpho da liberdade, romance por mr. Dourelle, 2 vol,........... 360